



UFPB

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARIA DÉA LIMEIRA FERREIRA DOS SANTOS

A Escola Viva Olho do Tempo e as fontes culturais das práticas educativas dos seus
educadores e educadoras do Vale do Gramame

JOÃO PESSOA

2019

MARIA DÉA LIMEIRA FERREIRA DOS SANTOS

A Escola Viva Olho do Tempo e as fontes culturais das práticas educativas dos seus educadores e educadoras do Vale do Gramame

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Educação Popular.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Gonzaga Gonçalves

JOÃO PESSOA

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237e Santos, Maria Dea Limeira Ferreira Dos.

Escola Viva Olho do Tempo e as Fontes Culturais dos
seus Educadores e Educadoras do Vale do Gramame / Maria
Dea Limeira Ferreira Dos Santos. – João Pessoa, 2019.
147 f.

Orientação: Prof Dr Luiz Gonzaga Gonçalves.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/Educação.

1. Ed. Popular. Cultura. Saber Local. Pedagogia Griô.
I. Gonçalves, Prof Dr Luiz Gonzaga. II. Título.

UFPB/BC

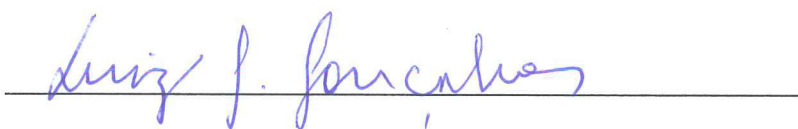
MARIA DÉA LIMEIRA FERREIRA DOS SANTOS

A Escola Viva Olho do Tempo e as fontes culturais das práticas educativas dos seus educadores e educadoras do Vale do Gramame

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação, na linha de Pesquisa Educação Popular.

João Pessoa, 27 de fevereiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luiz Gonzaga Gonçalves – Orientador – UFPB



Prof. Dr. Pedro José Santos Carneiro Cruz – Titular – UFPB



Prof. Dr. Vanildo Mousinho Marinho – Titular – UFPB



Prof. Dr. Fábio Henrique Gomes Ribeiro – Suplente – UFPB

AGRADECER E REVERENCIAR

Agradeço a todas as sagradas energias que me guiam e alimentam a minha fé.

O exercício de agradecer me conecta com desafios e aprendizados que se entrelaçam nos fios que me tecem mulher, trabalhadora, mãe, avó, educadora, aprendiz, filha, irmã, artista, militante e outras eus que pulsam nesse laboratório de vida e que estão presentes, com as dores e delícias, nesse tempo que entrelaça o passado e o presente de histórias em movimento, em vivências com gentes que me constroem e me inspiram. Portanto, muitas são as pessoas, histórias e espaços que aqui estão nas linhas, nas entrelinhas e nas marcas deixadas em mim. E eu agradeço!

Foi na EVOT que eu aprendi a importância da reverência, que se realiza por meio da palavra, com uma fala carregada de sentidos e significados para o que está sendo reverenciado, seja uma pessoa, um lugar, uma memória, um saber, trazendo uma compreensão acerca da importância de cada um desses elementos para o que somos e para as ações que empreendemos no presente. Então, é com muita alegria que nesse instante me coloco em estado de reverência e gratidão.

Quero reverenciar toda a minha ancestralidade nas memórias do meu pai Pedro Santos e da minha mãe Dôra Limeira, honrando e agradecendo pela vida nutrida com arte e afeto.

Quero agradecer e reverenciar a minha família, em especial os meus filhos Tibério Limeira, Chico Limeira, a minha filha Regina Limeira e a minha irmã Raquel Limeira, por me ensinarem que amar e aprender nos move todo dia e sempre.

Reverencio e agradeço à Mestra Doci, Bel, Sandra, Raquel, Penhinha, Flávia, Ivanildo, Thiago, Marcílio, Thaís, Célia e Dane pelas partilhas amorosas e pelas práticas educativas de buscas e bonitezas, que inspiram e alimentam as minhas utopias e lutas para seguir acreditando na construção de outro mundo possível. Assim, saúdo todas as pessoas que constroem a Escola Viva Olho do Tempo com todas as suas nascentes de sonhos e sons, que movem, transformam e cuidam de rios, matas, bichos e gentes. Me percebo privilegiada e fortalecida por sentir que minhas mãos estão entrançadas com outras mãos nos compassos dessa roda

brincante de força transformadora! Agradecimento e reverência à Líllian Pacheco, pelos ensinamentos e vivências com a Pedagogia Griô, que ampliou a minha compreensão e aprofundou o meu enraizamento nesse contexto. Saúdo, ainda, o Vale do Gramame, que me acolhe para tudo isso acontecer em mim!

Agradecimento e reverência ao Prof. Dr. Luiz Gonzaga Gonçalves, meu orientador, pela contribuição cuidadosa e sensível que, para além de me ajudar na construção desse trabalho, mais ainda me animou para os aprendizados da pesquisa científica, reforçando a ideia de que encantamento e ciência podem e precisam caminhar juntos, e que a Universidade não é latifúndio do saber, mas um lugar de construção e partilha de conhecimentos a serviço da felicidade.

Agradeço a todas as pessoas que tive oportunidade de conhecer e conviver ao longo do Mestrado, no PPGE, partilhando ideias, abraços, sorrisos, reflexões e carinhos. Nesse contexto, faço um agradecimento muito especial às minhas amigas Elisabete Delfino, Flávia Sena e Malu Farias e ao meu amigo Bartolomeu Júnior, pela amizade, amorosidade e solidariedade construídas e pelas partilhas de alegrias, discussões, cervejinhas, gingas e axés! A gente segue junto, e ninguém solta a mão de ninguém!

Agradeço a Adeildo Vieira pelas vivências de um amor que acolhe a vida e seus movimentos! Estarmos juntos reacende muitas luzes para alumiar a nossa parceria na construção do mundo que a gente sonha!

E já que ‘eu como devota trago um cesto de alegrias de quintal’, agradeço à Cecília, Anita, Rudá, Iara e Ernesto por fazerem do nosso quintal um espaço ainda mais mágico e mais bonito, e por me ensinarem as coisas mais importantes que preciso aprender!

RESUMO

O trabalho da Escola Viva Olho do Tempo – EVOT, organização não governamental localizada no Vale do Gramame, é construído coletivamente por um significativo conjunto de pessoas, grupos e entidades, mobilizando profissionais, instituições, parcerias e apoios de diversas áreas e de vários cantos da cidade. Contudo, o objetivo desta pesquisa foi identificar e analisar as práticas dos doze educadores e educadoras que moram na comunidade e assumem a gestão compartilhada da entidade, procurando visibilizá-los enquanto autores e autoras desses processos. O legado da Educação Popular e de Paulo Freire se articulam com essas práticas que se movem ancoradas em sonhos, cuidados e trabalhos compartilhados, importantes elementos que mobilizam esses sujeitos para a busca da felicidade de todo dia. Identificamos que as fontes culturais das práticas educativas desses educadores e educadoras revelam um intenso enraizamento no território e um forte aspecto relacional, que são importantes elementos para redizer o mundo e reescrever a palavra com saberes e fazeres gestados pelas gentes do lugar. Os educadores e educadoras se apropriam do lugar, se percebem protagonistas dessas construções e valorizam as relações e as formas coletivas encontradas para ocupar e fortalecer o território. As práticas educativas se revelam em movimentos brincantes de alegria, festa, liberdade, cuidado, sonhos, utopias (FREIRE, 1986) e concretizam uma educação que, dialeticamente, se abastece e produz vida coletiva (BRANDÃO, 1984), numa forte relação identitária com o Vale do Gramame. As práticas da EVOT, portanto, apontam para a desconstrução desse modelo neoliberal hegemônico excludente, no qual o individualismo é a regra, e exercita, com base na Pedagogia Griô, uma educação assentada na relação dialógica, na partilha de saberes entre as gerações, na valorização dos mestres e mestras de tradição oral, na cultura local e no cuidado com o meio ambiente. A experiência ora estudada contribui com a discussão de processos através dos quais os sujeitos se redescobrem a partir dos seus próprios referenciais, apropriando-se de conhecimentos conectados com o seu contexto. Este estudo discute o sentido da educação popular para a relação entre a educação pública e as diversas experiências da sociedade civil com suas práticas, sujeitos e saberes locais, construindo diálogos entre os conhecimentos da tradição escrita e da tradição oral.

Palavras-chave: Educação Popular. Cultura. Saber Local. Pedagogia Griô.

ABSTRACT

The work of Escola Viva Olho do Tempo - EVOT, a non-governmental organization located in Gramame Valley, is collectively built by a significant group of people, groups and entities, mobilizing professionals, institutions, partnerships and support from various areas and various City. However, the objective of this research was to identify and analyze the practices of the twelve educators who live in the community and assume the shared management of the entity. This study sought to understand, from the educational practices of EVOT, how these residents construct educators and educators, and also seeks to make them visible as authors and authors of these processes. The legacy of Popular Education and Paulo Freire articulates with these practices that move anchored in dreams, cares and shared works, important elements that mobilize these subjects for the pursuit of happiness of every day. We have identified that the cultural sources of the educative practices of these educators present an intense rooting in the territory and a strong relational aspect, important elements to rewrite the world and to rewrite the word with knowledge and actions developed by the local people. The educators take ownership of the place, if they perceive protagonists of these constructions and value the relations and the collective forms found to occupy and to strengthen the territory. The educational practices are revealed in movements of joy, celebration, freedom, care, dreams, utopias (FREIRE) and realize an education that, dialectically, supplies itself and produces collective life (BRANDÃO), in a strong identity relation with Gramame Valley. EVOT's practices, therefore, point to the deconstruction of this exclusionary hegemonic neoliberal model, in which individualism is the rule, and exercises, based on the Griô Pedagogy, an education based on the dialogical relationship, on the sharing of knowledge among the generations, on the appreciation of masters and masters of oral tradition, local culture and care for the environment. The experience hereby studied can contribute to the discussion of processes through which subjects can discover and rediscover themselves from their own references, appropriating knowledge that is connected to the context in which they are inserted and points to the need to think in strategies through which local subjects can occupy the public school to exchange knowledge and actions. This study also raises a reflection on the importance of discussing the meaning of popular education for the relationship between public education and the diverse experiences of civil society with its practices, subjects and local knowledge, building dialogues between the knowledge of written tradition and oral tradition.

Keywords: Popular Education. Culture. Local Knowledge. Griô Pedagogy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIA 1 - ENCONTRO DE FORMAÇÃO CONTINUADA - EVOT	33
FOTOGRAFIA 2 - BOIADA PASSANDO EM FRENTE À EVOT	37
FOTOGRAFIA 3 - ESTRADA EM DIREÇÃO À EVOT.	38
FOTOGRAFIA 4 - PONTE DOS ARCOS.....	38
FOTOGRAFIA 5 - CORREDOR DE ACOLHIDA - TAMBORES DO TEMPO	40
FOTOGRAFIA 6 - RIO GRAMAME	45
FOTOGRAFIA 7 - ESTRUTURA PARA O BOLO	51
FOTOGRAFIA 8 - PREPARATIVOS DO BOLO.....	52
FOTOGRAFIA 9 - TAMBORES DO TEMPO.....	59
FOTOGRAFIA 10 - APRESENTAÇÃO DOS TAMBORES DO TEMPO	59
FOTOGRAFIA 11 - II MOSTRA MUSICAL -TEATRO SANTA ROZA	60
FOTOGRAFIA 12 - II MOSTRA MUSICAL - TEATRO SANTA ROZA	61
FOTOGRAFIA 13 - RODA DE CONVERSA NO CANTINHO DA MEMÓRIA	62
FOTOGRAFIA 14 - TRILHA NO QUINTAL DA EVOT	63
FOTOGRAFIA 15 - O RIO GRAMAME QUER VIVER EM ÁGUAS LIMPAS.....	65
FOTOGRAFIA 16 - MUSEU OLHO DO TEMPO	66
FOTOGRAFIA 17 - BIBLIOTECA COMUNITÁRIA OLHO DO TEMPO	667
FOTOGRAFIA 18 - CONTAÇÃO DE HISTÓRIA - E.M. LÚCIA GIOVANNA	68
FOTOGRAFIA 19 - OFICINA DE DANÇA	69
FOTOGRAFIA 20 - OFICINA DE FLAUTA DOCE	70
FOTOGRAFIA 21 - OFICINA DO PRIMA.....	70
FOTOGRAFIA 22 - OFICINA DE CAPOEIRA	71
FOTOGRAFIA 23 - MESTRA DOCI	76
FOTOGRAFIA 24 - PENHINHA.....	78
FOTOGRAFIA 25 - FLÁVIA.....	80
FOTOGRAFIA 26 - SANDRA	81
FOTOGRAFIA 27 - CÉLIA.....	83
FOTOGRAFIA 28 - DANIELE.....	84
FOTOGRAFIA 29 - MARCÍLIO.....	85
FOTOGRAFIA 30 - IVANILDO	86
FOTOGRAFIA 31 - RAQUEL	88
FOTOGRAFIA 32 - THIAGO.....	89
FOTOGRAFIA 33 - BEL	91
FOTOGRAFIA 34 - THAÍS.....	92
FOTOGRAFIA 35 - FORMAÇÃO NA PG GRIÔ COM LÍLLIAN PACHECO	108
FOTOGRAFIA 36 - RODA DIALÓGICA COM EDUCADORES E A MENINADA ..	109
FOTOGRAFIA 37 - PAINEL INSTALADO NO MUSEU OLHO DO TEMPO	113
FOTOGRAFIA 38 - VISITANTES NA EXPOSIÇÃO PERMANENTE	114
FOTOGRAFIA 39 - FACHADA DA EVOT. FONTE: THIAGO NOZI	119
FOTOGRAFIA 40 - ENCONTRO DO CAJUEIRO COM O FLAMBOYANT	119
FOTOGRAFIA 41 - CRIANÇA COM FEBRE NO COLO DA MESTRA DOCI.....	131

QUADRO 1 - TRABALHOS ACADÊMICOS	35
--	-----------

IMAGEM 1 - CAPA DO LIVRO A CEBOLA DE XÉM XÉM.....	112
--	------------

LISTA DE SIGLAS

AMPEP – Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba
CLT – Consolidação das Leis do Trabalho
CMDCA – Conselho Municipal da Criança e do Adolescente
CRAS – Centro de Referência
CREI – Centro de Referência de Educação Infantil
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental
EVOT – Escola Viva Olho do Tempo
FIC – Fundo de Incentivo à Cultura
FUNDAC – Fundação do Desenvolvimento da Criança e do Adolescente
FUNJOPE – Fundação Cultural de João Pessoa
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MEC – Ministério da Educação
MINC – Ministério da Cultura
MP – Ministério Público
ONG – Organização Não Governamental
OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PEC – Proposta de Emenda Constitucional
PECMT – Programa Ecoeducação, Cultura, Memória e Tecnologia
PG – Pedagogia Grão
PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PMJP – Prefeitura Municipal de João Pessoa
PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação
PRIMA – Programa de Inclusão Através da Música e das Artes
SEDES – Secretaria de Desenvolvimento Social
UFPB – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 UM OLHAR INTRODUTÓRIO	11
2 AS FONTES QUE ME AJUDAM A LER O MUNDO	15
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: MIRANDO O OLHO DO TEMPO	27
4 O LOCUS DA PESQUISA: VALE DO GRAMAME, UM LUGAR ONDE AS HISTÓRIAS SE RESPEITAM COMO FRUTEIRAS FRONDOSAS	36
4.1 TOCA O TAMBOR, ENTRANÇA AS MÃOS E BATE OS PÉS: OS SABERES E FAZERES DE TODO DIA NO “PROGRAMA ECOEDUCAÇÃO, CULTURA, MEMÓRIA E TECNOLOGIA”	49
4.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA: DECÊNCIA E BONITEZA DE MÃOS DADAS	75
5 CULTURA, EDUCAÇÃO E SABER LOCAL: APONTAMENTOS SOBRE NOSSAS FONTES CULTURAIS	94
5.1 EMBASAMENTOS E INSPIRAÇÕES DA PEDAGOGIA GRIÔ NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA EVOT	104
5.2 SABERES E FAZERES NO TEMPO DE SONHAR, CUIDAR E COMPARTILHAR.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS.....	138
ANEXO A - ESCOLA VIVA OLHO DO TEMPO-COMBINADOS DE CONVIVÊNCIA	142
ANEXO B - ROTEIRO DAS TRILHAS ECOLÓGICAS E GRIÔS.....	143
ANEXO C - METODOLOGIA DA MOSTRA MUSICAL OLHO DO TEMPO E MÚSICOS PARTICIPANTES NOS ANOS DE 2017 E 2018	144
ANEXO D - ARTICULAÇÕES, MOBILIZAÇÃO E PARCERIAS REALIZADAS EM 2018	145

1 UM OLHAR INTRODUTÓRIO

Pensar a Educação Popular me motiva a olhar, inicialmente, para o meu próprio existenciar, com vivências, estudos e inquietações que me colocam diante da necessidade de aprofundar a compreensão acerca do lugar histórico de opressores e oprimidos, e de pensar caminhos que construam uma práxis libertadora através da qual os sujeitos e as pedagogias se façam e se refaçam (FREIRE, 2005).

O estudo aqui apresentado procurou construir uma investigação sobre a capacidade transformadora dos sujeitos no cotidiano dos seus contextos locais, discutindo processos de educação e cultura enquanto uma relação plural e indicotomizável na formação humana.

Nessa direção, os referenciais teóricos da Educação Popular e o legado de Paulo Freire refletem sobre todo um esquema opressor na educação, nos meios de comunicação e nas relações de trabalho, esquema que gera uma cultura do silêncio e sufoca a autonomia e o pensamento crítico.

Nessa perspectiva, esses referenciais teóricos contribuem para uma leitura de mundo através da qual as diversidades possam ser dessilenciadas, desinvisibilizadas e assim as pluralidades e identidades possam emergir e desvelar os diferentes conhecimentos construídos no cotidiano, buscando uma compreensão dos sujeitos a partir do que eles vivem e do que são capazes para reinventar esse viver e transformar a realidade.

Nessa direção, esta pesquisa nasceu a partir das minhas vivências ao longo de nove anos, enquanto assessora pedagógica, no cotidiano da Escola Viva Olho do Tempo (EVOT), organização não governamental localizada no Vale do Gramame.

O trabalho da EVOT é construído coletivamente por um conjunto de pessoas, grupos e entidades, mobilizando profissionais, instituições, parcerias e apoios de diversas áreas e de vários locais da cidade. Contudo, para esta pesquisa, o meu olhar está voltado aos doze educadores e educadoras que moram na comunidade e assumem a gestão compartilhada da entidade.

Este estudo caminhou buscando uma discussão sobre processos que envolvem educação, cultura e saber local, um entrelaçamento que sempre esteve

presente ao longo das minhas práticas como educadora em espaços de trabalho e estudos, e que me anima a pensar sobre os processos que acontecem de forma diferenciada nas práticas educativas no contexto da escola pública e das organizações não governamentais, ambas com modelos distintos no que diz respeito aos saberes e fazeres construídos, bem como na relação espaço e tempo, contudo, ambas marcadas por diversos aspectos da cultura, presentes nas dinâmicas que movem educandos/as, educadores, educadoras e comunidade.

Portanto, essa pesquisa tem como objetivo central evidenciar as vozes desses educadores e educadoras da EVOT que moram no Vale do Gramame, referenciados ao longo de todo esse texto, procurando visibilizar as suas fontes culturais e buscando compreender os engendramentos que compõem suas práticas educativas, e como eles e elas se apropriam dessas relações e do território.

Quanto aos objetivos específicos, os caminhos foram construídos no sentido de conhecer e sistematizar as ações desenvolvidas pela EVOT, discutir como se cruzam as suas práticas educativas com a Educação Popular e a Pedagogia Griô (PG), procurando construir uma compreensão dos saberes locais na dinâmica do processo educativo.

Localizado ao sul da cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba, formado por comunidades rurais e urbanas, com aproximadamente 14 quilômetros de extensão, o Vale do Gramame possui atualmente uma população de aproximadamente 60 mil habitantes. Em João Pessoa, a área rural se constitui basicamente de posseiros, está situada às margens do rio Gramame e é formada pelas comunidades de Engenho Velho, Gramame e Ponta de Gramame; e a área urbana abrange as comunidades Colinas do Sul I e II, Irmã Dulce, Marinês, Gervásio Maia, Vista Alegre, Comunidade 410, Jardim Colinas, que são recentes bairros populares resultantes da política de habitação dos governos federal, estadual e municipal. Encontram-se ainda, alguns acampamentos do movimento de Luta pela Moradia. A comunidade de Caxitu e o quilombo de Mituaçu, no município do Conde/PB, também estão às margens do rio Gramame, e compõem o Vale.

Tolentino (2016), apresentando alguns dados sobre o bairro, afirma que no bairro de Gramame, a renda média perfazia o total de R\$ 337,00 e apenas 1,2% dos domicílios possuíam esgotamento sanitário.

A EVOT (ou Olho do Tempo, como também é chamada), criada em abril de 1998, associação sem fins lucrativos, com certificação de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), razão social de nome Congregação Holística da Paraíba Escola Viva Olho do Tempo, credenciada pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), segundo sua principal idealizadora, Mestra Doci, surgiu com a proposta de plantar sonhos, cuidar das matas, olhos d'água e rios.

As crianças e adolescentes participantes frequentam a escola pública no horário oposto e, na EVOT, participam das atividades que acontecem nos dias úteis, de segunda a sexta-feira, nos turnos da manhã e da tarde, com 03 horas de duração em cada turno. As famílias também são envolvidas através dos encontros de formação, que consistem em vivências e rodas dialógicas com as temáticas relacionadas aos processos trabalhados. Atualmente participam um total de 130 crianças e adolescentes, e as turmas desses educandos/as são organizadas por faixas etárias identificadas por cores assim definidas: turma verde, faixa etária de 6 a 8 anos; turma azul, de 9 a 11 anos; turma amarela, de 12 a 15 anos; turma laranja, de 16 a 17 anos. Contudo, observa-se que essa divisão não é rígida, e a relação geracional, presente no cotidiano através das vivências e rodas envolvendo educadores, meninada, familiares, mestres e mestras de tradição oral, se apresenta como uma importante dimensão do trabalho da entidade, que tem como referencial teórico-metodológico a Pedagogia Griô, a ser discutida ao longo deste estudo.

Quanto à estrutura do texto, após esta introdução apresento, na parte 2, um mergulho nas minhas próprias fontes, relendo os mundos das minhas experiências e buscas que conectam passado e presente.

Na parte 3, apresento os caminhos da pesquisa e os desafios para aprender a olhar a Escola Viva Olho do Tempo. Considerando que o propósito deste estudo consiste na descrição e a análise do que as pessoas de um mesmo lugar fazem habitualmente, revelando os significados que dão aos seus fazeres, optei por uma pesquisa de abordagem etnográfica, buscando entender a comunidade através do ponto de vista de seus membros, procurando descobrir as interpretações que eles dão aos acontecimentos que os cercam (NEVES, 2006), construindo uma narrativa dos processos que envolvem as relações particulares dos sujeitos e as relações ao todo do contexto em que estão inseridos.

Na parte 4, intitulada “Vale do Gramame, um lugar onde as histórias se respeitam como fruteiras frondosas”, faço uma breve caminhada pelo Vale, procurando ouvir as vozes dos próprios educadores e educadoras sobre esse lugar. Em seguida, apresento a EVOT, discutindo o “Programa Ecoeducação, Cultura, Memória e Tecnologia” (PECMT), com os fazeres e saberes do cotidiano. Finalizo essa parte apresentando os educadores e educadoras, sujeitos desta pesquisa.

Na quinta parte do trabalho, reflito sobre educação, cultura e saber local, a partir de alguns apontamentos sobre as nossas fontes culturais; em seguida, discuto as práticas da Pedagogia Griô no cotidiano da EVOT; e finalizo refletindo sobre sonhos, cuidados e compartilhamentos que movem esse espaço.

Nas Considerações Finais, evidencio que a EVOT é uma importante referência na comunidade e na cidade como um todo, destacando-se nas ações em defesa do meio ambiente e do rio Gramame, nos trabalhos com a Pedagogia Griô, memória, cultura e educação. Considero que as suas práticas apontam para a desconstrução desse modelo neoliberal hegemônico excludente, e exercitam, com base na Pedagogia Griô, uma educação assentada na relação dialógica, na partilha de saberes entre as gerações, na valorização dos mestres e mestras de tradição oral, revelando estratégias para repensar, interferir e transformar a educação pública.

2 AS FONTES QUE ME AJUDAM A LER O MUNDO

Imergindo nas memórias das minhas vivências como educadora, vou compreendendo o meu encontro com a Educação Popular, procurando entender o parentesco entre os tempos vividos, o desaguar das minhas fontes na EVOT e os caminhos que convergiram para gerar as motivações que me levaram a pesquisar as práticas protagonizadas por homens e mulheres que constroem processos educativos no Vale do Gramame. Com essas pessoas tenho partilhado convivência afetiva e aprendizados que dão sentido às minhas buscas e irradiam inspiração para os demais campos da minha vida.

Me movo inspirada, também, pela educação pública e pelos profissionais que, com suas inquietações, se movimentam para repensá-la, questionando seus símbolos e rituais, construindo possibilidades para um processo educativo mais significativo que leve em conta esse contexto rico, diverso, complexo e desafiador que é o chão da escola e a comunidade.

Portanto, as memórias aqui resgatadas me ajudam a pensar sobre o meu existir como educadora, tanto na educação pública, quanto nos contextos não governamentais, e que tem me levado a refletir sobre as divergências e convergências entre as práticas educativas que acontecem em ambos os contextos.

Os meus aprendizados acerca de uma educação comprometida com a realidade e com as transformações sociais iniciaram já na infância. Ser filha de professor e professora nos manteve, eu, meu irmão e minhas três irmãs, sempre em intensa relação com os debates e a militância do meu pai e da minha mãe na luta por uma educação pública de qualidade e por melhorias salariais para a categoria. Lembro ter participado, ainda criança, de muitas atividades, acompanhando a minha mãe nas assembleias dos professores da Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba (AMPEP) e nas mobilizações da categoria.

Meu pai, Pedro Pereira dos Santos, era maestro e professor de música; Minha mãe, Maria das Dores Limeira Ferreira dos Santos, era professora de história, e depois que se aposentou descobriu a escrita literária, passou a escrever contos,

foi uma das fundadoras do Clube do Conto da Paraíba e lançou cinco livros de sua autoria. Na literatura é conhecida por Dôra Limeira. No seu último livro, autobiográfico, escrito em 2015, ano do seu falecimento, intitulado “O afetuoso livro das cartas”, ela escreve:

Sempre trabalhei fora de casa desde muito cedo. Sempre dei aulas a muitas e numerosas turmas. Levei para casa tarefas extenuantes, preparar e corrigir provas, preparar aulas e apostilas, selecionar textos para estudos, datilografar e mimeografar material para pesquisas. Ministrava aulas nos tempos da ditadura militar, tinha medo e muito cuidado com o que ensinava aos alunos. A repressão era muito intensa à época (LIMEIRA, 2015, p. 42).

Os diálogos entre meu pai e minha mãe sobre educação eram sonoridades bem presentes no meu cotidiano, inclusive, muitos diálogos sobre as dificuldades financeiras vividas por eles para criar os seus cinco filhos, o trabalho exaustivo e a repressão, como exposto acima, eram assuntos corriqueiros.

Toda a minha trajetória de estudo escolar se deu em escolas públicas: o ensino infantil no Grupo Escolar Gepetê; o ensino fundamental na Escola Estadual Sesquicentenário; o ensino médio na Escola Técnica Federal da Paraíba; e a graduação e especialização, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). As lacunas deixadas pela educação bancária, que sempre vivenciei em todas essas escolas, de certa forma eram minimizadas em casa com o contato permanente com os livros, com as conversas sobre educação, com a vivência cotidiana que tínhamos com a arte, sobretudo com a música, cantando e tocando, vivenciando em casa uma educação política e cultural.

Em meio às práticas de educação bancária, no cotidiano das escolas onde estudei, eu também sempre encontrava as brechas para me inserir nas atividades de teatro, nos corais e banda marcial, e essas atividades artísticas se intensificaram no ensino médio, na Escola Técnica, onde participei de vários grupos artísticos e mais intensamente do coral da instituição, inclusive realizando diversas viagens para cantar em outras cidades.

Após concluir o ensino médio, optei pela Licenciatura em Educação Artística/Habilitação em Música, na UFPB, curso que iniciei ainda com a idade de dezessete anos, buscando me profissionalizar a partir das minhas motivações e vivências com a educação, a arte e a cultura. Os estudos na Universidade foram

divididos com as demandas de duas gestações e nascimento dos meus dois primeiros filhos. Em 1988 concluí a graduação, e em 1991 tive minha terceira gestação e o nascimento da minha filha. Desde então, a vida profissional sempre precisou ser conciliada com as demandas de dois filhos e uma filha para cuidar.

Iniciei a minha atuação profissional como professora de flauta doce, e desde então eu já me inquietava com os métodos tradicionais do ensino de música, e procurava desenvolver com os meus alunos um trabalho de musicalização com foco nos sons e movimentos corporais, com atividades para ouvir, dançar, cantar, tocar, criar, ao invés de uma prática voltada meramente para os estudos de teoria musical, tão em evidência na época.

Essas ideias eram embasadas pelos estudos realizados na disciplina Metodologia do Ensino da Música, na UFPB, ministrada por Maura Penna, professora de importante referência nos meus estudos acadêmicos, que me proporcionou trilhar um caminho diferente dos moldes tradicionais, experimentando uma vivência onde a construção de conceitos musicais estava relacionada à ludicidade do fazer musical, tirando o ensino de música do 'pedestal' e construindo processos de ensino e aprendizagem mais acessíveis, onde o contexto do educando era levado em conta, sobretudo, com relação ao repertório. Essas experimentações me acompanharam e foram amadurecidas em outros espaços em que trabalhei com musicalização e com o ensino da flauta doce.

Posteriormente, a partir de um estágio na Coordenação de Música do Serviço Social do Comércio (SESC), aconteceu a minha primeira experiência como regente de canto coral. Refletindo sobre as relações de exploração a que os comerciários eram submetidos nas lojas e demais estabelecimentos, iniciei as atividades do coral com o propósito de construir um espaço no qual, além de cantar, pudéssemos partilhar histórias de vida e fortalecer as relações. Assim, antes dos ensaios das músicas, realizávamos atividades de integração e rodas de conversas com temáticas variadas. E os ensaios se transformavam em momentos de reflexão e aprendizados. As próprias letras das canções inspiravam os temas para essas rodas de conversas, entrelaçando vida, música, poesia, trabalho.

Aos poucos, ainda sem muito aprofundamento, eu ia compreendendo o sentido da voz que necessita se expressar de diversas formas, e me chamava

atenção a alegria e o prazer que aquelas pessoas expressavam com relação à possibilidade de cantar, bem como de falar das suas leituras de mundo, suas histórias de vida e trabalho, com as adversidades, desafios, motivações.

No final dos anos 80, a partir de um estágio, fui contratada para o quadro permanente da Fundação do Desenvolvimento da Criança e do Adolescente (FUNDAC), do qual faço parte até hoje, tendo trabalhado com educação em diversos núcleos dessa instituição.

No ano de 1992, a FUNDAC promoveu uma formação no método Paulo Freire, com a professora Salete Van Der Poel, momento em que iniciei o meu contato com os estudos da Educação Popular. Na ocasião, o Estatuto da Criança e do Adolescente já estava em vigor, instituído pela Lei 8.069 no dia 13 de julho de 1990, regulamentando os direitos das crianças e dos adolescentes e trazendo novos paradigmas para os trabalhos com a infância e a juventude, implicando em novas posturas para o Estado, a família e a sociedade, entre as quais, passando a considerar a criança e o adolescente como sujeitos de direitos. Contudo, ainda travávamos muitas discussões com diretores e coordenadores, que quase sempre assumiam posicionamentos que divergiam das novas leis e das diretrizes pedagógicas construídas coletivamente pelas equipes de trabalho das unidades. Até os dias atuais, e cada vez mais, muitos direitos garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente ainda estão apenas no papel. Atualmente muitas organizações têm travado uma luta permanente contra retrocessos no sistema de garantia de direitos, a exemplo da luta contra o rebaixamento da maioridade penal, defendida hoje por muitos parlamentares no Congresso Nacional sob a alegação de que, com a diminuição da idade penal, haverá uma diminuição da violência. Ou seja, a solução pensada por esses parlamentares é criminalizar os adolescentes, confinando-os em um sistema carcerário. Assim, o Estado não cumpre com as suas obrigações quanto às políticas públicas, deixando os adolescentes relegados à própria sorte, com seus direitos fundamentais cotidianamente violados e negados, defendendo ainda a ideia de que os adolescentes devem ser culpabilizados e punidos à luz do código penal.

Nesse contexto, sempre busquei estar atenta para me fortalecer com as parceiras que vislumbravam um pensar pedagógico em sintonia com a educação popular e com a defesa do Estatuto da Criança e do Adolescente. Foi nessa busca

que, em 1998, conheci e passei a atuar em uma unidade de trabalho da FUNDAC, chamada Granja Encontro da Turma, espaço localizado na Favela do Taipa, que desenvolvia um trabalho com adolescentes e familiares daquela comunidade, situada no entorno do Conjunto Costa e Silva. Nesse espaço, eu trabalhei com adolescentes em oficinas de flauta doce e canto. A equipe de trabalho era formada por profissionais que também atuavam em outros espaços como Pastorais, Movimento de Mulheres e em algumas Organizações Não Governamentais (ONG's) da cidade, um grupo de profissionais comprometido com uma prática de educação popular, com ações e conhecimentos construídos coletivamente com a comunidade.

A Granja Encontro da Turma foi uma experiência marcante na minha formação, onde tive oportunidade de vivenciar a educação popular através de processos educativos com adolescentes, famílias e comunidade, e também um significativo processo de formação continuada de educadores/as que nós mesmos promovíamos entre nós, com encontros mensais para vivências de autoconhecimento, estudos de textos e rodas de conversas com discussões e encaminhamentos relacionados aos nossos fazeres, buscando embasamentos nos referenciais teóricos de educação popular e procurando compreender a importância de uma permanente reflexão sobre as nossas práticas, como aponta Freire (1996): na formação permanente de professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.

Assim, eu iniciava os aprendizados da práxis através das ações e reflexões cotidianas, aprendizados que contribuíram para ampliar a minha visão sobre a dimensão sócio-política da educação. Nos anos seguintes tive oportunidade de aprofundar essas experiências com a educação popular, aprendendo a ler as relações que acontecem no contexto local, trabalhando nas ONG's Projeto Beira da Linha, no Alto do Mateus, e Casa Pequeno Davi, no Roger, espaços que até hoje são importantes referências para a minha vida, e também se destacam no trabalho educativo e na defesa dos direitos da criança e do adolescente na cidade de João Pessoa.

Mediante concurso público, no final dos anos 90, fui nomeada professora de Arte da Prefeitura de Santa Rita, atuando em turmas de 5º ao 8º ano do Ensino

Fundamental, nos turnos diurno e noturno, na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Professora Helena Isaura Guerra, localizada no Alto das Populares, periferia da cidade.

Além da atuação no cotidiano da sala de aula, consegui construir, na escola mencionada, por quatro anos consecutivos, a Feira de Arte e Cultura do Alto das Populares, que reunia artesãos e artesãs do próprio bairro, através da mobilização realizada pelos próprios alunos, a partir dos nossos trabalhos de sala de aula. Os artesãos ocupavam toda a escola, nos três turnos, com seus artesanatos expostos à venda e com rodas de diálogo com a comunidade escolar. Essa proposta estava diretamente relacionada com os meus interesses em buscar fortalecer o diálogo da escola com a comunidade. Assim, por meio da relação com os artistas populares da localidade e compreendendo a importância da dimensão simbólica desses saberes, a escola foi construindo uma relação de respeito e valorização da arte produzida no próprio bairro.

Nesse sentido, Brandão (2008, p.37) chama atenção para um importante aspecto sobre o qual não podemos descuidar quando pretendemos ocupar a escola com a cultura local: “Mas seria então necessário trazê-la para a escola e para a educação, não como fragmento do que é pitoresco e curioso, ou como um momento de aprendizado de hora de recreio”. O autor ressalta a importância do sentido de se reaprender com outras sábias e criativas maneiras de viver, de sentir e pensar a vida com a sabedoria e a sensibilidade das artes e da cultura do povo. Nessa perspectiva, na Feira de Arte e Cultura, os artesãos e artesãs protagonizavam partilhas de conhecimentos dentro da escola, expondo suas artes, conversando sobre os seus processos de produção e sobre suas histórias de vida com o artesanato.

Dessa forma, buscava-se a construção de outros referenciais de conhecimentos nesse espaço escolar, procurando compreender a arte e a cultura a partir da valorização dos saberes e fazeres da própria comunidade e dando visibilidade aos aspectos positivos do lugar, uma vez que o Alto das Populares era um bairro que constantemente estava nas páginas policiais dos meios de comunicação.

Outro aspecto que considero importante registrar é que, desde a conclusão da graduação em 1988, eu sempre precisei trabalhar em mais de um espaço paralelamente, uma realidade comum para nós professores e professoras da educação pública, em virtude dos baixos salários pagos pelos nossos serviços, o que nos obriga correr o dia todo de uma escola para outra, exaustivamente. Essa questão precisa ser sempre colocada em pauta quando pensamos e lutamos por uma educação pública de qualidade, porque a baixa remuneração tem implicações na qualidade de vida do professor/a e, por conseguinte, na qualidade do trabalho que realizamos. Obviamente, ter que dar conta de uma jornada dupla ou tripla, envolvendo duas e até três escolas, interfere sobremaneira em tudo que diz respeito à qualidade do exercício da nossa profissão. Nesse sentido, é imprescindível que o engajamento nas lutas dos sindicatos e de outros espaços de organização tenha prioridade nas nossas agendas.

Como professora da rede pública, outro problema que vivenciamos é a escassez de espaços de formação, que concorre para muitas lacunas no exercício da nossa profissão. Contudo, mesmo diante das dificuldades e da sobrecarga de trabalho, uma permanente inquietação me mobilizava a buscar esses espaços formativos, fontes que muito me ajudaram a ler o mundo, vivenciando processos para trocar experiências, aprofundar conhecimentos, partilhar possibilidades e fortalecer o meu processo de autoconhecimento. Ir me descobrindo e me formando educadora popular me trazia a responsabilidade de aprofundar a leitura dos meus mundos para que eu pudesse compreender e respeitar as leituras de outros mundos, ambas com suas forças identitárias e suas contradições. Ao mesmo tempo, em uma relação dialética, a leitura de outros mundos me proporciona sempre novas leituras do meu próprio mundo.

Sempre busquei uma participação com muita entrega nos espaços de formação, mergulhando nos processos, acessando minhas potencialidades, minhas fragilidades, desconstruindo e reconstruindo visões de mundo. Nessa perspectiva, tive a oportunidade de vivenciar significativos aprendizados em diversos cursos, entre os quais pontuo os mais importantes quanto aos conteúdos e processos vivenciados, a saber: **Curso de Formação de Educadores/as**, promovido pela Cunhã Coletivo Feminista, com conteúdos teórico-metodológicos e vivenciais da Educação Popular; **Curso de Danças Circulares**, com conteúdos teóricos e

vivenciais relacionados a danças de roda de diversas etnias; **Curso de Terapia Comunitária**, constituído de vivências de autoconhecimento e práticas em comunidades; **Curso de Formação na Pedagogia Griô**, promovido pela Escola Viva Olho do Tempo, ministrado pela educadora Líllian Pacheco, idealizadora desta pedagogia, com conteúdos teóricos e vivências com mestres e mestras de tradição oral do Vale do Gramame; **Curso de Facilitadora em Biodança**, promovido pela Escola de Biodanza Aldeia dos Camarás – PE, realizado em módulos, em regime de imersão, nos quais foram trabalhadas as teorias e as vivências da Biodança.

Todos esses cursos me colocavam em contato com movimentos e reflexões, contribuindo para os meus conhecimentos sobre o trabalho com grupos e com comunidade, alguns, mais especificamente, aprofundaram os meus conhecimentos teórico-metodológicos com a educação popular. Esses aprendizados se entrelaçam, e até hoje reverberam em experiências e descobertas epistemológicas, me ajudando a reinventar a minha prática, fortalecendo o meu empoderamento enquanto educadora, sobretudo no que diz respeito à minha compreensão acerca da relação indicotomizável entre subjetividade e objetividade, consciência e mundo (FREIRE, 1992), aprendizados que se refletem em todas as posturas que assumo, nas lutas que abraço com as levezas e firmezas necessárias e em todas as escolhas que convergiram para a minha atuação na educação pública e nas organizações da sociedade civil, buscando descobrir os sabores, saberes, fazeres, lutas, sonhos e utopias de contextos nos quais me lanço também com os meus sabores, saberes, fazeres, lutas, sonhos e utopias

Os aprendizados com práticas de educação, arte e cultura sempre ocuparam relevantes espaços nas minhas motivações, pois se constituíam em importantes caminhos para o fortalecimento das minhas utopias. Assim, paralelamente às minhas atividades profissionais, durante alguns anos me inseri em alguns projetos do Musiclube da Paraíba, associação sem fins lucrativos, que reunia músicos e agentes culturais com a finalidade de criar projetos voltados para a produção dos artistas locais. Com o objetivo de construir práticas e reflexões acerca da cultura, da arte e dos meios de comunicação, esses projetos envolviam shows musicais, exibição de vídeos documentários, recitais de poesia, debates, círculo de palestras, com ações realizadas em diversos bairros da cidade de João Pessoa.

Vale ressaltar que nas décadas de 80 e 90 não se tinha espaços de valorização da música local, e construir caminhos para esta valorização era uma importante pauta do Musiclube. Dessa forma, através desse trabalho, participei de significativas experiências junto ao movimento cultural de João Pessoa, desenvolvendo atividades tanto relacionadas ao fazer artístico, quanto ao debate e reflexão acerca do contexto sócio cultural da cidade, construindo uma visão crítica desse contexto, compreendendo a democratização e a diversidade cultural enquanto elementos imprescindíveis para a educação e para a compreensão da realidade.: “Afirmar a cultura como um direito é opor-se à política neoliberal, que abandona a garantia dos direitos, transformando-os em serviços vendidos e comprados no mercado e, portanto, em privilégios de classe” (CHAUI, 2009, p.51).

Ainda nessa direção, caminhando pelos aprendizados com a arte e a cultura, e aprendendo quanto aos enfrentamentos dos paradigmas neoliberais, outra fonte que também me ajuda a ler o mundo é o Coral Voz Ativa, grupo musical que participo desde o ano de 1993, que tem como principal proposta cantar e divulgar as músicas dos compositores da Paraíba, fazendo do canto coral uma ferramenta para uma atuação junto aos diversos movimentos da cidade, com vozes que se somam às lutas pela cidadania, questionando a hegemonia dos meios de comunicação de massa, fortalecendo a cultura local e o canto coletivo.

O Coral Voz Ativa integrou o Musiclube na década de noventa, e ambos, Voz Ativa e Musiclube, me colocavam em permanentes atividades, discussões e reflexões envolvendo arte, cultura e educação, o que enriqueceu meus referenciais enquanto educadora. Essa experiência resultou em um estudo por mim realizado, em 1997, como trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Fundamentos Metodológicos da Apreciação e Crítica no Ensino das Artes, do Departamento de Artes da UFPB, sob a orientação da professora doutora Maura Penna, intitulado Musiclube da Paraíba: Uma Prática Não Formal de Democratização da Arte e da Cultura.

No ano de 2005, o Partido Socialista Brasileiro (PSB) assumia, com o então Prefeito Ricardo Coutinho, a primeira gestão da Prefeitura de João Pessoa, reunindo no seu quadro pessoas com histórias e experiências no movimento cultural da cidade. Dentro desse contexto, fui convidada para assumir a Chefia da Assessoria

Pedagógica da Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE), onde permaneci até fevereiro de 2012. Nesse espaço, juntamente com o artista multimídia e músico Pedro Osmar, construímos e coordenamos projetos de arte que dialogavam com agentes e espaços comunitários de diversos bairros de João Pessoa, com o objetivo de visibilizar o trabalho de artistas e grupos culturais existentes em vários locais da cidade, sobretudo na periferia, que constroem com muito esforço, ações de arte e cidadania nos seus bairros e comunidades. Entre essas ações que dialogavam com os bairros da cidade, um dos trabalhos mais significativos foi o projeto intitulado “Oficinas Culturais nos Bairros”, sobre o qual, eu e Pedro Osmar produzimos, no ano de 2010, um vídeo documentário intitulado “Memórias do Futuro”, registrando um quantitativo de cem oficinas de arte, cultura e educação popular, que ocupavam diversos espaços comunitários dos bairros de João Pessoa.

Nessas caminhadas pelos bairros da cidade, conheci a EVOT, e logo percebi que ali “o sonho se faz uma necessidade, uma precisão” (FREIRE, 1992, p.100), ao ouvir da Mestra Doci a seguinte frase: “Acreditar nos sonhos de cada criança é acreditar em um mundo melhor para todos nós”, me fez ver juntamente com outras conversas em torno do sonho, que novos sonhos se reacenderiam em mim. A forte presença da comunidade nos trabalhos de educação, arte e cultura também me chamou a atenção, por se tratar de processos que dialogavam com as minhas motivações enquanto educadora. Então, passei a visitar o espaço com certa frequência e, a partir de um convite da Mestra Doci, senti o chamado, e passei a integrar a equipe de trabalho da EVOT em 2009, na qual permaneço até hoje.

A relação de trabalho foi formalizada através de um requerimento da Escola Viva Olho do Tempo para o Governo do Estado, solicitando à FUNDAC a minha disposição para a entidade. Inicialmente, assumi a responsabilidade de trabalhar a formação continuada de toda a equipe da EVOT e, ao longo desses nove anos, tenho contribuído com outros trabalhos da entidade, na assessoria pedagógica, na elaboração de projetos, no aprofundamento dos estudos da Pedagogia Griô, na produção e revisão de textos para as redes sociais e outros espaços de divulgação, articulação com espaços da comunidade (a exemplo do Centro de Referência da Assistência Social - CRAS, escolas públicas, entre outros), articulação com artistas da cidade para projetos solidários em prol da EVOT, coordenação da mostra musical, além de contribuir com outras demandas sempre que necessário, como

atuar como motorista, lavar louça, participar dos mutirões de arrumação dos espaços, cantar e tocar ganzá nas rodas diversas.

Paralelamente a esse trabalho na EVOT, em 2012, por meio de Concurso Público, ingressei na Rede Municipal de Ensino de João Pessoa, assumindo o cargo de Professora de Educação Musical. Como professora do município, participei, nos anos de 2014 a 2016, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência(PIBID) - Música/UFPB, na função de Professora Supervisora, sob a coordenação dos Professores Vanildo Mousinho Marinho e Fábio Henrique Ribeiro, sendo responsável por dez alunos graduandos em Licenciatura em Música na UFPB, que me acompanhavam no cotidiano da sala de aula da escola pública. Esse diálogo entre a Universidade e a escola pública me reanimou e me inspirou a voltar à Academia para cursar o Mestrado. Escolhi o Mestrado em Educação exatamente pela necessidade e desejo de aprofundar os conhecimentos acerca da Educação Popular, que tem me movido ao longo da minha atuação como educadora, tanto na escola pública, quanto nos espaços não governamentais.

Atualmente me encontro trabalhando, paralelamente à escola pública da rede municipal de João Pessoa, na organização não governamental EVOT, buscando as conexões das contribuições que ambos os espaços podem fomentar entre si, e percebendo que ambos me retroalimentam de permanentes desafios e aprendizados. Essa percepção, que foi se construindo ao longo da minha caminhada enquanto educadora, tem se aprofundado a partir dos meus encontros e descobertas com a Pedagogia Griô, através da Escola Viva Olho do Tempo, com estudos e práticas voltados para a mediação dos saberes de tradição oral em escolas públicas do Vale do Gramame, como demonstrada na afirmação: “o fio da meada é a história de vida de cada um, tecida com a de seu povo e nação, integrada ao mundo, este é o único fio que podemos reatar”. (PACHECO, 2015, p.41).

Assim, nos estudos do Mestrado tenho exercitado reatar os fios da minha própria história, forjada nas práticas educativas da escola pública e das organizações não governamentais, nos quais a educação, a arte e a cultura estão presentes e se relacionam em diferentes dinâmicas. Nessa direção, os estudos da Educação Popular contribuem para aprofundar essas reflexões, construindo uma compreensão a partir das histórias presentes no cotidiano das comunidades nas

quais as práticas acontecem, considerando os diversos saberes e fazeres nelas existentes.

Em *Pedagogia da Esperança*, Paulo Freire reflete sobre os diversos processos que vão compondo a nossa existência e que, quase sempre, vão se desconectando ao longo do caminho em virtude de uma dinâmica que concorre para uma fragmentação da vida, fazendo com que tenhamos uma percepção também fragmentada dos processos nos quais estamos inseridos, afirmando que:

Às vezes nós é que não percebemos o “parentesco” entre os tempos vividos e perdemos assim a possibilidade de “soldar” conhecimentos desligados e, ao fazê-los, iluminar com os segundos, a precária claridade dos primeiros (FREIRE, 1992, p.19).

Exercitar o olhar para as minhas próprias fontes, compreendendo o “parentesco” entre os meus tempos vividos, vai me ajudando nesse exercício de “soldar conhecimentos desligados” e aprender a olhar as fontes culturais de educadores e educadoras da Escola Viva Olho do Tempo.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: MIRANDO O OLHO DO TEMPO

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - ME AJUDA A OLHAR! (Eduardo Galeano, em O livro dos abraços, 2002)

Posso afirmar que, na busca por compreender como se dá a construção das práticas educativas na Escola Viva Olho do Tempo - EVOT, eu me senti qual o menino Diego, personagem da epígrafe deste capítulo. Assim, a metodologia desta pesquisa foi se construindo no sentido de lançar mão de importantes ajudas para esse desafio de aprender a olhar, procurando traduzir em palavras essas experiências captadas com as diversas dimensões do perceber e, com essa percepção multissensorial, poder mirar não só a objetividade, mas “a dimensão individual, cotidiana e subjetiva, que é uma dimensão decisiva para a interpretação do que existe” (HOLLIDAY, 2006, p.).

Destaco que esse texto está permeado pela linguagem de gênero, expressando o masculino e o feminino nas palavras, por considerar que a linguagem descortina os importantes papéis que as mulheres assumem na construção da história. Corroborando com Freire (1992, p.68) que “mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. A relação entre linguagem-pensamento-mundo é uma relação dialética, processual, contraditória”. O autor chama a atenção para essa questão em Pedagogia da Esperança, afirmando ainda que “A recusa à ideologia machista, que implica necessariamente a recriação da linguagem, faz parte do sonho possível em favor da mudança do mundo” (idem, 1992, p.68). Ademais, o papel das

mulheres é marcante no trabalho da EVOT, tanto quantitativamente – na gestão compartilhada, são nove mulheres e três homens – quanto qualitativamente, uma vez que fica evidente na rotina dos trabalhos o papel de destaque que as mulheres ocupam nas tomadas de decisão relacionadas à gestão da entidade.

Essa pesquisa tem como protagonistas um conjunto de pessoas que apresentam características bem diversas quanto à escolaridade, visão de mundo, modo de vida e faixa etária. Mediante autorização a mim previamente concedida e documentada, as mulheres e homens aqui referenciados revelaram a satisfação em terem suas identidades visibilizadas. Portanto, as investigações se deram em torno de conhecer e visibilizar as fontes culturais desses educadores e educadoras, buscando uma compreensão do trabalho coletivo realizado na entidade e, nesse contexto, procurando entender como essas pessoas lidam com os modelos de relações excludentes nos quais se alicerça a organização da sociedade, a exemplo do que descreve Muñoz:

Essa sociedade, assim organizada, não chama as crianças, adolescentes e jovens, nem os velhos. Não deseja sua participação. O mais grave, porém, é que não evidencia que este não desejá-los, não convocá-los, provoca uma sociedade privada do grande capital socioeducativo e político que têm as crianças, adolescentes e jovens como portadores de ideias frescas, novas, capazes de provocar a mudança, e os idosos como transmissores de um saber, um saber acumulado, prenhe de vivências, de experiências (MUÑOZ, 2004, p. 33).

No dia a dia da entidade é fácil observar que os encontros intergeracionais são importantes componentes da prática pedagógica da EVOT, e acontecem no cotidiano das relações da própria equipe de educadores e educadoras, com atividades de formação continuada, reuniões, planejamentos, rodas dialógicas e na partilha dos trabalhos do dia a dia. Acontecem ainda nas rodas onde a Mestra Doci conta histórias para crianças e adolescentes; nas rodas onde educadores/as, crianças e adolescentes avaliam e planejam as atividades e os combinados de convivência; nas vivências com os mestres/as de tradição oral da comunidade; nos ensaios dos Tambores do Tempo, com participantes na faixa etária de 6 a 18 anos ensaiando juntos e se relacionando entre si; nos eventos, festas e mutirões, que reúnem adultos, adolescentes e crianças.

Oscar Jara Holliday (2006) chama atenção também para uma compreensão quanto à maneira como se vive o cotidiano dessas práticas e quanto à importância de olhar para a subjetividade nessas vivências, sendo necessário um permanente exercício de alargar o olhar para entender as objetividades e subjetividades que vão dando as bases e contornos dessa viva escola. Para isso, busquei lançar mão de estudos que questionam os paradigmas hegemônicos arraigados nos modelos postos quanto aos referenciais de cultura, educação e saber local, procurando lançar luz às perspectivas pedagógicas nas quais as objetividades e subjetividades pudessem ser descortinadas.

Com essas motivações, optei por uma abordagem metodológica **qualitativa**, uma vez que o nosso estudo nesta pesquisa pressupõe essa vivência, experiência, cotidianidade e protagonismo desses educadores e educadoras, coadunando com Boaventura de Souza Santos no sentido de que:

É necessário voltar às coisas simples, à capacidade de formular perguntas simples, perguntas que, como Einstein costumava dizer, só uma criança pode fazer mas que, depois de feitas, são capazes de trazer uma luz nova à nossa perplexidade (SANTOS, 1987, p.6).

Confesso que enxergar as perplexidades é um aprendizado ainda em processo, o que me leva a empreender um esforço permanente para esse exercício de construir caminhos epistêmicos para os estranhamentos e, assim como enfoca Restrepo (2018, p. 27), aprender “a gerar uma mirada reflexiva sobre aqueles assuntos da vida social que são relevantes para a investigação”. De modo que os desafios foram constantes para esse exercício de sair das obviedades geradas pela minha participação ativa nesse espaço e pelo meu olhar familiarizado, e para me colocar atenta ao que se diz, como está sendo dito, buscando ler, inclusive, os silêncios, procurando aprender a escutar, entender e visibilizar as coisas que aparentemente pareciam triviais.

O constante exercício de desconstruir uma postura etnocêntrica, também foi desafiador, pois, como alerta Restrepo (2018, p. 28), se faz imprescindível o cuidado com a arrogância cultural do etnocentrismo, que se constitui em “fonte de cegueira para a investigação etnográfica”, colocando os valores, ideias e práticas da

formação cultural do etnógrafo como superiores aos das pessoas que são sujeitos ou colaboram com a investigação.

Mediante aprovação desta pesquisa pelo Comitê de Ética da UFPB (sob o parecer de número 2.557.808) em março de 2018, me lancei a todos esses desafios, e iniciei o trabalho de campo tomando como ponto de partida uma observação participante, ora atuando nas minhas funções de assessora pedagógica no cotidiano da instituição, ora apenas observando, procurando os estranhamentos, em outros momentos realizando entrevistas, gravações, registros fotográficos e audiovisuais, e fazendo as devidas anotações no diário de campo.

As entrevistas constaram de questões abertas, transcritas literalmente, e foram realizadas sempre na própria dinâmica do ambiente de trabalho. É importante esclarecer que, como lancei mão, também, de anotações pessoais feitas em rodas pedagógicas de anos anteriores, alguns dados apresentados ao longo do texto, se relacionam com diferentes temporalidades, contudo, estão devidamente datados a fim de situá-los nos seus respectivos tempos. Lancei mão, ainda, de alguns documentos da entidade, como folders, catálogos, projetos, fotos, CD's, vídeos, atas, estatuto.

Destaco o documento intitulado “Programa Ecoeducação, Cultura, Memória e Tecnologia”(PECMT), discutido na segunda parte deste estudo, por ser um documento gestado pelo grupo de educadores e educadoras da entidade, e que reúne todos os projetos desenvolvidos ao longo do ano, abrangendo as ações de Educação Patrimonial; Práticas Esportivas, Jogos e Brincadeiras Populares; Educação Ambiental; Percussão; Circo; Dança; Capoeira; Formação Continuada e Avaliação das Ações; Biblioteca Comunitária Olho do Tempo /Projeto Carroça da Leitura; Estação Digital; Museu Olho Do Tempo; Trilhas Ecológicas; Confecção de produtos artesanais (pastas de papel, bolsas de tecido e molhos de pimenta); Grupo de Percussão Tambores do Tempo; Mostra Musical Olho do Tempo; Campanha permanente ‘O Rio Gramame quer Viver em Águas Limpas’; Campanha do Abraço; Campanha ‘Adote um Educador/Educadora’. Ressaltando que os sujeitos dessa pesquisa são os gestores/as responsáveis por coordenar a construção coletiva desse documento bem como todo o desenvolvimento das ações nele prospectadas.

Destaco ainda que, a partir dos conteúdos vivenciados nas práticas educativas da EVOT, tem sido gerada uma significativa produção de músicas e poesias feitas tanto pelas crianças e adolescentes, como pelos educadores e educadoras que, através dessas produções, expressam questões relacionadas ao cotidiano do Vale do Gramame e da EVOT e se constituíram, para este estudo, em importantes fontes de pesquisa. Portanto, algumas dessas produções estarão presentes ao longo desse texto, por expressarem percepções dos sujeitos locais sobre o território.

Para o desenvolvimento dos trabalhos da entidade, a Pedagogia Griô tem sido um dos importantes referenciais teórico-metodológicos, no qual a EVOT tem se aprofundado com estudos e vivências para o trabalho com os saberes locais de tradição oral. Dessa forma, na terceira parte deste estudo, procuro refletir como a EVOT trabalha com a Pedagogia Griô e com os saberes de tradição oral, buscando compreender como são construídas as relações com a tradição oral da comunidade e como se dão essas vivências nas práticas educativas que acontecem na entidade, nos quintais das casas dos mestres e mestras, nas escolas públicas do entorno e em eventos da comunidade.

Aos poucos fui buscando um olhar que pudesse dar conta das singularidades, colocadas por Stake (2011), que chama a atenção para a necessidade de uma observação ampla sobre algo específico:

Sempre haverá pequenas comparações no caminho, mas entender como as coisas funcionam depende, em grande parte, de observar de maneira ampla como algumas coisas específicas funcionam, em vez de se comparar um grupo com outro. Essa é a maneira como normalmente os pesquisadores qualitativos trabalham, pois é consistente com suas prioridades de singularidade e contexto. (STAKE, 2011, p. 37).

Movida por esse interesse em conhecer o singular das coisas, fui aprendendo com as ajudas dos referenciais teóricos. Inicialmente, lancei mão do livro intitulado Casa de Escola, de Carlos Rodrigues Brandão (1984), que reúne quatro estudos que tratam da educação onde parece que ela não existe, com um material etnográfico produzido através das suas vivências com mestres e devotos das Folias de Santos Reis, grupos de trabalho religioso do catolicismo camponês. Nesse estudo, o autor vai desvelando o trabalho pedagógico presente nas relações, discutindo as diferentes situações através das quais se faz circular o conhecimento,

e como se estabelece, na cultura camponesa, as relações sociais e simbólicas, refletindo, inclusive sobre a construção de um conhecimento diferente e oposto à forma como a igreja católica lida com o mesmo tema.

Imergir nesse livro me transpôs para os rituais da rotina camponesa, na sua diversidade de gestos e símbolos, e nas formas como acontecem as redes de trocas de reprodução de conhecimento populares. Alarguei as inspirações para esse exercício de aprender a olhar o cotidiano e os significados que as pessoas dão às suas vivências na comunidade, o que elas pensam e falam a respeito dos seus saberes e fazeres, e como se ensina e se aprende nesses contextos de múltiplos aprendizados.

Nessa perspectiva, Brandão (1984, p. 60) afirma: “Como tudo tem a sua ordem e o seu lugar, e como todo o ritual não é mais do que uma sequência cerimonial de gestos que são e tornam explícitas regras sociais, tudo o que acontece ensina”. Assim, busquei um olhar mais atento, aguçando os sentidos para aprofundar as diversas percepções para o propósito deste estudo.

A partir daí o caminho se deu com uma sequência de muitos desafios para adentrar nesse universo da etnografia, através do qual, segundo Neves (2006), a comunidade precisa ser compreendida sob a ótica de seus membros, buscando ler as interpretações que eles dão aos acontecimentos que os cercam.

Nessa direção, Geertz (2008, p. 6) chama a atenção para a importância da cultura e ressalta que “em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo, isto é, sobre o papel da cultura na vida humana”. E acrescenta:

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 2008, p. 7).

Dessa forma, fui aprendendo a me mover atenta a essa observação densa, exercitando essa descrição detalhada das práticas, buscando a partir das pequenas

coisas chegar a conclusões mais consistentes, entendendo que a cultura de um povo demanda de um processo coletivo e gradativamente construído (GEERTZ, 2008).

Em consonância com esse exercício etnográfico de aguçar o olhar e estabelecer uma relação dialógica com os sujeitos, compreendo que:

De uma forma muito geral, a etnografia pode ser definida como a descrição do que um povo faz a partir da perspectiva das mesmas pessoas. Isso significa que um estudo etnográfico está interessado tanto nas práticas (o que as pessoas fazem) quanto nos significados que essas práticas adquirem para aqueles que os realizam (a perspectiva das pessoas sobre essas práticas) (RESTREPO, 2018, p.25, tradução nossa)¹

Reitero que vivencio uma relação de intimidade com o espaço e com os sujeitos desta pesquisa, haja vista as relações de afeto e confiança extrapolarem os vínculos meramente de trabalho, sendo comum nos encontrarmos em reuniões festivas em nossas casas aos finais de semana, nos ajudar por motivo de doença ou outros problemas e ainda partilharmos confidências pessoais. (Foto 1).



FOTOGRAFIA 1 - ENCONTRO DE FORMAÇÃO CONTINUADA - EVOT
Fonte: Thiago Nozi (2018)

Essa relação me deixou à vontade para a realização da observação participante, transitando livremente nos espaços, com livre acesso aos documentos

¹ De una forma muy general, la etnografía se puede definir como la descripción de lo que una gente hace desde la perspectiva de la misma gente. Esto quiere decir que a un estudio etnográfico le interesa tanto las prácticas (lo que la gente hace) como los significados que estas prácticas adquieren para quienes las realizan (la perspectiva de la gente sobre estas prácticas) (RESTREPO, 2018, p.25).

da entidade, observando as atividades, fazendo perguntas (que muitas vezes se transformaram em longas e ricas conversas).

Por reconhecer a grande demanda de trabalho de todos os envolvidos, e conhecendo também como as dinâmicas acontecem, procurei ter cuidado em escolher o momento mais adequado para realizar cada entrevista. Foram realizadas entrevistas abertas, com roteiro elaborado a partir da observação participante.

Assim como eu, outros profissionais que não moram na comunidade fazem parte do trabalho da EVOT. No entanto, reforçando o que já expliquei anteriormente, para esta pesquisa analiso as práticas desses sujeitos que estão em uma teia de relações que envolvem as dinâmicas de morar e trabalhar na mesma comunidade. Observo ainda, em que medida eles e elas constroem possibilidades para a valorização e o fortalecimento dos saberes locais, entendendo que o “processo da abordagem etnográfica move-se entre uma compreensão do que é o outro em seu próprio espaço e a possibilidade de interferir ou de agir em seu universo experiencial e conceitual” (GHEDIN; FRANCO, 2008, p.182).

Sampieri, Collado e Lúcio (2013) trazem considerações importantes sobre o trabalho etnográfico e sugerem diversas ferramentas para a produção dos dados culturais, entre as quais:

Observações, entrevistas, grupos focais, histórias de vida, obtenção de documentos, materiais e artefatos; redes semânticas, técnicas projetivas e autorreflexão. Vai interpretando o que percebe, sente e vive. Sua observação inicial é geral, para depois se concentrar em certos aspectos culturais. Oferece descrição detalhada do lugar, dos membros do grupo ou comunidade, suas estruturas e processos, e das categorias e temas culturais (p.5)

Os dados produzidos perseguem essa descrição detalhada e são discutidos tomando como base as referências teórico-metodológicas da educação popular, dialogando com ideias que ajudam a construir uma compreensão relacionada a esse contexto plural e à singularidade dessa experiência.

Assim, categorias como ‘sonho’ e ‘utopia’, ‘festa’, ‘trabalho coletivo’, ‘saber local’, ‘cuidado’, ‘cultura’ e ‘educação’, que emergem das falas dos educadores/as, são discutidas à luz de Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão e outros referenciais teóricos da educação popular, na perspectiva de compreender como esses aspectos se relacionam e como vão dando o movimento das práticas no dia a dia.

As práticas educativas, mobilizações e discussões alavancadas pelo trabalho da EVOT têm suscitado bastante interesse nos pesquisadores, resultando na produção de importantes trabalhos acadêmicos, que investigam aspectos culturais do Vale do Gramame e evidenciam o trabalho da EVOT nesse território. Esses recentes estudos (quadro 1) se constituíram em relevantes fontes de conhecimentos e inspirações ao longo de todo o processo de escrita deste texto.

Título	Autor	Ano	Curso	Síntese
01. Brincando na Roda dos Saberes: a capoeira angola e seu potencial educativo ecológico	Djavan Antério	2018	Doutorado Acadêmico em Educação – UFPB	Pesquisa o projeto Brincando Capoeira, refletindo o brincar como deflagrador de aprendizagens e a capoeira e seus fundamentos numa concepção ecológica.
02. No Tempo dos Tambores: os saberes ritmados pela infância na Escola Viva Olho do Tempo	Karla Rodrigues de Jeniffer de Mendonça	2018	Mestrado em Sociologia – UFPB	Apresenta como tema central a aprendizagem na infância como ação participativa, com reflexões e análises das crianças no grupo Tambores do Tempo. Discute categorias como poder, autonomia e habilidade.
03. Espaços que Suscitam Sonhos: narrativas de memórias e identidades no Museu Vivo Olho do Tempo	Átila Bezerra Tolentino	2016	Mestrado em Sociologia – UFPB	Estuda a EVOT enquanto espaço de memória, destacando as ações do Museu Vivo Olho do Tempo, discutindo a museologia social e a sociomuseologia.
04. Na Confluência da Roda: educação patrimonial, diversidade cultural e pedagogia griô	Igor Alexandre Nascimento	2014	Mestrado Profissional - IPHAN	Discute as diferentes abordagens relacionadas à diversidade cultural e à educação patrimonial, colocando a pedagogia griô como importante ferramenta dentro da temática preservacionista e contextualiza a EVOT enquanto espaço de referência em educação patrimonial.
05. Patrimônio Cultural, Memória e Preservação: identificação e mapeamento dos bens culturais do Vale do Gramame, João Pessoa/PB	Eutrópio Pereira Bezerra	2014	Mestrado em Ciência da Informação – UFPB	Faz um mapeamento e estudo dos bens culturais do Vale do Gramame, apresentando uma discussão relacionada à mudança de paradigma quanto ao conceito de patrimônio cultural. Referencia a EVOT enquanto espaço de preservação e valorização do patrimônio cultural.
06. O Encontro cultural do Vale do Gramame e sua importância para a transformação da realidade local	Adeildo Vieira dos Santos	2012	Especialização em Arte, Educação e Cidadania – CINTEP	Analisa esse projeto, desenvolvido pela EVOT, destacando a dimensão do trabalho coletivo, a participação da comunidade e a importância desse projeto para a valorização da realidade local.

QUADRO 1 - TRABALHOS ACADÊMICOS

Os estudos dispostos no quadro 1, que também alicerçam essa pesquisa, apresentam dados relevantes sobre diferentes aspectos, tanto no que se refere ao

trabalho da EVOT, quanto aos relacionados ao patrimônio natural e cultural do Vale do Gramame, com importantes informações e reflexões, sobretudo por se tratar de construções epistemológicas que buscam olhar para o contexto no qual as diversas tramas acontecem, com destaque para o papel dos sujeitos locais.

4 O LOCUS DA PESQUISA: VALE DO GRAMAME, UM LUGAR ONDE AS HISTÓRIAS SE RESPEITAM COMO FRUTEIRAS FRONDOSAS

Para entender o trabalho da Escola Viva Olho do Tempo é imprescindível se situar no Vale do Gramame, buscando compreender como os educadores e educadoras da EVOT, que moram no Vale, se percebem nesse lugar, e como se apropriam desse território no qual estão inseridos com vida e trabalho. Percebo esse lugar completamente entranhado na vida desses educadores/as e nos trabalhos desenvolvidos na EVOT, tanto nas atividades que acontecem na sede da entidade, quanto nas mobilizações em defesa do rio Gramame, e nas ações de respeito e cuidado com o meio ambiente e as culturas do lugar, com atividades que ocupam escolas e ruas da comunidade.

Ivanildo Santana² afirma que é um lugar onde “as histórias se respeitam como fruteiras frondosas e alimentam o povo do Vale que defende sua história”. Nessa direção, Maturana indica que:

As palavras que usamos não somente revelam o nosso pensar, como também projetam o curso do nosso fazer. Ocorre, entretanto, que o domínio em que se realizam as ações que as palavras coordenam não é sempre claro num discurso, e é preciso esperar o devir do viver para sabê-lo. Entretanto, não é este último ponto que pretendo ressaltar, mas o fato de que o conteúdo do conversar numa comunidade não é inócuo para esta comunidade, porque arrasta consigo seus fazeres (MATURANA, 2002, p. 90).

Ao longo desses anos trabalhando na EVOT, tenho vivenciado e também me impregnado do Vale do Gramame, caminhando por suas conversas, histórias, fazeres e paisagens. Portanto, o trabalho aqui apresentado também traz muito da

² Educador da EVOT

minha relação com as matas, estradas de barro, lamas, rios, quintais dos mestres e mestras, e do contato com as gentes desse lugar. Considero um olhar em permanente construção, porque estamos imersos em um processo vivo, que acontece no aqui e agora, que se reconstrói e se ressignifica ao mesmo tempo em que as pessoas se transformam e vão dando novos contornos ao lugar.

O Vale do Gramame se alterna entre paisagens urbanas e rurais. No meu trajeto para a EVOT, depois de cruzar o bairro do Valentina, ao entrar na estrada de Gramame, sempre me salta aos olhos o longo caminho de estrada de barro, margeado por árvores, muito verde e terrenos baldios. Muitas vezes encontro vaqueiros levando a boiada para o pasto (Foto 2), vejo mães levando filhos para a escola em carroça de burro, entre outras cenas ainda tipicamente rurais, nesse bairro da cidade de João Pessoa, ainda desconhecido pelos próprios moradores da cidade. Inclusive muitas pessoas quando chegam em Gramame costumam mesmo perguntar se ainda estão em João Pessoa, porque de fato são visíveis as mudanças na paisagem.



FOTOGRAFIA 2 - BOIADA PASSANDO EM FRENTE À EVOT
Fonte: A autora (2018)

A estrada que nos leva ao vale do Gramame (Foto 3), no período das chuvas, é tomada por grandes poças de lama que dificultam o acesso para quem se locomove de carro e ainda mais para quem precisa andar a pé. Inclusive, a lama e as paisagens do caminho inspiraram a criação de uma canção produzida

coletivamente em atividade da EVOT: “ô tem dendê tem, macaíba e juá têm, ó moça não pise na lama, senão eu piso também. Caminhos que vêm, caminhos que vão, a estrada antiga em pleno verão, parece perfeita para o carroceiro, o cicleteiro e o caminhão” (produção coletiva, realizada no Encontro Cultural do Vale do Gramame, com a colaboração do compositor Adeildo Vieira, em 2008).



FOTOGRAFIA 3 - ESTRADA EM DIREÇÃO À EVOT.
Fonte: A autora (2018)

Depois de percorrer em linha reta essa longa estrada de barro, chegamos à EVOT. Se continuarmos ainda em linha, vamos encontrar uma ladeira também de barro, na estrada chamada anteriormente de Estrada Velha (caminho obrigatório para quem saía de João Pessoa para Recife antes da construção da BR-101), e logo em seguida a bela Ponte dos Arcos. (Foto 4)



FOTOGRAFIA 4 - PONTE DOS ARCOS
Fonte: Thiago Nozi (2017)

Construída em 1930, a Ponte dos Arcos que passa sobre o rio Gramame, e que liga João Pessoa ao Município do Conde, é um símbolo cultural da comunidade, Tornou-se também um local de referência onde acontecem importantes atividades de mobilização em defesa do rio Gramame e eventos relacionados à cultura local, aspectos que serão abordados ao longo deste trabalho.

Atravessando a Ponte dos Arcos, adentramos no município do Conde, próximo à comunidade de Caxitu e à comunidade quilombola de Mituaçu, duas das treze comunidades que formam o Vale do Gramame.

Após percorrer todo esse caminho de paisagem rural, as pessoas que chegam à EVOT costumam ser recebidas por educadores e educadoras que partilham um comportamento acolhedor, com abraços, sorrisos e boas conversas.

Nos últimos anos, inclusive, foi construído um ritual brincante de acolhida, e quem chega à entidade é recebido ao som dos Tambores do Tempo, grupo de percussão formado pela meninada, e outras vezes também pelos sons dos berimbaus do grupo de Capoeira.

Nessa chegada, o visitante passa por um corredor de sons, com batuques e cantorias, entre elas, a canção que diz: “Quando tô aqui me sinto em minha casa, passa para beija-flor com seu bater de asas. No Olho do Tempo tudo é bonito pra

gente brincar, tem canoa, viola, Capoeira de Angola pra gente jogar...” (trecho da canção composta pelos educandos Diogo Amorim e Robson Carlos, produzida para a Mostra Musical Olho do Tempo, em 2017, com a colaboração do compositor Bruno Miranda).

E assim é feita uma acolhida afetuosa aos visitantes do lugar, sendo comum a gente ver a emoção estampada no rosto de quem chega, e depois revelada nos comentários feitos por esses visitantes. (Foto 5)



FOTOGRAFIA 5 - CORREDOR DE ACOLHIDA - TAMBORES DO TEMPO
Fonte: Thiago Nozi (2018)

É com esse cuidado e alegria na acolhida que a Escola Viva Olho do Tempo me ensinou, que agora eu peço licença e convido os educadores/moradores para, em verso e prosa, dialogarmos sobre esse Vale, lugar do rio Gramame, da Escola Viva Olho do Tempo, do Quintal dos Cirandeiros, da comunidade quilombola de Mituaçu, do Quintal da Mestra Poeta Judite Palhano, dos olhos d'água, das matas e rios, dos Tambores do Tempo, do sanfoneiro Mestre Zominho, lugar de muitos mestres, mestras e saberes, muito embora seja um lugar pouco assistido pelas políticas públicas, lugar de ocupações imobiliárias que derrubam grande quantidade de árvores e degradam o meio ambiente, lugar de pescadores saudosos por não poderem mais pescar no rio Gramame por causa da poluição que contamina as águas e os peixes.

As falas dos sujeitos desta pesquisa foram retiradas das entrevistas realizadas, do diário de campo, de poesias e canções produzidas nas atividades da entidade e também de publicações da EVOT. As falas expressam um olhar dessas pessoas sobre o lugar e como elas se veem nesse contexto, tudo acontecendo nesse espaço e tempo de transformações.

Início com o educador Ivanildo Santana, autor de muitas poesias que traduzem o Vale sob o seu olhar nativo e inspirado:

Em março as chuvas vão chegando devagar
A brisa leve das manhãs anuncia o outono que vai chegar.
O final da tarde junta as pessoas do Vale
Nas rodas de contação de histórias
Aquecendo o coração da gente.
Histórias da estrada velha, do velho rio
Contam às gerações da gente
Que vão e que ficam
Como o outono do Vale que agora chega.
As histórias se respeitam como as fruteiras frondosas
Alimenta o povo do Vale que defende sua história
(Ivanildo Santana, 2010).

O patrimônio natural e o patrimônio cultural do Vale se destacam no cotidiano das práticas educativas da EVOT, assim como as atividades da entidade estão cotidianamente disseminadas na comunidade, em ações de cuidado com o rio Gramame e com o meio ambiente, com oficinas e apresentações culturais nas escolas e espaços comunitários, em cortejos com os tambores pelas ruas do Vale, em ações itinerantes de contação de histórias nas associações e espaços comunitários, em atividades nos quintais dos mestres e mestras de tradição oral, em trilhas ecológicas.

Segundo Ivanildo Santana (2018), antes da chegada dos residenciais que hoje formam uma grande área urbana, o Vale do Gramame tinha uma dinâmica mais rural, diferentemente dos dias atuais. Contudo, o educador ainda observa alguns aspectos de comportamentos rurais no cotidiano.

Um silêncio nas ruas em determinados momentos do dia, quando as pessoas estão nos seus quintais ou estão dentro de casa nos seus afazeres. Essa questão do verde que é muito presente, as estradas de barro, o costume ainda de varrer com vassoura feita de mato, essa prática de cedinho da manhã lavar roupa no tanque, cantando. E também o cultivo das plantações nos quintais, porque as pessoas cresceram plantando, a prática da agricultura familiar é uma coisa muito forte. É tanto que essa luta pela posse da terra se deu em função dessa necessidade. Meu pai e minha mãe viveram na agricultura familiar. Isso é muito marcante nesse contexto rural (IVANILDO, 2018, informação oral).

Penhinha Teixeira, educadora e gestora de Memória e Patrimônio da EVOT, nascida na comunidade quilombola de Mituaçu/Conde, hoje moradora de Gramame, observa as mudanças ocorridas e identifica algumas características rurais ainda presentes no comportamento das pessoas do lugar:

Essa questão da relação entre as pessoas é muito forte, todo mundo se conhece, quando tem uma pessoa diferente, todo mundo já fica atento. Essa questão das conversas de noite nos portões e nas calçadas de casa. Nos finais de semana, todo mundo arrumando suas casas. Essa cultura de plantar é muito forte. Quem não tem terreno, pede emprestado ao vizinho pra plantar. Mas hoje quase não se vive muito da agricultura nem da pesca no rio, é como se fosse uma coisa que dá prazer, e cada pessoa tem por hábito cuidar da plantação diariamente. E aí vão buscar outros trabalhos pra sobreviver, porque não dá mais segurança para a sobrevivência. Muita gente criou os filhos com a pesca. Antes quase todo mundo tinha seu covão dentro do rio, hoje pouca gente tem covão no rio, é passado a importância, a gente percebe essa importância para a identidade das pessoas. A minha família sempre pescou, sempre teve relação com a agricultura. Meu pai pescava, remava, mas teve que se afastar dessas atividades pra estudar, ele foi o único filho que estudou. Aqui também existe prática esporádica da caça. De alguém ir caçar e convidar os vizinhos pra partilhar da caça (PENHINHA, 2018, informação oral)

O educador Ivanildo vive intensamente esse lugar. Tanto na sua fala, quanto na sua prática pedagógica e nas coisas que escreve, ele se apresenta fortemente enraizado no Vale do Gramame, inclusive afirmando uma identidade que ele chama de gramamense. Em um dos seus poemas, que se encontra publicado no catálogo intitulado Vale do Gramame - memórias e vivências nos quintais dos griôs e mestres (2015), do Ponto de Cultura Olho do Tempo, ele expressa, em poesia, essa identidade gramamense:

Velhas estradas entardecem junto com os pensamentos gramamenses.

Esses pensamentos descansam em noites mornas no Vale
Preparando novos sonhos para o amanhecer.

Velhas histórias enriquecem os fazeres gramamenses
Essas histórias se repetem hoje, novas, mais alegres
Preparando outras histórias mais à frente.

Velhas pessoas fortalecem a infância gramamense
Essa força ecoa nos Tambores do Tempo, orante
Preparando o novo ainda mais contente.

A força é construída a muitas mãos
Muitos braços, muita contestação
Sob risos e lágrimas, hoje celebram a união.

Unidos pela vida agradecemos
Uma gratidão sem fim!
(Ivanildo Santana, 2015)

Nas posturas e falas dos educadores e educadoras, mesmo dos mais jovens, percebe-se o conhecimento da história e um sentimento de saudade relacionado ao recente passado rural e pacato do Vale, sobretudo quando eles refletem sobre as questões relacionadas à violência, à degradação do meio ambiente e à especulação imobiliária. Contudo, identifica-se também, nas suas falas e posturas, a consciência de que suas práticas não ficam presas a esse passado e que as histórias do Vale do Gramame contribuem para fortalecer identidades nessa construção que se imprime em um agora de desafios e contradições. Sobre essas novas configurações do lugar, Penhinha reflete sobre as mudanças que vão se dando com a chegada dos residenciais urbanos, gerando novas dinâmicas no cotidiano:

Aqui a gente não tinha a cultura do muro, construir muro nas casas era considerada falta de respeito. O trânsito entre uma casa e outra era livre, mas com muito respeito pelo território do outro. Com a chegada das comunidades urbanas chegaram os muros, o medo de deixar a porta aberta, chegou o medo de uma forma geral, o aumento da violência (PENHINHA, 2018, informação oral).

Penhinha complementa sua reflexão, expressando a necessidade de construir, com essas pessoas que passaram a morar no Vale, processos nos quais elas se apropriem e cuidem desse lugar. Inclusive, a educadora chama para nós, do Olho do Tempo, uma importante parcela dessa responsabilidade:

Interessante perceber que as novas comunidades que estão chegando não conhecem o Vale do Gramame, não conhecem o rio Gramame. E nós temos muita responsabilidade em fazer com que essas pessoas se conectem com a cultura, as histórias e as lutas desse lugar. Essas novas comunidades são formadas por pessoas que vêm de acampamentos do movimento de luta pela moradia de diversos lugares da cidade, e chegam sem conhecer absolutamente nada desse lugar. (PENHINHA, 2018, informação oral).

Com participações em várias exposições fotográficas de sua autoria, retratando o Vale, Thiago Nozi³ expressa a importância da EVOT para que ele compreendesse melhor todo esse contexto, e como essa compreensão contribuiu para fortalecer o seu vínculo com o seu próprio lugar, onde mora há 12 anos.

Eu posso andar por vários lugares, mas sinto o Vale do Gramame como minha casa. Há doze anos moro aqui. E não tem como falar do Vale do Gramame sem relacionar com EVOT. Até quatro anos atrás eu não conhecia a EVOT. Então pra mim o Vale do Gramame era só o Colinas do Sul, que era onde eu morava. Depois que conheci a Escola, foi que eu comecei a ter noção do que é o Vale do Gramame e a riqueza que ele tem, essa riqueza cultural. A partir da EVOT foi que eu fui tendo mais contato com a comunidade, com a cultura do lugar, conhecendo os mestres, as pessoas e o que elas fazem, aí você vai criando um vínculo, cada pessoa que você encontra, você é tratado como família. Então eu sempre costumo dizer que depois que eu vim pra EVOT eu reencontrei uma família, foi um reencontro de uma família que tava por aí, e chegou o momento da gente se encontrar e aconteceu esse encontro. Então é isso, eu vejo esse lugar como casa, com o sentimento de família, algo com um vínculo bem forte como algo de raiz. Sinto como meu habitat natural (Thiago Nozi, 2018 entrevista).

Thiago afirma que, por se apropriar desse sentimento de pertencimento, ele reconhece que desenvolveu um trabalho fotográfico que expressa um olhar mais aguçado, que revela o seu envolvimento com esse lugar. No ano de 2018, o educador e fotógrafo foi homenageado por uma escola pública da comunidade, que expôs seus trabalhos para os alunos e o convidou para diversas rodas de conversas nas salas de aulas. Assim, o Vale tem sido uma temática bastante presente nos trabalhos fotográficos de Thiago, resultando em algumas exposições e também ocupando intensamente as redes sociais com fotografias, acompanhadas de textos e poemas de sua autoria, a exemplo:

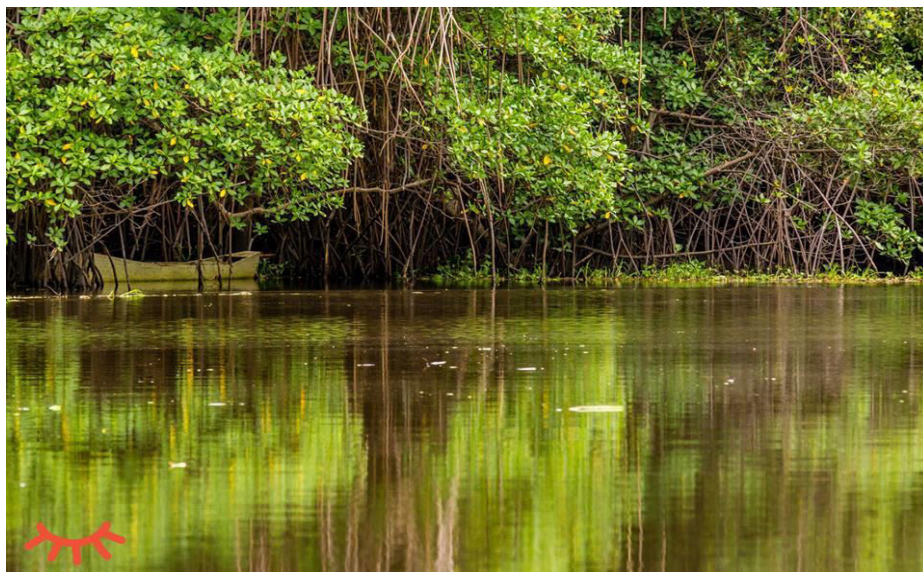
O rio Gramame quer viver em águas limpas!
gritam no Olho do Tempo

³ Educador e fotógrafo da EVOT

ecoando tambores
para que o mundo escute do nosso Velho Gramame esse
lamento
e traga boas novas com a leveza das águas
e o passear dos ventos
para que o rio volte mais uma vez a ser vida
ser água limpa, ser natureza purificada, ser sustento de
famílias.
a esperança prevalece, e do povo o nosso Velho Gramame
não esquece
(NOZI, 2018).

O rio Gramame é uma forte referência para a comunidade e uma permanente fonte de inspiração para a vida dos educadores e educadoras e para todo o trabalho construído na EVOT. É um rio que faz parte das memórias de muitos moradores do lugar, considerado um dos mais importantes rios da Paraíba, que abastece João Pessoa e cidades do entorno. Apesar de toda a importância relacionada à história e à memória, e também à água que bebemos, o rio Gramame vem sofrendo gravemente pela negligência dos órgãos responsáveis quanto à fiscalização e pela poluição através do despejo de resíduos industriais (inclusive já constatada a presença de metais pesados), lixo domésticos, assoreamento e destruição da mata ciliar.

A EVOT juntamente com a comunidade vem realizando constantes campanhas e mobilizações em defesa do rio Gramame, envolvendo também ações junto ao Ministério Público e órgãos competentes. Souza (2014) coloca que a resistência da comunidade de Gramame frente à preservação do rio de mesmo nome é desigual, porém nunca mingua haja vista ser sempre reforçada por seus habitantes em contraposição ao poder do capital. (Foto 6)



FOTOGRAFIA 6 - RIO GRAMAME
Fonte: Tiago Nozi (2018)

Uma das ações desenvolvidas em defesa do meio ambiente e do rio Gramame foi a Mostra de Música Olho do Tempo, realizada nos anos de 2017 e 2018, com composições feitas pelas crianças e adolescentes da entidade em parceria com vários artistas da cidade. As canções apresentadas expressaram o sentimento de pertencimento e de cuidado com o rio e o meio ambiente, algumas delas destacaram também as tristezas e preocupações ocasionadas pela crescente poluição da água, o desmatamento da mata, a mortandade dos peixes e outras espécies que habitam aquele local.

Tomemos como exemplo a canção composta pela adolescente Willyane Rodrigues, com a contribuição dos compositores Bruno Miranda e Gláucia Lima, que aborda a beleza do rio e o desejo de ter a alegria dessa beleza de volta:

Sua beleza enchia os olhos
 As suas águas tão cristalinas
 Que um alfinete se podia encontrar
 Sobre esse espelho, foram barcos
 Cheios de peixes e histórias pra contar
 Águas felizes do lugar! [...]
 Rio Gramame grita: traz de volta a minha alegria!
 (Composição da educanda Willyane Rodrigues, com a
 contribuição dos compositores Bruno Miranda e Gláucia Lima,
 EVOT, 2017).

Nessa mesma direção, a canção que também foi apresentada na Mostra Musical, composta pelas crianças Mikelayne dos Santos, Riquelme Abelardo,

Nayanne Kiarely, Ian Carvalho, Gyverson de França e Mariel Monique, com a contribuição do compositor Adeildo Vieira, reafirma esse desejo de salvar o rio Gramame:

Para os peixinhos irem fazendo festa
 As plantas vivas perto do rio
 A gente fica triste com os peixinhos
 Quando o rio está triste.
 Vamos salvar o rio Gramame!
 (Composição dos educandos Mikelayne dos Santos, Riquelme Abelardo, Nayanne Kiarely, Ian Carvalho, Gyverson de França e Mariel Monique, com a contribuição do compositor Adeildo Vieira, EVOT, 2017)

Ao falar do Vale, a educadora Sandra expressa identidade com as culturas do lugar e um sentimento de família que ela vivencia no seu cotidiano, além de orgulhar-se de todas as expressões culturais presentes na tradição do Vale do Gramame e os importantes elementos da cultura oral que são utilizados nas práticas educativas da EVOT.

A pesquisa realizada por Bezerra (2014), evidencia essa forte relação com a cultura, e identifica a importância do trabalho da EVOT para os quintais dos mestres de tradição oral enquanto lugares de memória reconhecidos pela comunidade. Esses quintais também são espaços inseridos nos trabalhos da EVOT e nas trilhas ecológicas e griôs. São eles: Quintal Cultural Raízes Negras, no Quilombo de Mituaçu; Quintal Cultural da Poesia, da Mestra Judite Palhano, em Engenho Velho; Quintal Cultural dos Cirandeiros, do Mestre João da Penha e Dona Ciça, em Engenho Velho; Quintal Cultural do Mestre Zé Pequeno, em Mituaçu; Quintal Olho do Tempo e Cantinho da Memória, na EVOT, em Gramame.

O território possui vários equipamentos sociais, segundo levantamento realizado pela Escola Viva Olho do Tempo, descrito no documento da entidade intitulado “Relatório Técnico da Visita Familiar 2017/2018”, no qual foram listados os equipamentos:

- ✓ 01 Praça (espaço de 4 mil metros quadrados, anfiteatro, quadra de areia, brinquedos de alvenaria, local para caminhada, playground, e vegetação de baixo porte);
- ✓ 02 Unidades Integradas de Saúde da Família;

- ✓ 01 Cozinha Comunitária;
- ✓ 03 Escolas Municipais de Ensino Fundamental;
- ✓ 01 Escola Estadual de Ensino Médio;
- ✓ 02 CREIS - Centro de Referência de Educação Infantil (anteriormente denominado de creche);
- ✓ 01 Terminal de Integração de ônibus;
- ✓ 01 CRAS - Centro de Referência da Assistência Social
- ✓ 01 CEJUBE - Centro de Atividades e Lazer do Aposentado e Pensionista
- ✓ Associações de moradores, associações agrícolas, supermercados, igrejas, escolas privadas, feiras livres e pequenos comércios.

Mesmo demonstrando muita satisfação em morar nesse lugar, a educadora Flávia Araújo, moradora da comunidade Irmã Dulce, um dos residenciais urbanos do Vale do Gramame, aponta algumas lutas que se fazem necessárias, e questiona o quantitativo de escolas insuficiente para a população do Vale:

Eu morava com a minha mãe numa casa alugada em Cruz das Armas, e vim morar aqui no Vale em 2012, no residencial Irmã Dulce, em casa própria, através do programa Minha Casa Minha Vida. Vejo como um lugar muito sossegado de se morar. Acho um bairro muito bom. Se eu fosse uma pessoa rica, eu construiria uma casa boa aqui, continuaria morando aqui. Agora precisamos continuar lutando por melhorias na questão do transporte, que é bastante precária; por mais segurança, por mais vagas nas escolas. Muitas mães conseguem vaga brigando via Conselho Tutelar. Muitas crianças ficam sem estudar, porque as mães não têm condições financeiras de se locomover para outros bairros. Atualmente só tem cinco escolas aqui no Vale, que são: Antenor Navarro; Carrilho Milanês, Raimundo Nonato, Lúcia Geovana, Linduarte Noronha. Apenas essas cinco escolas para uma população de quase 60 mil habitantes (FLÁVIA, 2018, informação oral).

É possível perceber que os educadores e educadoras da EVOT se apropriam desse lugar com encantamento, mas ao mesmo tempo com preocupações e visão crítica sobre essa realidade. O sentimento de pertencimento e a visão crítica impulsionam esse fazer pedagógico com práticas que buscam a valorização da cultura e dos sujeitos locais, e que mobilizam a construção de possibilidades para solucionar as diversas problemáticas relacionadas à especulação e expansão imobiliária, degradação do meio ambiente e à precariedade das políticas públicas.

Nessa direção, Freire reflete sobre a importância de aprofundarmos o olhar e a compreensão acerca das “densas tramas” para que tenhamos, de fato, uma prática comprometida com a realidade em toda a sua complexidade:

Nunca um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro tem por trás de si uma única razão. Um acontecimento, um fato, um feito, uma canção, um gesto, um poema, um livro, se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser de que algumas estão mais próximas do ocorrido ou do criado de que outras são mais visíveis enquanto razão de ser. Por isso é que a mim me interessou sempre muito mais a compreensão do processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si. (FREIRE, 1992, p. 8).

Assim, esses ‘caminhos que vêm, caminhos que vão’ revelam importantes aspectos acerca das fontes culturais das práticas desses educadores e educadoras em consonância com as densas tramas que movem o cotidiano do Vale do Gramame.

4.1 TOCA O TAMBOR, ENTRANÇA AS MÃOS E BATE OS PÉS: OS SABERES E FAZERES DE TODO DIA NO “PROGRAMA ECOEDUCAÇÃO, CULTURA, MEMÓRIA E TECNOLOGIA”

Como uma roda de ciranda, de mãos dadas e em movimento, a EVOT busca construir uma dinâmica de trabalho brincante como *quem toca o tambor, entrança as mãos e bate os pés*.⁴

Agora, quero fazer uma chegada na Escola Viva Olho do Tempo, apresentando a sua estrutura física e as atividades que compõem o dia a dia desse trabalho. Para isso, além das minhas vivências e observação participante para esta pesquisa, tomo como referência o documento intitulado “Programa Ecoeducação, Cultura, Memória e Tecnologia” - PECMT, que orienta o planejamento anual da entidade, e que reúne as ações e atividades prospectadas para o ano.

Por ser a festa um importante elemento da prática pedagógica da entidade, escolhi iniciar essa chegada em um dia assim, de festa e alegria. Ao acompanhar o

⁴ Trecho da música “Guaramamo”, de Milton Dornellas, canção feita para a campanha em defesa do Rio Gramame, gravada por vários artistas da cidade, com participação especial de Chico César.

projeto intitulado 'Aniversariantes do Mês', pude observar alguns aprendizados que se dão em torno desse estar junto festivo, com a partilha e o lúdico permeando todo o processo, onde crianças, adolescentes e adultos se integram no mutirão, no fazer coletivo, para organizar a decoração do espaço (Teatro Acácia), os lanches, os ensaios, brincadeiras, batuques e cantorias que fazem parte da programação.

A educadora Célia é responsável pela produção mensal do bolo para os dias de festa, que acontecem no último dia útil, homenageando educadores e educandos que fazem aniversário ao longo de cada mês. Penhinha explica que nos dias que antecedem a festa, é montado um mural com fotos dos aniversariantes, são realizadas rodas com conversas e reflexões acerca de alguns aspectos relacionados à vida, às relações familiares e sobre a importância da data de nascimento de cada pessoa, buscando o fortalecimento da identidade e da autoestima. A educadora afirma, ainda, que é comum constatar que muitas crianças chegam sem nenhum referencial quanto ao dia do seu nascimento e expressam que foi na EVOT a primeira vez conversaram sobre isso e tiveram uma festa e um bolo de aniversário. Assim, esse festar em conjunto também se configura com um momento de vida ressignificada e refirmada.

Mas, agora, eu faço uma chegada em um dia de festa ainda mais especial, onde, além dos aniversariantes do mês de maio, foram comemorados os 20 anos da EVOT.

Nas conversas ao longo dos preparativos, os educadores/as afirmaram que, das comemorações dos aniversariantes do mês ao longo do ano, a de maio é a mais especial por ser o mês dos aniversários da EVOT e da Mestra Doci, a pessoa mais velha da equipe, a Mestra de todos, e, ainda, a principal idealizadora dessas propostas festivas.

Em 2018, para essa festa, que aconteceu no dia 31 de maio, onde também foram comemorados os seus 66 anos de vida, a Mestra, que valoriza a ritualização e o simbolismo em tudo que faz, trouxe um pouco da sua visão quanto ao sentido e significado desses 20 anos de trabalho da EVOT. Para isso, ela idealizou um grande bolo em formato de duas grandes cobras, que foi construído coletivamente. A estrutura da cobra foi confeccionada com imensas varas de bambu interligadas uma a outra por armações de arame. O comprimento iniciava no portão de entrada da EVOT e se estendia ao longo de todo o pátio até entrar no teatro da entidade. A cabeça foi feita com coco seco, com imensos olhos de sementes. Toda essa

preparação se deu ao longo do mês de maio, com a participação e a algazarra da meninada e educadores/as, que se movimentavam euforicamente em grande mutirão.

Observo atentamente a familiaridade e a desenvoltura na preparação e realização das festas da entidade, e percebo que, mesmo com a euforia proporcionada pela alegria, a meninada se integra com muita tranquilidade nos afazeres. A educadora Sandra explica que isso se deve à constância dessas atividades no cotidiano, onde as crianças e adolescentes sempre tem um evento para organizar, uma festa para preparar, uma apresentação a realizar, umas visitas para receber com batuques e cortejos, conduzir visitantes para conhecer os espaços da entidade.



FOTOGRAFIA 7 - ESTRUTURA PARA O BOLO
Fonte: Thiago Nozi (2018)

Mas, me reportando ao bolo de aniversário da Mestra, em cima dessa extensa estrutura de bambu no dia da festança, ao longo de todo o comprimento, foram enfileiradas 81 partes, que formavam o grande bolo, e se interligavam por coberturas de doces, ocorre que essa cobertura foi colocada na hora da festa, e mobilizou uma média de noventa crianças e adolescentes que se organizaram em volta do bolo, compenetrados nessa tarefa de derramar leite condensado e granulados coloridos de chocolate. Os educadores/as auxiliavam, mas a Mestra

Doci, com uma alegria de criança estampada no rosto, era quem dava o comando dessa divertida brincadeira. (Foto 8).



FOTOGRAFIA 8 – PREPARATIVOS DO BOLO
Fonte: Thiago Nozi. (2018)

A Mestra fez questão de partilhar, com todos os convidados presentes, o significado desse bolo, e através de um texto cheio de simbolismos e metáforas, fez uma narrativa relacionada a esses vinte anos de trabalho da EVOT. Emocionada, diante de uma plateia de aproximadamente 200 pessoas, composta por crianças, adolescentes, familiares, amigos e parceiros, ela leu o seguinte texto:

Quero partilhar com vocês o sentido dessa grande Dan, que é vida, que é o equilíbrio da terra com o céu. Nesses vinte anos de escola nós construímos muitas colunas, e o bambu está aqui representando essas colunas, com a força flexível, com beleza e com a força amorosa. São 81 bolos formando essa grande cobra, cada bolo representando uma pessoa ou um grupo de pessoas que contribuiu, que chegou junto da gente, que acreditou em nós. Então esses bolos estão interligados pelo doce, representando toda a doçura que nos uniu em toda essa construção, e cada bolo tem uma surpresa dentro, que é o encantamento, a alegria da criança que habita todos nós, e que se nutre para seguirmos juntos, porque essa construção é permanente. E nesse momento, a Dan entra na EVOT novamente, como entrou há vinte anos atrás. Agora ela é maior, construída pela energia das crianças, e ela vem nos trazer a proposta da gente acreditar mais na gente, e de sermos mais flexíveis. Ela vem carregada pelas crianças, que é o que tem de mais puro, a criança que habita cada um de nós e que está em permanente encontro com cada criança que habita o cotidiano desta escola.

Ela vem representando a alegria e a doçura de estarmos nesse movimento de ensinar e aprender com as crianças. Aqui também está uma reverência à Cobra Grande que habita os espaços e o imaginário do Vale do Gramame, e que nas rodas de contação de histórias sempre ficamos sabendo que ela apareceu de surpresa em algum lugar aqui do Vale. Então, hoje aqui temos duas Dan, representando o masculino e o feminino, em equilíbrio, em harmonia, com essa forte ligação que tem a grande Dan com a terra e com o céu, com a força da vida e das transformações, a força do existir, a força do bem querer e com todas as forças que constroem a força do Olho do Tempo! (Mestra Doci, 2018, informação oral)⁵.

Depois da leitura, aconteceram várias homenagens da meninada e de alguns convidados para a Mestra e para a EVOT, acompanhadas de choros e olhares emocionados, com depoimentos, poemas, músicas, danças. Após o tradicional “Parabéns pra Você”, com muita animação, a Mestra propôs a todos que estavam em volta do grande bolo, que deveriam mordê-lo sem usar as mãos. Todos concordaram com bastante entusiasmo, e esse momento se transformou numa grande e divertida brincadeira, onde ninguém se furtou em se lambuzar e dar boas gargalhadas. Após esse momento houve uma farta feijoada, muitas cantorias e batuques para festejar, trançar as mãos, tocar o tambor e bater os pés, práticas que revelam um pouco dos movimentos brincantes desse espaço, onde as pessoas, “ainda que saibam melhor do que nós, separar as situações umas das outras, sabem também compreender que a festa é o conjunto de tudo” (BRANDÃO, 1982, p.54).

O projeto “Aniversariantes do Mês”, integra o “Programa Ecoeducação, Cultura, Memória e Tecnologia”, citado anteriormente, construído coletivamente pela equipe de educadores/as, que reúne todas as ações desenvolvidas pela EVOT, funcionando como uma orientação geral para o planejamento das atividades a serem desenvolvidas ao longo do ano. Esse documento é revisado a cada início do ano e atualizado nas rodas pedagógicas, composta pelos educadores, gestores, oficinairos encaminhados pelos convênios e voluntários.

As discussões, questionamentos e reflexões consideram as diferentes dinâmicas que se entrelaçam nas práticas do dia a dia, buscando perceber o que foi assertivo, as dificuldades encontradas, o que precisa ser melhorado. O processo se dá num clima dialógico, onde cada participante exercita o poder da fala, com liberdade para se expressar, refletindo sobre o que foi realizado e propondo as

⁵ Discurso realizado na festa de aniversário

mudanças necessárias. Nesse exercício de liberdade para se expressar e muitas vezes disputar ideias e pontos de vista, é comum observar o acirramento dos ânimos, e as convergências e divergências vão conduzindo as discussões ora de forma branda, ora de maneira bastante exaltada, contudo, sempre buscando falas que reiteram a importância da confiança e do respeito.

Descrevo, abaixo, um pequeno trecho de uma discussão que aconteceu em uma das rodas pedagógicas, realizada no dia 23/03/2018, quando um oficinairo, contratado por um dos convênios com entidade parceira e, à época, recém-chegado na EVOT, expôs algumas discordâncias e dificuldades em lidar com algumas crianças e adolescentes, e fez alguns questionamentos que gerou um importante debate:

Oficineiro - A meninada é obrigada a participar das atividades mesmo sem querer?

Penhinha - Todo o conjunto de atividades é construído com a meninada, e a participação faz parte desse combinado.⁶ Se algum educando demonstra desinteresse, a proposta é dialogar com ele para que ele exponha a sua dificuldade e proponha alternativas. O nosso objetivo é que todos os educandos participem das atividades.

Flávia - A gente trabalha construindo o processo de encantamento e refletindo quais são as dificuldades para a participação. Construir com eles esse entendimento.

Raquel⁷ - Aqui na EVOT não existe nenhuma obrigatoriedade formal (nota, frequência, etc). Portanto, se eles vêm todos os dias, é porque existe um interesse em estar aqui. Se surge a dificuldade em participar de algo, a gente procura resolver junto.

Oficineiro – Será que às vezes vocês não estão conseguindo distinguir entre o papel da EVOT e o papel da família?

Penhinha - A gente não assume o papel da família, a gente coloca na roda pra resolver junto. A mestra Doci sempre traz a questão de conhecer e compreender individualmente cada criança. Perceber a problemática de cada educando é refletir sobre nós mesmos como educadores/as. Mais importante do que entender o querer é entender o não querer. Que não querer é esse? O diálogo facilita essa compreensão.

Flávia - Depois que a gente entra no portão, a gente se abre ao novo e se permite desafiar. A gente pode não resolver os problemas familiares, mas a gente pode ser instrumento para buscar algumas possibilidades, a gente se envolve com a problemática familiar e aguça o olhar sobre os educandos. Até porque nós somos como um porto seguro para eles e para as famílias.

⁶ Ver 'combinados de convivência' no anexo A

⁷ Raquel, Penhinha e Flávia são educadoras gestoras da entidade.

Observei, ao longo dessa discussão, que os educadores e educadoras da comunidade buscavam construir argumentos que apontavam para pensar soluções mais cuidadosas no sentido de procurar as possibilidades para incluir todos nas atividades propostas. Ivanildo fez uma fala na roda chamando a atenção para estarmos atentos, pois às vezes se reforça um processo de exclusão sob a alegação de que se trata de uma escolha do educando. Assim, o encaminhamento, construído coletivamente na roda sobre essa questão, foi no sentido de realizar rodas de conversas com a meninada, em pequenos grupos, refletindo e construindo caminhos para resolver os problemas apresentados. Nesse sentido, a postura dos educadores da comunidade aponta para esse bom senso, assentado em uma prática para a inclusão, assim explicado:

O meu bom senso adverte que há algo a ser compreendido no comportamento de Pedrinho, silencioso, assustado, distante, temeroso, escondendo-se de si mesmo. O bom senso me faz ver que o problema não está nos outros meninos, na sua inquietação, no seu alvoroço, na sua vitalidade. O meu bom senso não me diz o que é, mas deixa claro que há algo que precisa ser sabido (FREIRE, 1996, p.70).

Esse processo de reflexão acontece ao longo do ano letivo nas rodas pedagógicas, onde também, as atividades são distribuídas ao longo dos doze meses, e em seguida são construídos os planejamentos mensais e semanais. Esse processo é feito com as sugestões circulando oralmente na roda, enquanto um relator vai registrando e o grupo visualizando no telão.

Segundo Penhinha⁸, o “Programa Ecoeducação, Cultura, Memória e Tecnologia” é pensado a partir dos saberes de cada educador, semelhante ao que Brandão narra sobre a troca de saberes que ocorre nas aldeias dos grupos tribais:

Tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de trocas entre pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo-e-a-consciência. As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende (BRANDÃO, 2007, p.18).

Penhinha explica, ainda, que o conjunto de atividades vai se ampliando a partir da chegada de outros profissionais encaminhados através de convênios, parcerias e voluntariado, como também com a ampliação dos fazeres dos próprios educadores/as, que, ao longo do processo, foram se aprimorando e alargando seus

⁸ Penhinha exerce também o cargo de Coordenadora Pedagógica da entidade

conhecimentos.

Os educadores e educadoras das oficinas e os demais profissionais são contratados pelos projetos aprovados em editais, outros são encaminhados através de convênios com o poder público e outros são profissionais voluntários. Penhinha destaca, também, que as suas atribuições na coordenação pedagógica abrangem esse conjunto das ações que compõem o PECMT, mas afirma que sente esse trabalho compartilhado com cada educador/a que assume a responsabilidade na área específica dos seus saberes e fazeres.

É importante esclarecer que no PECMT as atividades estão descritas separadamente para uma melhor visualização do todo, mas no cotidiano é comum observar a interação dessas atividades. Assim também são as turmas dos educandos/as, que são organizadas por cores que correspondem à faixa etária, já expostas anteriormente, mas que se observa que essa divisão também não é rígida, e as idades se misturam em muitas atividades. Karla Mendonça, na sua recente pesquisa apresentada ao Mestrado de Sociologia, sobre o cotidiano dessa relação geracional na EVOT, afirma:

Não pretendo tratar deste local de pesquisa como excepcional, mas devo considerar que algumas ações ali desenvolvidas, a partir das relações geracionais, são demonstrações de aprendizagens e vivências compartilhadas de maneira mútua entre as crianças com as crianças, mas também com os adultos e interessante destes com as crianças. (MENDONÇA, 2018, p. 39).

Essa relação geracional também se apresenta como uma importante dimensão do trabalho da Pedagogia Griô, metodologia usada na EVOT, discutida no terceiro capítulo deste texto. A relação geracional está presente no cotidiano através das vivências e rodas envolvendo educadores, meninada, familiares, mestres e mestras de tradição oral.

Outra reflexão feita pelos educadores/as em uma roda pedagógica (agosto/2018), é que, ao longo desses vinte anos a estrutura física da entidade foi adequando-se e os espaços foram redefinidos, tendo como base o cuidado com a ambiência e com as necessidades do trabalho. As reformas no espaço foram realizadas paulatinamente, mobilizando parcerias, mutirões e recursos aprovados

em projetos, e atualmente a estrutura física da EVOT dispõe dos seguintes espaços:

- Teatro Acácia
- Sala Multiuso, com som, tv, espelho e cadeiras móveis
- Estação Digital, atualmente com 20 computadores
- 05 Salas de aula, com cadeiras móveis
- 07 Banheiros
- Sala de reunião
- Secretaria
- Museu Vivo Olho do Tempo, com utensílios e grandes painéis com fotos e histórias dos mestres e mestras de tradição oral do Vale do Gramame.
- Biblioteca
- Estúdio Macaíba, com equipamentos para pequenas produções de gravações musicais.
- Sala de contabilidade
- Pátio
- 05 Almoxxarifados
- Refeitório
- Cozinha
- Pequena área para a prática esportiva
- Cantinho da Memória, um espaço circular ao ar livre, embaixo das árvores, com tocos para sentar, ouvir e contar histórias.
- Quintal, com trilhas ecológicas, olhos d'água, mata atlântica, fauna, flora, plantas, árvores frutíferas e campinho.

Os espaços possuem cadeiras móveis, dispostas em círculo, com um mobiliário também móvel e leve, facilitando a adequação à dinâmica que cada atividade necessita. Trata-se de um lugar que recebe em média, de segunda a sexta-feira, 60 crianças no turno da manhã e outras 60 no turno da tarde, com atividades de trilhas, oficinas, ensaios, festas, rodas de conversas, lanches e vivências. O espaço também recebe grupos de outras escolas e instituições, através de visitas agendadas previamente, para vivências no Museu e nas trilhas ecológicas.

Faz-se necessária uma breve apresentação das atividades que integram o 'Programa Ecoeducação, Cultura, Memória e Tecnologia', haja vista ser este um balizador que reúne esse conjunto de atividades que acontecem tanto na sede da

entidade, como em outros espaços da comunidade e da cidade. Tentei descrever, de forma resumida, o conjunto desses fazeres que compõem o cotidiano da EVOT, contudo, percebi que algumas atividades mereciam um maior detalhamento aqui no corpo do texto para dar uma ideia melhor do conjunto do movimento. Assim, algumas atividades estão apresentadas aqui, e, quando necessário, detalhadas nos anexos desta pesquisa. Reforçando que, como já falado anteriormente, todas as atividades são coordenadas e/ou realizadas por esses educadores gestores que vivenciam o cotidiano do Programa.

AS AÇÕES E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PROGRAMA ECOEDUCAÇÃO, CULTURA, MEMÓRIA E TECNOLOGIA.

a) OFICINA DE PERCUSSÃO – Coordenada por Marcílio Alcântara, acontece em dois dias na semana, nos turnos da manhã e da tarde, com atividades práticas e vivências com os instrumentos de percussão, além de ensaios do grupo Tambores do Tempo. Os instrumentos trabalhados são: gonguê, agbê, alfaia, caixa, timbau, ganzá, repinique.

Segundo Marcílio, a aprendizagem se dá vivenciando o passo a passo do toque de cada instrumento, demonstrado por ele, e os ritmos trabalhados são: maracatu, samba-reggae, coco de roda, viradas dos tambores, marcação de tambores, ciranda, manguê-beat, toré, variações de baques de maracatu, baque de parada, baque de arrasto, baque de virada, baque de luanda, toadas diversas.

O educador afirma com bastante entusiasmo que agora a meninada também compõe e toca as suas próprias músicas, além de tocar as músicas dos mestres locais. Na oficina também é ensinada a construção de instrumentos, empachamento do couro, reparos e afinação dos instrumentos. Toda a meninada da EVOT participa dessa oficina e integra o grupo Tambores do Tempo, formado por crianças e adolescentes na faixa etária entre seis e dezoito anos. Assim, a oficina de percussão e os ensaios dos Tambores do Tempo se integram e se complementam.

b) GRUPO DE PERCUSSÃO TAMBORES DO TEMPO – O grupo foi criado no ano de 2012, pelo educador Marcílio Alcântara, que rege os trabalhos, e é resultado das

oficinas de percussão. Apresenta como proposta um trabalho com os ritmos tradicionais, populares e da cultura local. Além disso, o grupo realiza shows, espetáculos, cortejos, e se destaca no conjunto das práticas da EVOT, por ser um trabalho que envolve toda a meninada que frequenta a entidade, hoje com 130 participantes, o grupo tem sido bastante requisitado para tocar em eventos na capital e em outras cidades da Paraíba. Na EVOT, é costume os visitantes serem recebidos pelos sons dos Tambores do Tempo, que se posicionam logo no portão da entrada, formando um grande corredor. E mesmo na ausência de Marcílio, vários participantes assumem a regência do grupo. (Fotos 9 e 10)



FOTOGRAFIA 9 - TAMBORES DO TEMPO
Fonte: Thiago Nozi (2018)



FOTOGRAFIA 10 - APRESENTAÇÃO DOS TAMBORES DO TEMPO Fonte: Thiago Nozi (2018)

c) MOSTRA MUSICAL OLHO DO TEMPO – Envolve diálogos entre a educação ambiental, a música e os diversos temas trabalhados no cotidiano, buscando fortalecer as relações de pertencimento, identidade e preservação do Vale do Gramame. A Mostra também proporciona um importante intercâmbio entre crianças, adolescentes e músicos⁹ profissionais da nossa cidade que, a partir de um convite, assumem a função de padrinhos e madrinhas musicais, passando a realizar encontros semanais, ao longo de dois meses, construindo conjuntamente as composições, estimulando os aprendizados e a criatividade para o fazer musical, a partir de poesias produzidas pela meninada nas oficinas da entidade. Assim, as músicas são construídas com base nas temáticas que abordam “O Rio Gramame”, “O meio Ambiente”, “Escola Viva Olho do Tempo” e “Estatuto da Criança e do Adolescente”. (Fotos 11 e 12)

⁹ Ver metodologia e músicos participantes no anexo E



FOTOGRAFIA 11 - II MOSTRA MUSICAL - TEATRO SANTA ROZA
Fonte: Thiago Nozi (2018)



FOTOGRAFIA 12 - II MOSTRA MUSICAL - TEATRO SANTA ROZA
Fonte: Thiago Nozi (2018)

d) EDUCAÇÃO AMBIENTAL – A Educação Ambiental se espalha no cotidiano e se entrelaça em todas as atividades, implicando em ações de cuidado com o meio ambiente e consigo mesmo, com o respeito e o cuidado com a biodiversidade em consonância com a diversidade cultural da região. Sob a coordenação de Ivanildo, a educação ambiental não é uma ‘disciplina’ na qual apenas se fala sobre o meio ambiente, mas sim uma vivência que se integra à natureza com ações cotidianas de reflorestamento, cuidado com o espaço, com as plantas, flores e frutos. São realizadas, também, trilhas ecológicas, que acontecem no quintal da entidade e no entorno da comunidade, com atividades de plantio, caminhadas, rodas de conversas e mobilizações (Foto 13). As visitas ao rio Gramame, para coleta de amostras para a análise da água, também compõem o conjunto de atividades realizadas, assim como as mobilizações em defesa do rio e as caminhadas para coleta de lixo nas suas margens, conscientizando sobre a importância de se colocar o lixo nos espaços apropriados.



FOTOGRAFIA 13 - RODA DE CONVERSA NO CANTINHO DA MEMÓRIA
Fonte: Thiago Nozi (2018)

e) GINCANA DE CONHECIMENTO E PRESERVAÇÃO DOS PATRIMONIOS CULTURAIS E NATURAIS DO VALE DO GRAMAME (Gincana Ambiental)
Realizada desde o ano de 2008, é um conjunto de ações construídas coletivamente entre educadores/as e a meninada, com metas a serem cumpridas ao longo do ano, tendo como uma das principais atividades as mobilizações em defesa do meio

ambiente, as ações de reflorestamento e a campanha permanente ‘O Rio Gramame Quer Viver em Águas Limpas’. Considerando todo esse contexto natural e cultural, a referida Gincana tem buscado desenvolver atividades lúdicas para a salvaguarda do patrimônio natural e cultural da região, dialogando com a valorização das vivências dos saberes e fazeres de tradição oral dos mestres, mestras e griôs, com atividades nos seus quintais, nas margens dos rios e demais espaços onde os mestres e mestras desenvolvem seus trabalhos, como a pesca no rio Gramame, a limpeza dos roçados, a confecção de artesanato, as danças tradicionais, como a ciranda, o coco, a lapinha, entre outros fazeres e saberes. Ivanildo Santana, coordenador da Gincana, fala da importância dessa ação, e afirma:

A Gincana Ambiental estimula os aprendizados referentes ao cuidado com o meio ambiente, sai do âmbito da teoria e vai para uma prática contínua de fazeres, conversas sobre os fazeres, e o fazer de novo. Fazendo e aprendendo, aprendendo e fazendo. Construindo com os educandos uma ideia de que quando cuidamos do ambiente que vivemos, somos pessoas mais saudáveis e melhores no sentido de compreender a totalidade, somos partes da natureza, um conjunto de partes que se completam formando o todo. É desse todo que precisamos cuidar cotidianamente (Ivanildo Santana, 2017, informação oral).

No ano de 2017, a EVOT produziu e publicou uma cartilha intitulada “Gincana de Conhecimento e Preservação dos Patrimônios Culturais e Naturais do Vale do Gramame”, sistematizando essa ação. Essa publicação foi distribuída para todas as escolas públicas do Vale do Gramame e para outras entidades, como forma de replicar essa experiência. Nessa cartilha consta, inclusive, algumas sugestões de tarefas a serem cumpridas, entre as quais: 01) Criar um desenho com o tema: ‘Como eu vejo a minha comunidade’; 02) Leitura de dois textos literários envolvendo o tema ‘Água, meio ambiente e cidadania’; 03) Pesquisa sobre temáticas ambientais, produzindo materiais informativos nas mídias sociais; 04) Reflorestamento na sua comunidade: plantio de árvores em áreas do Vale do Gramame; 05) Criar e apresentar atividades artísticas com o tema ambiental; 06) Vivência no quintal dos griôs, mestres e mestras de tradição oral; 07) Criar um produto utilizando material reciclado; 08) Participação em três trilhas ecológicas realizadas dentro ou fora do Vale do Gramame; 09) Participação e cooperação nas atividades de educação ambiental a serem realizadas nas praças, quintais, espaços públicos, entorno do rio Gramame e nas trilhas. (Foto 14).



FOTOGRAFIA 14 - TRILHA NO QUINTAL DA EVOT
 Fonte: Thiago Nozi (2018)

f) CAMPANHA PERMANENTE “O RIO GRAMAME QUER VIVER EM ÁGUAS LIMPAS”– Ao longo desses últimos anos as comunidades do Vale, junto com a EVOT e outras entidades, vêm lutando pela preservação do rio Gramame. Essa campanha teve início no ano de 2004, em virtude da grave poluição provocada pelas fábricas do Distrito Industrial de João Pessoa. É uma iniciativa da Escola Viva Olho do Tempo, coordenada pelo educador Ivanildo Santana, mobilizando o Ministério Público, a comunidade e diversos segmentos da sociedade, e apresenta propostas que envolvem ações sócio-eco-educativas-culturais, com o objetivo de divulgar os graves problemas de degradação do rio Gramame.

A Bacia do Rio Gramame, com nascente na região de Oratório, no município de Pedras de Fogo, deságua na Barra de Gramame, litoral Sul de João Pessoa, possui em torno de 54 km de extensão, banha sete municípios e representa 70% do abastecimento da cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba

Desde a década de 1980, há um intenso cenário de poluição ocasionado por cerca de 52 indústrias (a exemplo das indústrias sucroalcooleiras, de celulose e porcelanato,), agravado pelo desmatamento das matas ciliares. Com a campanha intitulada ‘O Rio Gramame Quer Viver em Águas Limpas’, foi construída uma agenda de ações permanentes em defesa do Rio Gramame, mobilizando a sociedade em geral. Dessa forma, ao longo dos anos, várias mobilizações foram realizadas, com

importante visibilidade na imprensa local e nas redes sociais, entre as quais: Ocupação do Rio Gramame; Remada no Rio Gramame; Rio Gramame em Concerto; Audiências no Ministério Público; Sessões especiais na Assembleia Legislativa e na Câmara Municipal de João Pessoa, coletivas para a imprensa, caminhadas na comunidade, capacitação de jovens em educomunicação.

O rio Gramame é um tema permanentemente trabalhado nas práticas educativas da EVOT, e fonte de muitas histórias dos moradores e pescadores do lugar, que hoje expressam grande tristeza por toda a poluição que, pouco a pouco, tem deixado o rio sem vida (Foto 15).



FOTOGRAFIA 15 - O RIO GRAMAME QUER VIVER EM ÁGUAS LIMPAS
Fonte: Thiago Nozi (2018)

g) TRILHAS ECOLÓGICAS E GRIÔS – Projeto coordenado por Ivanildo, que consiste em trilhas realizadas tanto com a meninada da entidade, como também das escolas previamente agendadas, com atividades de cultura e meio ambiente. Essas atividades de trilhas são oferecidas gratuitamente para as escolas públicas da comunidade em virtude de serem financiadas por projetos aprovados em editais. O passeio pela trilha funciona nos seguintes horários: pela manhã, das 8 às 11h; e no turno da tarde, das 13 às 16h. As atividades são organizadas em diferentes roteiros¹⁰, conforme o interesse do grupo participante. Para as escolas públicas, essas trilhas são realizadas gratuitamente. Para entidades privadas, é cobrado um valor conforme o roteiro escolhido pelos participantes.

¹⁰ Ver anexo D

h) EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – Assim como a Educação Ambiental, a Educação Patrimonial também entrecruza o cotidiano das práticas da EVOT, tendo como base teórico-metodológica a Pedagogia Griô. Coordenada pela Educadora Penhinha Teixeira, consiste em oficinas e vivências que acontecem nos espaços da entidade, nas trilhas ecológicas, nas vivências com os griôs e mestres de tradição oral através de rodas e partilhas nos quintais (residências) dos mestres, ouvindo as histórias, fazendo junto, bebendo das fontes dos saberes e fazeres.

i) MUSEU COMUNITÁRIO OLHO DO TEMPO – Considerando o patrimônio cultural material e imaterial, com suas muitas histórias, saberes e fazeres, além de objetos e fotografias que constituem um rico acervo das memórias e histórias do Vale do Gramame, o museu foi criado na entidade no ano de 2010, através de uma parceria com o IPHAN. Coordenado por Penhinha, é um espaço no qual acontecem atividades com a meninada da EVOT e compõe o roteiro de visitas das trilhas. Toda a história de criação do museu e suas atividades foram tema do estudo de mestrado de Tolentino (2016), citado na metodologia desta pesquisa.



FOTOGRAFIA 16 - MUSEU OLHO DO TEMPO
Fonte: Thiago Nozi (2018)

j) BIBLIOTECA COMUNITÁRIA OLHO DO TEMPO – Sob a coordenação de Penhinha, o projeto de leitura da Biblioteca Comunitária Olho do Tempo é

desenvolvido desde 2004, abrangendo as seguintes linhas de atuação: o ponto de memória olho do tempo, as oficinas de leitura para formação do leitor e mediadores de leitura, bem como o trabalho de empréstimo em que são disponibilizados cerca de 5.000 livros, além de 300 mídias digitais em processo de catalogação. Essas atividades visam o empoderamento da comunidade através do acesso ao livro, à leitura, à memória como forma de inclusão social e fortalecimento da identidade cultural do Vale do Gramame, além da formação de mediadores capazes de estimular a leitura em sua comunidade. (Foto 17)



FOTOGRAFIA 17 - BIBLIOTECA COMUNITÁRIA OLHO DO TEMPO
Fonte: Thiago Nozi (2018)

k) PROJETO LEITURA ITINERANTE - Por meio de ações contínuas e itinerantes de leitura e contação de histórias, esse projeto busca o encantamento e a motivação para ler, escrever e pensar criticamente. As atividades são desenvolvidas por meio de oficinas em espaços abertos como os quintais dos mestres griôs, escolas, terraços da casa da meninada, espaços comunitários e também na EVOT. Atualmente o projeto Leitura Itinerante é feito em quatro comunidades do Vale do Gramame, sendo elas: Ponta de Gramame (assentamento rural), Mituaçu (comunidade quilombola), Gramame e Engenho Velho (comunidades rurais). Este Programa de Leitura recebeu o Prêmio Pontinho de Ludicidade 2009 e 2011 e foi selecionado pelo edital Criança Esperança nos anos de 2013 e 2016, com o fomento da ação de leitura itinerante através do projeto “Carroça da Leitura”, e recebeu o Prêmio Pontos de Leitura 2015, através do qual foi publicado o livro “A Cebola de

Xen Xen”, com ilustração das crianças da EVOT, com história contada pelo mestre de tradição oral Zé Pequeno, da comunidade de Mituaçu. (Foto 18)



FOTOGRAFIA 18 - CONTAÇÃO DE HISTÓRIA - E.M. LÚCIA GIOVANNA
 Fonte: Thiago Nozi (2018)

I) OFICINA DE DANÇA – Atualmente ministrada pela educadora Flávia Araújo, a oficina é realizada uma vez na semana, nos turnos da manhã e da tarde, com um total de 40 participantes, e consiste em vivências com danças tradicionais e populares, como ciranda, coco, maracatu, samba, forró. Segundo Flávia, essa oficina é fruto das suas vivências e paixão pela dança, e ela ressalta que sempre alimentou o desejo de poder conciliar os trabalhos da secretaria da EVOT com a oficina, e hoje consegue organizar o tempo para ambas as funções. A educadora esclarece que os aprendizados acontecem vivenciando as danças conforme o ritmo das músicas, e criando as coreografias coletivamente com a meninada, que já foram apresentadas nas festas da entidade e em eventos na comunidade. (Foto 19).



FOTOGRAFIA 19 - OFICINA DE DANÇA
Fonte: Thiago Nozi (2018)

m) OFICINA DE FLAUTA E CANTO – Essa oficina é uma parceria com o Cearte, Centro de Arte, do Governo do Estado da Paraíba, que encaminhou o músico e professor Burgo Hipólito. Acontece dois dias na semana, nos turnos da manhã e da tarde. As atividades são compostas de exercícios com a voz e com a flauta doce, aprendizagem das posições correspondentes às notas musicais, exercícios de respiração, técnica vocal, postura corporal, conceitos e teoria musical. Burgo Hipólito acrescenta que foi trabalhado um repertório contemplando as músicas compostas pela meninada e já foram realizadas algumas apresentações na entidade e em outros espaços da comunidade. Essa oficina acontece desde o ano de 2017, com uma média de 20 participantes na faixa etária de 06 a 17 anos. (Foto 20).



FOTOGRAFIA 20 - OFICINA DE FLAUTA DOCE
Fonte: Thiago Nozi (2018)

n) OFICINAS DO PROGRAMA DE INCLUSÃO ATRAVÉS DA MÚSICA E DAS

ARTES - PRIMA – Através da parceria com a Secretaria de Cultura do Governo do Estado da Paraíba, no ano de 2018 foi iniciado um trabalho com oficinas de sopros através do Projeto PRIMA de Música, com oficinas de tuba, trompete, trombone e bombardino. O Prima encaminhou os instrumentos e os ministrantes das oficinas, e através desse trabalho alguns adolescentes já se apresentaram na capital e em cidades do interior, compondo a Orquestra Prima.



FOTOGRAFIA 21 - OFICINA DO PRIMA
Fonte: Thiago Nozi (2018)

o) OFICINA DE CAPOEIRA E CORPOREIDADE – Coordenada pelo educador Djavan Antério, envolve 60 participantes, com encontro uma vez por semana. Segundo Djavan, as temáticas escolhidas para as vivências circundam os fundamentos da Capoeira Angola e das expressões relativas às culturas populares. Ele explica que a oficina conta com o reforço das linguagens da música, da dança, do teatro e das brincadeiras populares.

Na oficina são desenvolvidas atividades com roda de contação de histórias, rodas dialógicas, ensinamento de reverência aos mais velhos, respiração e equilíbrio, movimentos corporais com ginga, meia lua de frente, meia lua de compasso, rabo de arraia, negaças, esquivas e resistências, musicalização com berimbau, reco-reco, atabaque, agogô e pandeiro, com toques básicos de ladainhas, chulas e corridos, além do circuito de construção de movimentos do corpo. (Foto 22)

Essa experiência foi fonte de estudo no doutoramento de Djavan, que resultou na tese intitulada “Brincando na Roda dos Saberes: a Capoeira Angola e seu

potencial educativo ecológico” (Doutorado Acadêmico em Educação. UFPB, 2018), já citada anteriormente nesta pesquisa.



FOTOGRAFIA 22 - OFICINA DE CAPOEIRA
Fonte: Thiago Nozi (2018)

p) BLOCO LUZES DO VALE - o Bloco Luzes do Vale é uma manifestação brincante em formato de cortejo, com o batuque dos Tambores do Tempo e com elementos circenses, que sai pelas ruas da comunidade no período de carnaval, reunindo toda a meninada, familiares e demais moradores que vão se integrando ao longo do percurso.

q) PRÁTICAS ESPORTIVAS, JOGOS E BRINCADEIRAS POPULARES - Consiste em vivências desenvolvendo os aspectos motores, afetivos, cognitivos e sociais, aproveitando a ambiência lúdica dos jogos desportivos (futebol de campo e salão, vôlei, basquete) e jogos e brincadeiras populares (Queimada, Rouba Bandeira, Pião, Bola de Gude, Elástico, entre outras).

r) ESTAÇÃO DIGITAL – Visando os benefícios da tecnologia, e por considerar o Vale do Gramame uma área de exclusão digital, a Estação Digital foi implantada no ano de 2005 em parceria com a Fundação Banco do Brasil. É um espaço físico com 14 computadores e 01 servidor com o sistema operacional Linux, que tem contribuído para a inclusão digital da comunidade, além de proporcionar a formação, a qualificação e a melhoria no processo de aprendizagem na escola pública, ensinando como utilizar os serviços públicos e privados que a internet oferece.

Através do trabalho de Cultura Digital, constrói o acesso às ferramentas da informática como instrumento auxiliar de aprendizagens, propiciando vivências em jogos educativos, acesso à internet, informática básica, edição de vídeo e artes gráficas.

s) CAMPANHA DO ABRAÇO - Consiste em uma campanha de apoio à EVOT, através do débito mensalmente em conta corrente. A campanha do abraço também agrega a gestão de comunicação com os apoiadores da entidade, usando formas criativas e mídias inovadoras para encaminhar informes sobre as ações e atividades, para realizar prestação de contas dos recursos arrecadados, dando visibilidade aos apoios recebidos.

t) SUSTENTABILIDADE - Segundo Raquel, responsável pela coordenação das ações de sustentabilidade, a gestão dos recursos baseia-se nos seguintes princípios: 01. Gestão planejada e compartilhada, de forma holística, na qual cada pessoa é gestora do seu fazer e do todo, onde as decisões são discutidas coletivamente em roda, e as questões são dialogadas (na maioria das vezes até exaustivamente) para assim atingir os objetivos, metas e resultados. 02. No zelo da execução dos processos contábeis, administrativos e financeiros de forma a atender à legislação vigente ao terceiro setor, com vista principalmente à correta e responsável prestação de contas. 03. No planejamento e na execução de um plano anual de captação de recursos, que envolve atividades de elaboração de projetos para editais nacionais e internacionais de entidades privadas; participação de editais lançados pelos governos federal, estadual e municipal, bem como através da formalização de convênios específicos e de termos de parceria; realização de bazares e brechós; realização de shows beneficentes; participação em eventos abertos na cidade com uma tenda para venda de produtos artesanais produzidos na instituição; aluguel de equipamentos e infra-estrutura; busca e manutenção de doadores fixos; venda do serviço da trilha grão; consultoria e assessoria a outras instituições. A entidade preza em suas atividades pelo equilíbrio financeiro, ambiental, social e cultural. 04. Na otimização dos recursos de forma a atender ao que foi planejado e à demanda oriunda da execução diária dos projetos.

Mobilização de Recursos: a) A organização planeja suas ações de mobilização de recursos através de um plano anual de captação de recursos elaborado inicialmente

pelo setor administrativo financeiro, e depois avaliado, complementado e aprovado na roda de gestão, onde todos os setores da instituição contribuem com outras sugestões; b) A mobilização de recursos tem se relacionado diretamente com as rodas de gestão e com o setor de comunicação, que planejam estratégias para potencializar a execução do plano anual de captação, bem como as ações e estratégias financeiras de curto, médio e longo prazo; c) Mobilização de recursos: público municipal através de convênio; de pessoas físicas através da doação financeira mensal, doação de materiais e serviços de voluntariado; setor privado através de doações financeiras e de materiais de empresas; da aprovação em editais; recebimento de mercadorias apreendidas pela Receita Federal, que são revertidas para venda em bazares; contribuição dos participantes que fazem as trilhas ecogriôs; shows e eventos solidários. d) Pretensão de ampliar as fontes de renda através da captação de recursos financeiros nos fundos municipais e estaduais, formalizando convênios com o poder público, sistematizando e elaborando um produto de consultoria a ser executado tanto na iniciativa privada como no poder público, tais como a tecnologia da gincana ambiental, oficina na pedagogia griô, experiências com os grupos culturais, além de oferecer os serviços de oficinas.

u) CAMPANHA “ADOTE UM EDUCADOR/EDUCADORA” – Esta campanha foi pensada a partir das dificuldades financeiras que a entidade tem vivenciado em virtude da ausência de políticas públicas, pois alguns educadores são contratados por meio de convênios com o poder público, que muitas vezes interrompe o contrato sem nenhum aviso ou justificativa.

Segundo a Mestra Doci, o trabalho da EVOT busca o fortalecimento das políticas públicas, e não de candidatos ou partidos. Contudo, a Mestra reflete que os gestores governamentais muitas vezes não consideram essa compreensão, e exigem uma relação de dependência e até subserviência que, não sendo correspondida, tem como consequência a suspensão de contratos que, obviamente, causa enormes transtornos, já que o trabalho conta com uma equipe bastante enxuta e responsável por uma grande demanda de trabalho. Assim, essa campanha tem o objetivo de mobilizar pessoas que possam contribuir com o pagamento mensal do educador, repassando para a entidade o valor referente a um salário

mínimo, a fim de que não haja interrupções nas atividades dos educadores e educadoras, que moram na comunidade e que contribuem cotidianamente com a educação e o futuro de dezenas de crianças e adolescentes.

v) COLETIVO DE COMUNICADORES/AS - O Coletivo de Comunicadores se encontra semanalmente para um processo de formação continuada, com a participação de 20 adolescentes com idade entre 12 e 18 anos, com oficinas de comunicação, construção de narrativas, fotografia, informática e cinema.

Entre os meses de maio a agosto foi desenvolvida uma série que conta a história da EVOT, para registrar algumas histórias e dar visibilidade às atividades do projeto. Foram produzidos, ainda, textos e registros fotográficos, divulgados nas redes sociais.

O grupo participa, também, das mobilizações, campanhas e ocupações do rio Gramame. As ações de comunicação se dão com cartazes, banners, divulgação no facebook, instagram, youtube, revistas, imprensa local (jornal, revista, rádio e tv). Ainda por meio de transmissão ao vivo nas ações do projeto, na fanpage e no instagram da instituição, como também a comunicação através de grupos no Whatsapp.

x) ARTICULAÇÕES, MOBILIZAÇÕES E PARCERIAS REALIZADAS EM 2018¹¹

Constituem importante aspecto do trabalho da EVOT por se tratar de ações que contribuem para a sustentabilidade e para a participação da entidade em importantes discussões.

z) FESTEJOS E COMEMORAÇÕES - Aniversariantes do mês; Festa dos 15 anos; Confraternizações; Carnaval, com cortejo de tambores; São João; Dia da Criança; Culminância da Gincana Ambiental, com festa, premiação e uma tarde na pizzeria.

¹¹ Ver detalhes no anexo F

4.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA: DECÊNCIA E BONITEZA DE MÃOS DADAS

Reconhecer que a história é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável (Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*)

Pensar na Escola Viva Olho do Tempo é refletir sobre um espaço onde me insiro em processos que suscitam desafios, buscas e utopias. Lugar onde se busca vivenciar uma esperança ancorada na prática, que se torna concretude histórica, como nos ensina Freire (1992), um lugar onde a educação seja igualitária, livre de qualquer amarra e desprovida de desigualdades e que caminhe com suas aprendizagens de forma construtiva, sonho de todo educador popular, (BRANDÃO, 1981).

Eu penso na EVOT e imediatamente me vêm imagens desses educadores e educadoras populares que moram no Vale do Gramame, que caminham no chão dessa comunidade. Sujeitos que, mesmo desafiados por um cotidiano marcado pela precariedade das políticas públicas de educação, cultura, saúde, infraestrutura, geração de renda, transporte e segurança, são capazes de somar forças, cultivar cumplicidades, buscando construir esse tempo vindouro através de práticas educativas onde possam caber sonhos, crianças, adolescentes, idosos, tradição oral, matas, rios, estradas, lamas, tambores, cirandas, berimbau, culturas, artes. Todos os doze sujeitos desta pesquisa são referenciados aqui enquanto educadores e educadoras, pois é assim que eles e elas se percebem e se lançam nas suas práticas.

Faço uma breve apresentação dessas mulheres e homens, a fim de contextualizar um pouco suas histórias de vida, suas relações com a EVOT bem como visibilizá-los enquanto autores e autoras das práticas educativas em construção no Vale do Gramame¹². Optei por fazer essa apresentação utilizando a própria voz dos sujeitos em declarações para entrevistas realizadas para esta

¹² Todas as fotos apresentadas são de autoria de Thiago Nozi

pesquisa, além de algumas falas registradas em documentos da entidade, que estarão devidamente referenciadas, quando for o caso.

Início apresentando Maria dos Anjos, e considero importante evidenciar que a Mestra é reverenciada como uma sábia anciã, mestra de tradição oral, com os saberes da contação de histórias e das rezas. É conhecida como Mestra Doci. (Foto 23).

Educadores que perderam suas mães biológicas passaram a chamar a Mestra de mãe, dada a uma relação maternal construída. A Mestra, no cotidiano, faz questão de se inserir no contexto da equipe de educadores e educadoras e, além das permanentes articulações de apoios para a sustentabilidade da entidade, realiza atividades com a meninada, participa de rodas de planejamento, de formação continuada e demais atividades do dia a dia.



FOTOGRAFIA 23 - MESTRA DOCI

“O que me levou a construir a Escola Viva Olho do Tempo foi ouvir, ao longo da minha infância, que sonhar é coisa de louco, coisa de pessoas que não tem o que fazer, que é uma grande perda de tempo, porque a vida é feita de feijão, farinha e arroz, e não de sonhos. Mas eu continuei sonhando, e vejo que entre o sonho e a concretização é muita coisa boa que a gente aprende. Vindo da Bahia e procurando um lugar para morar, achei essa terra boa no Vale do Gramame e aqui decidi ficar. Eu tinha escolhido, como exercício cotidiano de vida, cuidar da natureza e plantar

sonhos, e fui partilhar esse desejo. Fui procurando as pessoas que eram lideranças na comunidade, porque eu não achava certo chegar na casa dos outros sem dizer o que eu tinha vindo fazer. Me coloquei nesse desafio de bater de porta em porta. As pessoas estranhavam, achavam que era coisa dos políticos, mas eu decidi não recuar, e fiz toda uma caminhada pelas lideranças e entidades da comunidade. E deixei a minha porta aberta para ver o que acontecia. E começaram a chegar os adultos acompanhados das suas crianças. No início não tinha atividade, era um espaço vazio que recebia as pessoas, e a gente ia conversar sobre os sonhos de cada uma. A partir daí, foram chegando alguns amigos parceiros para contribuir com alguma atividade, e foi se criando uma rede entre pessoas das comunidades e diversas parcerias, com foco no trabalho com meio ambiente, arte e autoconhecimento. E assim desde 2004 temos construído muitas histórias embasadas na ideia de que acreditar nos sonhos de cada criança é acreditar em um mundo melhor para todos nós. Hoje também me dedico muito às ações de sustentabilidade da entidade, e gosto de procurar as pessoas para ajudar, porque um dos nossos grandes sonhos é que a EVOT seja autossustentável. A construção das nossas vidas é sustentada por este quarteto: a magia de pedir, a alegria do receber, a graça do dar e a amorosidade do agradecer. E assim seguimos, observando o futuro e namorando com ele de forma leve, amorosa, sem agonias...porque assim é o sonhar” (**Maria dos Anjos Mendes Gomes - Mestra Doci**, 67 anos, baiana, idealizadora, fundadora e gestora da EVOT, moradora de Gramame, mestra de tradição oral das rezas e contação de histórias. Graduada em Letras).

Abaixo, a Mestra Doci descrita pelo olhar poético de Penhinha e Ivanildo, poema que foi transformado em canção pelo compositor Adeildo Vieira, e cantado pelos educadores/as e meninada no aniversário da Mestra no ano de 2012.

Como a luz da lamparina, na noite brilha mais forte
 Assim faz Doci, apontando a vida pra sorte
 Na força dos anos vividos
 De natureza e fé na gente
 Clareia os passos da nossa trilha.
 O Vale do Gramame agradece
 A sua existência sublime
 Pois quando a EVOT faz a sua prece
 Todo desamor, todo mal se redime
 Família que cresce junto

Cuida da casa e junto permanece
Quem sabe da força de um rio
Sabe da vida e do amor que só cresce.
Com sabedoria, Dos Anjos
Me ajudou a entender
O melhor lugar desse mundo é viver aqui
Na sombra desse cajueiro
Foi nessa escola que aprendi que cidadania é fruta doce.
Lutar e viver também pode ser doce doce
Quem foi que me ensinou a pensar assim? Doci!
(Música: Vale Doci, de autoria de Penhinha Teixeira, Ivanildo Santana e Adeildo Vieira – 2012).



FOTOGRAFIA 24 - PENHINHA

“Meu nome de batismo é Maria da Penha Teixeira de Souza, conhecida como Penhinha, nasci no ano de 1991, tenho 27 anos. Nasci e me criei na comunidade quilombola Mituaçú, no município do Conde, Paraíba, Brasil. Conheci a Escola Viva Olho do Tempo aos 13 anos. Menina tímida, eu conheci a Mestre Doci quando ela chegou na minha comunidade contando histórias. Um dia, junto com minhas primas, fomos até ela para ouvir o que ela contava naquela roda. Ela falava em sonhos. E eu, dentro do meu silêncio, pensava: - “Eu não tenho sonhos.”. Fui sentir de perto a EVOT e foi aí que aprendi que aquelas coisas que eu considerava impossíveis, que eu tinha na minha cabeça, se chamavam justamente sonhos. Sim, descobri, eu tinha sonhos! Na caminhada pelo Olho do Tempo aprendi a falar e a sonhar, entrei nessa

roda de sonhos e não pretendo sair dela. Quando eu cheguei aqui na escola, a proposta inicial era partilhar com as crianças os nossos saberes. Então eu fui pensando sobre o que sabia fazer, e como eu ia passar isso para as crianças. Inicialmente, fui para a informática e para a produção de doces de pimenta, depois me inseri nos trabalhos de criação e produção do nosso projeto São João Rural. Depois a gente foi construir qual a importância dessas crianças aprenderem o que a gente já sabia, e como isso ia contribuir para o desenvolvimento delas. Depois a gente foi fortalecendo o que a gente já sabia com os estudos e reflexões que fomos realizando aqui nas nossas formações continuadas. Outras pessoas também chegaram para somar com essa roda, e juntos fomos construindo atividades e novos projetos. Hoje, eu moro no Vale do Gramame e trabalho na EVOT onde coordeno o museu Olho do Tempo, sou gestora, educadora, contadora de histórias e mediadora de leitura. Represento a entidade em redes e fóruns de articulação. Atualmente, estou cursando Pedagogia do Campo na Universidade Federal da Paraíba, que é mais um sonho realizado. Sou educadora social, ministro a oficina de patrimônio cultural e a oficina de brincantes. Canto e toco pandeiro. Sou uma eterna brincante da cultura popular e tradicional do meu povo. Sou griô aprendiz, responsável por fazer a mediação e preparar os espaços para a chegada dos mestres. Por isso, falo dos mestres com brilho no olhar. Nesse ano de 2018 assumi a coordenação pedagógica da EVOT, que representa conquista e novos desafios, porque considero que aqui nós fazemos uma educação diferente” (**Penhinha Teixeira** - Educadora, Gestora e Coordenadora do Museu Olho do Tempo e da Biblioteca Olho do Tempo. Estudante de Pedagogia/Educação do Campo/UFPB).



FOTOGRAFIA 25 - FLÁVIA

“Sou Flávia Araújo dos Santos, tenho 27 anos de idade e um filho de 6 anos, que se chama Juan Guilherme. Moro no Vale do Gramame, e até recentemente morava na casa da minha mãe, mas atualmente passei a morar em outra casa, eu e meu filho. Fui chegando na Escola Viva Olho do Tempo aos poucos, como educanda, vivenciando aprendizados, e em 2010 fui contratada pela entidade, onde sou responsável pela secretaria e também ministro oficinas de danças populares, estética afro e de artesanato com material reciclado. No dia a dia aprendi a ministrar essas oficinas a partir das demandas do próprio trabalho associadas às habilidades e práticas que eu já tinha com essas atividades. Aprender a partilhar esses aprendizados foi mais uma das descobertas encantadoras que a EVOT estimulou em mim. Como secretária e gestora, cuido de todo o operacional da entidade, desde arquivos até relatórios e matrículas, trabalho que também tenho aprendido com a prática do dia a dia. Na secretaria, entre outras atividades, eu organizo arquivos e documentos, faço monitoramento geral de saídas e entradas de documentos (ofícios, convites, eventos, entre outros). Mantenho a equipe informada a respeito das demandas gerais e das agendas de atividades internas e externas. Dou informações e atendo os telefones, realizo as matrículas e faço o monitoramento de vagas e/ou evasão dos educandos. Organizo as visitas domiciliares, cuido das contas telefônicas, faço atas de reuniões, monitoro entrada e saída de materiais dos almoxarifados. Minha principal meta para 2019 é entregar o relatório anual com todas as informações precisas como: acompanhamento das atividades internas e externas de cada educador, monitoramento dos ofícios recebidos e expedidos,

convites para apresentações, visitas, reuniões e formações; aprimorar a comunicação com a equipe, utilizando também as ferramentas da internet para que as informações cheguem até cada um. Desejo contribuir mais com a sustentabilidade da nossa entidade, apoiar Daniele na produção dos materiais e nas arrumações, fazer a coordenação da festa de 15 anos junto com a Mestra. Desejo fazer cursos para o meu aprimoramento. Também quero ouvir mais e falar mais. Faço, sei e vivo o dia a dia da Escola Viva Olho do Tempo, e sempre estou disponível para contribuir com as demandas do nosso cotidiano. Tenho o sonho de realizar o curso superior, e tenho tentando a seleção há alguns anos consecutivos” (Flávia Araújo - Educadora, Secretária e Gestora. Ensino médio).



FOTOGRAFIA 26 - SANDRA

“Eu, Elizabete da Silva Moreira, conhecida pelo nome de Sandra, tenho cinquenta anos, sou mãe de nove filhos, vim do bairro Alto do Mateus em João Pessoa, Paraíba. Morava no acampamento 19 de Maio, do Movimento de Luta pela Moradia, e vivi muitas lutas comunitárias, passando por diversas dificuldades, mas valeu a pena, porque hoje tenho minha casa aqui no Vale do Gramame. Vim morar aqui na comunidade em 2007 através do programa ‘Minha Casa, Minha Vida’. Em 2009, através de uma reunião da associação que eu participava, conheci a Escola Viva Olho do Tempo, e aí fui convidada para fazer parte dessa entidade, que eu trabalho

até hoje como acolhedora da meninada, recebendo todos na chegada (no início da manhã e no início da tarde), encaminhando a meninada para suas atividades e sempre conversando sobre a importância deles para a EVOT. Acompanho a meninada também nas atividades externas, quando saem para se apresentar em lugares da cidade, e até já cheguei a passar o final de semana com eles em eventos e festivais de arte em algumas cidades do interior do estado. Também acompanho a assistente social nas visitas domiciliares. Sou uma pessoa conhecida na comunidade, tenho uma convivência boa e, como faço tudo com amor, eu me dedico muito mais. A Escola Viva Olho do Tempo para mim é como uma mãe que está sempre de braços abertos para receber seus filhos e ajudar na construção da vida! O que mais me atrai na EVOT é essa força de descobrir o melhor de cada um de nós, sempre nos colocando em busca de novos aprendizados e nos ensinando a melhorar como pessoa” (**Sandra** – Gestora e Educadora responsável pelo acolhimento das crianças e adolescentes. Ensino médio).



FOTOGRAFIA 27 - CÉLIA

“Eu sou Maricélia Maria da Conceição, conhecida por Célia. Sou moradora da comunidade de Gramame, tenho 45 anos. Conheci a Escola Viva Olho do Tempo através de um grupo de moradores que se reunia para tratar de melhorias para a comunidade. Nessa reunião, conheci a Mestra Doci e passamos a realizar várias ações juntas na comunidade. Fui contratada em 2011 e assumo a função de educadora alimentar e gestora de alimentação da EVOT, responsável pela organização, cuidado e preparo dos alimentos, e também cuido dos espaços e utensílios da cozinha, organizando os armários e estantes, identificando por etiquetas para manter organizado os materiais; faço higienização da geladeira e freezer. Hoje sinto necessidade de fazer um curso de confeitaria pra melhorar os bolos, doces e salgados das festas dos aniversariantes do mês. Com o trabalho aqui na EVOT eu me percebo uma pessoa melhor, e tenho aprendido a ouvir mais as pessoas e a respeitar a opinião do outro, me sinto mais fortalecida para defender minhas opiniões e para lutar por minhas ideias. A EVOT é um trabalho onde todos os dias a gente ensina e aprende, constantemente. O meu desejo é permanecer realizando esse trabalho por muitos e muitos anos” (**Maricélia Maria** - educadora alimentar e gestora de alimentação. Ensino médio)



FOTOGRAFIA 28 - DANIELE

“Eu sou Daniele Ramalho, moradora da comunidade de Gramame. Tenho 37 anos de idade, estou na Escola Viva Olho do Tempo desde 2005, e atualmente assumo as funções de educadora de serviços gerais e gestora de manutenção de serviços. Cuido e faço consertos nas roupas de apresentação dos grupos da entidade, confecciono bolsas de tecido e outros pequenos trabalhos artesanais que são colocados à venda nas nossas atividades. Sou responsável por manter os espaços da EVOT limpos, inclusive envolvendo e construindo com as crianças e adolescentes uma prática de cuidado com a preservação da limpeza dos nossos espaços. Criei uma tabela que me ajuda a organizar melhor as atividades: FAZERES DIÁRIOS: limpar e organizar os banheiros, o Teatro Acácia, a área do lanche, a entrada da EVOT; FAZERES SEMANAIS: limpar e organizar a sala de jogos, a sala multiuso, as alas de aula, a sala de informática, o cantinho da memória e recepção; FAZERES QUIZENAIS: limpar e organizar as mesas, cadeiras, cerâmicas, biblioteca, sala de serviço; FAZERES MENSAIS: limpar e organizar os almoxarifados e organização das roupas das apresentações dos Tambores do Tempo”. (**Daniele Ramalho** - Educadora de Serviços Gerais e Gestora de Manutenção de Serviços).



FOTOGRAFIA 29 - MARCÍLIO

“Eu sou Marcílio Alcântara, nascido e criado no Alto do Pascoal, bairro de Água Fria, na cidade do Recife, Pernambuco. Um bairro que agrega uma diversidade de grupos culturais: maracatu, escola de samba, grupo de frevo, afoxé, samba-reagge, pagode, caboclinhos, terreiros, boi e ala ursos. Desde criança, eu dormia ao som de ritmos, depois esses ritmos começaram a entrar nos meus sonhos. Por volta dos três anos de idade, minha mãe começou a me levar para assistir aos ensaios da escola de samba Gigante do Samba, em frente à nossa casa, e isso me influenciou para a música. Depois veio a influência dos meus irmãos, que participavam de ala ursa, grupo formado por instrumentos de percussão feitos de lata. Foi aí que eu comecei a construir meus primeiros instrumentos musicais, inclusive o meu primeiro berimbau, feito de cabo de vassoura, qualquer arame de varal de roupas e lata de leite. Após muitos anos, muitos ritmos e desafios, eu vim morar em João Pessoa, ainda adolescente com 16 anos. Em pouco tempo, formamos o Maracatu Pé de Elefante. Pouco tempo depois, conheci Penhinha, que me contou lindas histórias da Escola Viva Olho do Tempo. Daí foi um passo para conhecer a mestra Doci e nos olhamos com uma forte emoção de mãe e filho. Elas me encantaram para eu chegar até aqui. Cheguei em Gramame em um dia de bastante chuva, e a chuva me guiou os caminhos. Quando botei os pés na Escola Viva Olho do Tempo pela primeira vez, a emoção foi enorme. Conheci o espaço, conheci a equipe, conheci a meninada. Comecei o trabalho e partilhei com a meninada o meu forte desejo de formar um grupo de maracatu. Todos se mostraram curiosos. Esse trabalho começou com 20 alunos. A cada mês, aumentava a quantidade de crianças e adolescentes na oficina,

e hoje somos 130 participantes, entre crianças e adolescentes, somos os Tambores do Tempo, grupo de percussão que apresenta ritmos como o maracatu, coco, ciranda, samba reagge, toré, mangubeat, toques africanos, samba, e também trabalhamos com construção de instrumentos de percussão. Hoje, moro no Vale do Gramame, sou gestor e coordeno os Tambores do Tempo” (**Marcílio Alcântara** – Músico, Educador de Percussão, Gestor, coordenador do grupo de percussão Tambores do Tempo e coordenador da área de música. Fundamental incompleto).



FOTOGRAFIA 30 - IVANILDO

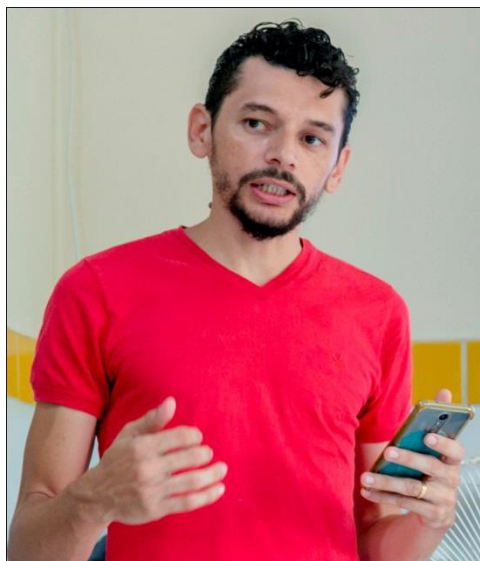
“Eu, Ivanildo Santana Duarte, nasci e cresci aqui em Gramame. Fui ajudante de pedreiro, catador de coco e depois tive o meu primeiro emprego com carteira assinada. Parecia muito, mas eu sempre procurei mais. Envolvido com as atividades sociais e culturais da comunidade, achava pouco o que vivia até ali. Mas, o tempo é senhor de tudo e a vida é senhora de todos nós. Me deixei guiar. Aí chegou a Escola Viva Olho do Tempo na nossa comunidade. Tomado pela curiosidade de conhecer novas pessoas, com perspectivas diferentes, fui conhecer a EVOT e me misturei a um movimento de crianças, jovens e adultos de várias idades. Percebi que aquelas duas senhoras, Bel e a Mestra Doci, estavam tecendo vidas, sonhos, desejos, lágrimas, saberes, fazeres e desafios no Vale do Gramame. Depois desse encontro, elas me convidaram para fazer parte da comissão de coordenadores de comunidade e começou ali uma história de muito trabalho, com atividades que fortaleciam a

identidade das comunidades do Vale. Já estava encantado. Era esse o curso que o meu rio procurava. Aos poucos, fomos juntos mudando nossa realidade local. Unimos esforços para o cuidado com a natureza e aprendemos o conceito de sustentabilidade. Sim, é esse o rio que cruza o meu caminho na EVOT, a preservação da natureza abundante no nosso Vale do Gramame. A partir das minhas vivências na comunidade e da união com outras pessoas, as descobertas e os projetos foram brotando. E hoje eu sou educador, coordeno as Trilhas Ecológicas (articulando escola públicas e privadas, divulgando para vendas, realizando limpeza e manutenção, organização do material de segurança como luvas, óculos protetor, máscara, botas); coordeno a campanha permanente 'Rio Gramame Quer Viver em Águas Limpas' (com participação em fóruns, redes e mobilizações, entre as quais Rede das águas – SOS Mata Atlântica, Comitê de Bacia do Litoral Sul, Comissão do MP, UFPB, comissão junto a alguns parlamentares). Coordeno todo o trabalho de educação ambiental, assumindo a gestão de meio ambiente da EVOT. Sou EVOT, realizo sonhos em outros sonhos que são comuns aos meus, e que juntos se fortalecem e se refazem, alimentando novos desejos para seguir em frente” (**Ivanildo Santana** – Educador, Gestor e Coordenador de Educação Ambiental. Ensino médio).



FOTOGRAFIA 31 - RAQUEL

“Sou Raquel Carvalho, venho de Patos, interior da Paraíba. Tenho 40 anos, sou mãe de um filho e de uma filha. Sou bacharel em Economia, atualmente curso a graduação em Ciências Contábeis na UFPB. Em 2014 passei a morar no Vale do Gramame. Integro a Escola Viva Olho do Tempo desde o ano 2000, contribuindo para esse trabalho desde a época da construção do prédio e o investimento financeiro e pessoal das fundadoras Maria Bernadete e Maria dos Anjos, as quais eu chamo respectivamente de Bel e Doci. Depois acompanhei todo o processo de implantação e desenvolvimento das atividades. Atualmente, atuo como técnica administrativo-financeira, gestora da área de inclusão digital. Eu trabalho na parte administrativa e financeira, ajudo na elaboração de projeto e sou responsável pelas prestações de contas, pelos cadastros da organização, pela parte de execução de despesas, e todo contato com os financiadores que a gente tem projetos aprovados, acompanho as certidões negativas junto com Bel, apoio nas compras, já dei aulas de informática, e dou apoio no que for necessário, nas festas, nos eventos e ajudo em diversas logísticas. Aqui na EVOT nos consideramos uma família que pensa e disponibiliza as suas forças e potencialidades para a expansão das ações desta entidade. O tempo é vivo e ele é escola” (**Raquel Carvalho** – Gestora e Coordenadora administrativa- financeira. Estudante de Ciências Contábeis/UFPB).



FOTOGRAFIA 32 - THIAGO

“Sou Thiago Marques Lucena, conhecido por Thiago Nozi, morador da Comunidade de Gramame, atualmente com 31 anos. Possuo o ensino superior incompleto, e atualmente, na EVOT, assumo as funções de coordenador de Trilhas de Ciclismo, Fotógrafo e Gestor de Mídias. O meu encontro com a EVOT aconteceu quando no final de 2013, quando eu ainda engatinhava como fotógrafo, tive a oportunidade de participar do Festival Mundo, onde conheci Penhinha (que hoje é minha amada companheira) e Ivanildo, pois uma das atividades do Festival aconteceu na EVOT. Até então, mesmo sendo morador do Vale do Gramame, eu ainda não conhecia a entidade. Depois do Festival, recebo a visita de Bel em minha casa, me convidando para colaborar com uma ação da entidade. A partir daí, não consegui me afastar desse lugar, e fui me apaixonando cada vez mais, aprendendo a compartilhar, escutar, colaborar, lutar juntos por uma causa. E o melhor: aprendendo a acreditar em mim! O que muito me encantou, quando eu percebi que a escola tinha uma vivência diferente, foi quando eu comecei a perceber a importância do abraço. Eu gostava de abraçar, mas não tinha a dimensão desse significado. Tudo isso foi modificando o meu olhar fotográfico sobre a escola, que inicialmente era apenas um registro profissional, de uma empresa como a sociedade forma a gente, pra ser uma máquina, trabalhar, ganhar dinheiro, sem essa dimensão dos vínculos afetivos. Hoje eu tenho esse olhar da amorosidade nos registros fotográficos que eu faço. Hoje eu compreendo a importância da escola para a comunidade, para as conquistas da comunidade, principalmente para as crianças. Toda essa vivência me transformou como pessoa, e fez com que eu me reconhecesse nesse lugar. Sou gestor de mídia

e fotógrafo, e também realizo oficina de fotografia com as crianças. Sou responsável pelas seguintes atividades: Gestão de Mídia (Facebook, Site, Twitter, Instagram, YouTube, Diáspora, GDrive): gerar conteúdo diário, com base nas atividades que estarão acontecendo no decorrer de todo ano; gerar e colher dados (acessos, curtidas, compartilhamentos) da página na respectiva plataforma, e apresentar no final de cada mês; gerar conteúdo semanal, visando assim a alimentação do site e rotatividade de informação sobre a EVOT; gerar e colher dados sobre os acessos, visitas e contatos feitos diretamente pelo site, Apresentar no final de cada mês; gerar conteúdo para o perfil no Twitter, replicando sempre as postagens do site e página oficial no Facebook; colher e gerar dados sobre os acessos e RT do perfil e apresentar no final de cada mês; criar conteúdo diário para o perfil no Instagram (foto e texto com linguagem fácil e rápida; gerar e colher dados sobre as postagens, e apresentar no final de cada mês. Contribuir com as campanhas da entidade: desenvolver campanhas de arrecadação de recursos e parceiros para instituição; desenvolver campanhas em prol da divulgação do nome da instituição; manter contato de transparência com os doadores por meio de Newsleter. Realizar oficinas de Produção Audiovisual em Estúdio. Para esse ano de 2019 pretendo desenvolver uma equipe de ciclismo da EVOT, para disseminar a prática de outros esportes além do futebol. Com isso, treinar e fazer crescer jovens atletas capazes de levar o nome da instituição para as competições de ciclismo de estrada (Speed). O que muito me encanta é a liberdade de produzir o conhecimento junto com as crianças, a liberdade de conhecer e pensar. A gente incentiva para que eles sonhem e sigam o caminho do conhecimento para realizar os sonhos. Sinto esse lugar como a minha segunda casa, e desejo vida longa aos sonhos do Olho do Tempo e a Mestra Doci” **(Thiago Marques Lucena** - Gestor de mídia, fotógrafo, coordenador das trilhas de ciclismo e educador. Ensino médio).



FOTOGRAFIA 33 - BEL

“Eu sou Maria Bernadete Gonçalves, fundadora da EVOT, moradora de Gramame, 64 anos. Graduada em Serviço Social, atualmente assumo a função de coordenadora administrativa da entidade. Conheci a EVOT logo que me aposentei. Em vindas e idas de Recife (onde morava até 2001) para João Pessoa, fui convidada para ser voluntária na criação desse projeto que se chamaria Escola Viva Olho do Tempo. O que me cativou nesse convite foi a forma inusitada das palavras usadas por Doci, que me disse exatamente assim: “Você está aposentada, venha fazer uma parceria com o Olho do Tempo, pois quem se aposenta normalmente faz parceria com farmácia”. Então, aceitei o convite e firmei parceria, foi a melhor coisa que fiz, pois realmente tenho encontrado colegas de trabalho aposentados que lastimavelmente optaram em serem parceiros de farmácias. Esse trabalho da EVOT me fez constatar que os vinte e tantos anos de trabalho como Assistente Social, numa empresa de grande porte, não me oportunizaram o conhecimento que tenho adquirido nesses 14 anos de voluntariado, com constantes desafios. Costumo dizer que no Olho do Tempo nós vamos de “trono a trono”, ou seja, tanto estou varrendo a escola, atendendo uma criança, uma família, e em seguida tenho que me deslocar para reuniões, com gestores da cidade, do governo do estado, etc. Às vezes me perguntam o que ganho com isso, e eu respondo que ganho o que falamos tanto e buscamos tão pouco, que é qualidade de vida. E como isso chega? No abraço de uma criança, no carinho de uma mãe quando sai aliviada, porque seu filho está menos agressivo e estudando mais. Mas o que me emociona mesmo é encontrar lindos adolescentes e jovens na rua e me chamarem de tia Bel, e dizer que foi muito bom o tempo que estiveram conosco, e os que chegam sem avisar e adentram na

escola, na certeza de que ali foi e será sempre um espaço de acolhimento e amor. Só pra registrar, Bel é meu apelido de infância que resgatei, porque aqui sempre buscamos resgatar a criança de cada pessoa que aqui chega” (**Maria Bernadete Gonçalves**, fundadora da EVOT, coordenadora administrativa da entidade. Graduada em serviço social).



FOTOGRAFIA 34 - THAÍS

“Eu sou Thaís do Amaral Nóbrega, moradora da Comunidade de Gramame, tenho 32 anos, e cheguei na EVOT aos 18 anos para ajudar a organizar os livros da biblioteca e também auxiliar no plantio da cerca viva. Sou graduada em nutrição, atualmente assumo a função de nutricionista voluntária da entidade, e contribuo com o planejamento do cardápio, aproveitamento e higiene dos alimentos e higiene da cozinha. Também auxilio nas ações de sustentabilidade da entidade. Na minha adolescência, quando eu estava vivendo um momento de desesperança, conheci a Mestra Doci, e se deu um dos momentos mais especiais da minha vida, pois com ela aprendi a reconstruir minha esperança. Com o crescimento físico e o desenvolvimento psicológico, fui conquistando minha liberdade. Um dia, a Mestra chegou para mim e perguntou: Qual o seu sonho? Respondi: Ser nutricionista. Ela

falou: Então, filha, se você tem esse sonho, corra atrás, lute por ele, apenas você pode fazer isso! Vá a seu próprio bom combate, tenho certeza que você será vitoriosa! Apenas não desista de você! Assim eu fiz. Nesse momento a Mestra estava escolhendo o terreno para construir a Escola Viva Olho do Tempo. Eu comecei a frequentar a Evot, ainda com muita carência emocional, entre outras atividades, eu me entregava ao plantio de árvores frutíferas, buscando trabalhar minhas dificuldades de mexer com a terra, e fui me conectando mais com a natureza. O tempo passou, e consegui ingressar no mundo acadêmico, me tornei nutricionista, ingressei no mercado de trabalho e fui morar na Bahia. Depois de um tempo, voltei para a Paraíba para cumprir minha missão de ser voluntária da Escola Viva Olho do Tempo, e consegui realizar meu sonho de fato. Estou morando nesse lindo lugar chamado Vale do Gramame. Foi uma mudança de vida, aprendi a reconhecer minha alegria e amor próprio. Tudo que sou e tudo que aprendi na prática da vida, devo às lições vivenciadas na EVOT” (Thaís do Amaral Nóbrega, nutricionista voluntária. Graduada em nutrição).

5 CULTURA, EDUCAÇÃO E SABER LOCAL: APONTAMENTOS SOBRE NOSSAS FONTES CULTURAIS

Gosto de ser gente porque mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam (Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia*, 1996, p. 60).

Compreender os processos de cultura e educação que acontecem em determinados territórios requer olhares que levem em conta as especificidades, os seus tempos e espaços, sobretudo num país como o Brasil, marcado por uma rica e pulsante diversidade cultural, mas com um pensamento do colonizador ainda representando um forte paradigma nos diversos sistemas de relações que, conseqüentemente, geram graves processos de exclusão. Inclusive, o descompasso entre cultura e educação é ainda um obstáculo que precisa ser transposto para que ambas, cultura e educação, possam estar entrelaçadas, fortalecendo e recriando sentidos para a vida e alimentando uma visão esperançosa quanto às mudanças que precisamos empreender no mundo.

Sobre isso, Freire (1979, p.109) chama a atenção para a importância da compreensão do conceito antropológico de cultura e afirma que cultura “é toda a criação humana”, assim como Brandão (2007, p. 25), nessa mesma direção, diz que é “tudo que existe transformado na natureza pelo trabalho do homem e significado pela sua consciência”.

Nesse sentido, compreender a educação enquanto uma construção de processos que partem da realidade com suas complexidades e contradições é, sem dúvida, uma busca permanente que exige comprometimento e constantes reflexões, compreendendo, como afirma Brandão (2007, p. 10), que “da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender”.

Nessa perspectiva, refletindo sobre a importância de estarmos atentos às diferentes formas e capacidades de aprender, ressaltada por Freire em *Pedagogia da Esperança*, Gonçalves, no seu artigo intitulado ‘Conhecimento do Mundo como

Sabedoria de Vida na Cultura Popular: horizontes a partir da contribuição de Paulo Freire', afirma:

O educador pernambucano, na referida publicação, não nos coloca apenas diante dos trabalhadores não escolarizados, empobrecidos e desvalorizados socialmente. Ele concorre para que, devidamente atentos, estejamos próximos do vasto e surpreendente repertório humano de corpos conscientes, dotados de diferenciada capacidade de obter acesso às coisas e aos lugares deste mundo (GONÇALVES, 2009: p.15).

Assim, neste tópico, busco discutir alguns aspectos concernentes a essa complexidade relacionada aos múltiplos significados de cultura e educação nos contextos locais. Para subsidiar essa discussão, inicio refletindo quanto aos engendramentos que fizeram parte da formação do povo brasileiro, buscando entender essa tradição formada por uma inteligência construída fora da escola, bem como as muitas contradições, hierarquias e desigualdades que alicerçaram a construção da sociedade brasileira.

Nesse contexto, vale ressaltar que diversos estudos desconstróem a ideia de um legado indígena apenas de coisas e objetos, revelando uma importante matriz de inteligência no que se refere às diversas formas de se conduzir no mundo. Esses estudos apontam, também, para uma forte matriz relacional, o que nos leva a compreender, por exemplo, a importância das relações para o fortalecimento do território.

Essa ideia é claramente colocada por Couto (1998), quando nos traz os exemplos do poder local nas organizações indígenas:

Era frequente estabelecerem-se informalmente redes de aliança entre aldeias vizinhas politicamente autônomas, mas sem um centro diretor ou a subordinação a um morubixaba comum, uma vez que cada taba só reconhecia um respectivo líder. Não ocorreu, por conseguinte, uma articulação dos grupos locais em unidades mais amplas, somente se reconhecendo atuações concertadas em períodos de guerra. (COUTO, 1988, p. 97).

Dessa forma, Couto (1988), quando trata da organização política dos ameríndios, estimula a pensar acerca da importância da construção coletiva, do fortalecimento das organizações de base e do poder local. A discussão aqui apresentada parte, portanto, de uma compreensão acerca de pensar educação e cultura enquanto processos plurais e indicotomizáveis na formação humana, que

buscam fortalecer as ações transformadoras dos sujeitos no cotidiano dos seus contextos locais.

Compreende-se, assim, educação e cultura enquanto processos imprescindíveis para os enfrentamentos necessários às forças hegemônicas da economia globalizada que impõe seus modelos neoliberais pautados na lógica do mercado e nas relações de consumo desenfreado, imprimindo uma uniformidade através de padrões que nos negam e amesquinham como gente (FREIRE, 1996).

O legado de Paulo Freire nos ajuda a pensar exatamente em uma educação enquanto prática de fortalecimento do protagonismo desses sujeitos locais, construindo conhecimentos a partir desse existir da vida cotidiana, buscando remover esse véu sobre as pluralidades e identidades, desvelando os diferentes conhecimentos que, no cotidiano, as pessoas constroem para serem felizes. E isso implica em lidar com grandes desafios e delicadezas, uma vez que a nossa opção, enquanto educadores e educadoras, caminha no sentido de enxergar a realidade com todas as potencialidades e complexidades, e construir uma compreensão dos contextos a partir do que os sujeitos locais vivem e do que são capazes para reinventar esse viver e transformar a realidade.

É nessa dinâmica que as práticas cotidianas vão buscando formas para ir se contrapondo a essa vida pautada no individualismo e na competitividade, tão propagada pela lógica do poder econômico, com um forte referencial de massificação e coisificação, que tem como principal objetivo o consumo exacerbado e o desenraizamento cultural, tendo os meios de comunicação de massa como fortes aliados.

Em contraposição à lógica do capital, do ter sobre o ser, vamos encontrar muita força em ações comunitárias através das quais os sujeitos locais se organizam para dar sentido ao cotidiano, no qual, de alguma forma, procuram mostrar quem eles são para si mesmos nessa “boniteza de ser gente”, construindo práticas nas quais ensinar e aprender não se dão “fora da procura, fora da beleza e da alegria” (FREIRE, 1996, p. 67). Essas ações estão espalhadas em todos os recantos do nosso país, com grupos aprendendo e ensinando nessa partilha de conhecimentos que são construídos através de suas vivências cotidianas. E esse processo, nas organizações locais, é revestido de muita força e sabedoria, certamente advindas da

nossa matriz indígena, como apontam os estudos de Couto (1998), acima mencionados.

Ainda sobre essa reflexão acerca das nossas fontes culturais, Florestan Fernandes (1964), tratando do legado da inteligência dos indígenas, considera que existe uma filosofia com rica complexidade na educação tupinambá que nos deixa uma matriz de corporeidade como importante estratégia e chama a atenção para o que considera mais importante: bem viver a vida como processo, com vida longa, felicidade e vitórias nas lutas, bem como uma educação de ler os possíveis, perseguir as hipóteses, levantar as alternativas.

O antropólogo carioca Eduardo Viveiro de Castro (2002), aborda a matriz perspectivista como sendo a concepção indígena segundo a qual o mundo é povoado de outros sujeitos ou pessoas, além dos seres humanos, e que veem a realidade diferentemente dos seres humanos. Assim, pretensão dos ameríndios não era de se impor, mas sim de apresentar uma perspectiva. Na matriz perspectivista quem está no comando é a vida.

Nos embasamentos da educação popular, especialmente no legado de Paulo Freire, vamos encontrar esse comprometimento esperançoso com a vida. Contudo, ainda nos dias atuais, nos deparamos com uma educação que não reflete a vida, que não ensina a lidar com os possíveis, que traz o conhecimento pronto, ainda com um pensamento cartesiano que não permite lidar com incertezas, buscas, descobertas, uma educação ainda fortemente conteudista, quase sempre sem vínculo com os sujeitos envolvidos. Encontramos uma escola ainda fortemente marcada pelos paradigmas bancários, reprodutora de um pensamento colonizado e colonizador de que o saber é uma doação do professor que tudo sabe para o aluno que ele julga nada saber, “cuja tarefa indeclinável é encher os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade, desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação” (FREIRE, 2005, p. 65). Portanto, com essa educação bancária presente, a escola tem estimulado uma cultura de silêncio que cala vozes, pensamentos, dúvidas e questionamentos, com práticas cotidianas que reafirmam a opressão porque calam a diversidade, a criatividade, a liberdade.

A educação popular, portanto, abre caminhos para refletir sobre esse legado deixado pelas matrizes indígenas e possibilita um reencontro com esses elos que

foram se desconectando ao longo desse processo de colonização que insiste em manter os sujeitos calados, portanto, oprimidos, sob um conjunto de práticas e símbolos que reforçam esse modelo hegemônico opressor. Assim, se faz necessária a permanente reflexão sobre os desafios que se colocam no cotidiano da nossa prática, sobre as desconstruções que precisamos exercitar para que possamos construir uma visão menos fragmentada do ser humano.

É imprescindível alimentar inquietações e questionamentos acerca de quem estamos servindo, que modelo de sociedade queremos construir, quais os referenciais epistemológicos que estamos fortalecendo com as nossas práticas. Assim, precisamos estar enraizados nas nossas posições firmadas nos interesses de uma educação libertadora, fazendo “da opressão e das suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação” (FREIRE, 2005, p. 34), caso contrário, estaremos reproduzindo e perpetuando as práticas dos opressores.

É possível ampliar ainda mais a leitura da realidade atual na qual estamos inseridos. Júnia Ferreira Furtado, no texto intitulado *Cultura e Sociedade no Brasil Colônia* (2000), discute as opressões e resistências, e nos remete ao início de todo um processo marcado por hierarquias e desigualdades que foram tomando forma nesses três séculos de colonização sob a dominação do poder de outro continente, com lutas e resistências que se estendem até os dias de hoje.

Atualmente, estamos, no Brasil, vivenciando um cenário político que aponta para o acelerado avanço das políticas neoliberais, para o aumento das desigualdades sociais e para os retrocessos de diversas ordens, entre as quais o abandono das políticas sociais por parte do Estado.

Chauí chama a atenção para a gravidade, afirmando que o neoliberalismo, no Brasil, significa:

1. Levar ao extremo a polarização carência-privilégio, a exclusão sócio política das camadas populares, a desorganização da sociedade como massa dos desempregados; 2. Aumentar o espaço privado ocupado não apenas pelas grandes corporações econômicas e financeiras, mas também pelo crime organizado, o qual, diante do encolhimento do Estado, pode espalhar-se por toda a sociedade como substituto do Estado (proteção, segurança, emprego, privatização da guerra, privatização do uso da força etc.); 3. Significa solidificar e encontrar novas justificativas para a forma oligárquica da política, para o autoritarismo social e para o bloqueio à democracia (CHAUÍ, 2009, p.69).

Atualmente nos encontramos em plena vivência das políticas neoliberais e suas perversas consequências para os interesses populares, sentindo na pele a violação do estado democrático de direito, que culminou com o golpe de 2016 que tirou do poder o Partido dos Trabalhadores e levou à prisão Luiz Inácio Lula da Silva, o seu representante maior.

Nesse grave cenário, vivemos um desmonte das políticas públicas e um acelerado retrocesso socioeconômico, fatos que têm sido amplamente divulgados e debatidos nos meios de comunicação e nas redes sociais. Assim, descrevo resumidamente alguns pontos divulgados na revista Carta Capital¹³, em 24 de setembro de 2018, destacando algumas medidas que implicam em graves retrocessos do governo Michel Temer: 01. Desmonte de programas sociais, a exemplo do Programa Minha Casa, Minha Vida, com os aportes reduzidos significativamente, e extinção do Programa Farmácia Popular e Ciência sem Fronteira. 02. Um dos retrocessos mais graves no governo do presidente Michel Temer foi, sem dúvida, a aprovação, no Congresso, da PEC 55, que prevê o congelamento dos investimentos sociais pelos próximos 20 anos, com graves consequências para as áreas da saúde e educação. 03. Abertura do chamado pré-sal aos investidores estrangeiros. 04. Em fevereiro deste ano, o governo aprovou no Senado a chamada Reforma do Ensino Médio, sem promover nenhuma discussão com a sociedade. O projeto retira, dentre outras medidas, a obrigatoriedade de disciplinas como Filosofia e Sociologia, e excluiu da Base Nacional Curricular as expressões "identidade de gênero" e "orientação sexual". 05. Se a defesa dos povos indígenas nunca foi um ponto forte nos governos anteriores, no governo Temer a situação encontra-se ainda mais grave, com o desmonte da Funai e com o comando de um ruralista no Ministério da Justiça. Ainda com Alexandre de Moraes foi editada portaria alterando os procedimentos para demarcação das terras indígenas, e recentemente a base do governo no Congresso aprovou relatório de uma CPI pedindo o indiciamento de 35 indígenas, 15 antropólogos e 16 procuradores da República que defendem os direitos dos índios. 06. Desmonte dos bancos públicos, com anúncio de fechamento de 402 agências e a demissão de 18 mil funcionários do Banco do Brasil. A Caixa Econômica prevê o fechamento de 120 agências e a

¹³ <https://www.cartacapital.com.br/politica/12-retrocessos-em-12-meses-de-temer/>

demissão de 5 mil funcionários. 07. Com o Projeto da Reforma Trabalhista, o governo Temer liquida definitivamente com a proteção ao trabalho no Brasil. Medidas como o negociado sobre o legislado, a autorização do trabalho intermitente e o desmonte da justiça trabalhista fazem com que, de fato, a CLT perca qualquer efeito de regulação das relações de trabalho. 08. Através do Projeto da Reforma da Previdência, o governo Temer promove a destruição da previdência pública no país, impedindo o direito à aposentadoria para milhões de trabalhadores brasileiros. A medida configura-se mais grave contra as mulheres e os trabalhadores rurais, mas afeta a todos, com a imposição de idade mínima de 65 anos e de tempo de contribuição de 40 anos para o benefício integral.

Estamos vivenciando, no Brasil, graves retrocessos sociais e democráticos, e refletir sobre essa realidade nos coloca diante da necessidade de entender cada vez mais o processo histórico que vem nos formando ao longo dos tempos. Inclusive, com a eleição de Jair Bolsonaro para presidente, essa mentalidade de Brasil Colônia tem se propagado amplamente, e o presidente já anuncia ostensivos acirramentos entre o comando do seu governo e os movimentos populares, com conflitos de ordem política, racial, simbólica, econômica, cultural, com forte perseguição e criminalização dos movimentos sociais, defesa do Projeto Escola Sem Partido, fundamentalismo religioso.

Couto (1988) nos ajuda a construir um entendimento acerca de como as estruturas de poder foram se formando, o que nos leva a refletir que muitos dos nossos graves problemas estão enraizados lá nos anos 1500, ganharam força ao longo do Brasil Colônia, e vêm se fortalecendo ao longo dos tempos. Desde então, vivenciamos toda uma cultura de opressão e massacre, com movimentos de resistência e criatividade, nos construindo um povo marcado ao mesmo tempo pela originalidade e pela desigualdade. Vivenciamos modelos de hierarquias e desigualdades que até hoje estão por ser desconstruídos, e que geram graves processos de exclusão que procuram silenciar e invisibilizar o outro, o diverso. As diversidades são, portanto, essas construções históricas de diferenças e resistências produzidas nos tensionamentos das relações de poder e dominação ao longo da nossa história.

Sendo assim, a todo instante, as classes populares, com suas diversidades e movimentos, estamos inventando nossas formas para lidar com contextos que apresentam essas complexidades históricas enraizadas desde a formação do Brasil, e para isso acessamos essa marcante matriz indígena de inteligência e originalidade para reinventar diferentes modos de viver.

Nesse aspecto, os conceitos de educação, cultura e de saber local se dão amplos e diversos, se entrelaçando na construção de um cotidiano não só de sobrevivência e resistência, mas, sobretudo, de produção de conhecimentos, belezas, sonhos, utopias, ideias e ideais que são marcantes na obra de Freire:

Por isso, venho insistindo, desde a pedagogia do Oprimido, que não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio do um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens [...]. A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua (1992, p. 91).

Em sua obra, Freire reafirma, ainda, a educação enquanto um processo essencialmente libertador que tem a cultura como uma forte aliada para denunciar injustiças e anunciar sonhos, denunciar opressão e anunciar liberdade. Dessa forma, Freire nos ajuda a construir novas leituras e compreensões a partir de referenciais que levem em conta esse território rico e complexo, tecido com os fios da educação, da cultura e dos saberes locais, nos quais se encontram entrelaçadas as singularidades, coletividades, identidades, diversidades. O local é o território no qual as pessoas constroem significados para o sentido do existir cotidiano, e muitas experiências inovadoras estão sendo construídas coletivamente com a força dos sujeitos locais, que têm empreendido ações de gestão do território, articulando parcerias com os diversos segmentos da sociedade e ainda construindo mecanismos para o controle social das ações sobre o contexto.

Sendo a cultura, portanto, um aspecto fundamental para o sentido desse existir cotidiano, é primordial, e cada vez mais urgente, alargar os caminhos e construir alternativas para descortinar essas diversas experiências protagonizadas pelos sujeitos locais. Assim, Geertz (1997), indica que a cultura configura-se em uma construção histórica e simbólica tecida nas relações humanas no contexto da realidade sociocultural na qual está inserida.

Como um sistema de signos passíveis de interpretação, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ 1997, p. 24).

Geertz (2008, p.20) ainda acrescenta que “as formas da sociedade são a substância da cultura”. Nessa direção, Freire apontando para a importância da relação entre sujeitos sociais e uma compreensão do conceito antropológico de cultura, considera:

A distinção entre os dois mundos: o da natureza e o da cultura. O papel ativo do homem em e com sua realidade. O sentido de mediação, que tem a natureza para as relações e comunicação dos homens. A cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como o resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. O sentido transcendental de suas relações. A dimensão humanista da cultura. A cultura como aquisição sistemática da experiência humana. Como uma incorporação, por isso crítica e criadora, e não como uma justaposição de informes ou prescrições “doadas” (FREIRE, 1979, p. 108).

Essa compreensão nos remete a refletir sobre as sabedorias indígenas e dos nossos sertanejos nordestinos, que não consideram o ser humano como senhor da natureza, mas o seu guardião inteligente, e beneficiado por excelência, e que se beneficia de forças e vitalidades que apenas “pastoreia”, tendo como objetivo sempre uma integração maior com a natureza, assim como descrito no livro “Profetas da Chuva”:

Agindo para conhecer melhor o mundo, amplia a capacidade de agir de todos ao seu redor. Sua forma de ver a natureza torna um ambiente, muitas vezes hostil, num lar a ser habitado. Por meios de sua percepção, a prosa do mundo se torna legível, e a esperança, possível (BEZERRA JUNIOR, 2006, p. 130).

Dessa forma, o conceito de cultura se insere nessa teia de relacionamentos que se entrelaça aos saberes e fazeres locais, construídos coletivamente para fortalecer o território, para reafirmar identidades, para construir afetos, para ser feliz. É nesse contexto que muitas práticas pedagógicas são criadas e realizadas de forma significativa, movidas pelas práticas dos diversos sujeitos locais, e a cultura se manifesta nessa relação com os diversos modos e espaços nos quais acontece a produção de saberes, assim como explica Brandão:

À margem da vida dos dominantes, dos escravos aos boias frias de hoje, os subalternos souberam criar, dentro dos limites estreitos em que sempre lhes foi permitido 'criar' alguma coisa sua, os seus modos próprios de saber. Eles inventaram os seus códigos de trocas no interior da classe e entre classes [...]. Construíram estilos e tecnologias rústicas dirigidas aos seus usos do cotidiano. Inventaram rituais sagrados e profanos. (BRANDÃO, 2007, p. 104).

Percebe-se, portanto, a necessidade de compreender e fortalecer essas práticas construídas com os saberes presentes na comunidade, com os diversos significados que cercam o mundo dos sujeitos locais, fortalecendo a multiplicidade de sentidos do humano nas práticas pedagógicas, compreendendo a educação como isto e aquilo, e o contrário de tudo; ou ao invés de educação, buscar uma dimensão plural dos processos e da vida, e assim pensar em educações (BRANDÃO, 2007). E nessa mesma concepção plural da vida, além de educações, pensar também 'culturas', 'saberes', 'identidades', que possam construir processos também plurais que abarquem as incontáveis formas de ser e viver, com os inesgotáveis conhecimentos e saberes que compõem as culturas.

É através dessa percepção plural e relacional que o contexto local precisa ser compreendido, pois é no acontecer das práticas comunitárias que os grupos se organizam e vão criando seus próprios espaços coletivos para além dos muros da escola, assim como explica Brandão:

Uma complexa estrutura de tipos diferentes de redes, situações e espaços sociais onde as pessoas trocam entre si serviços e significados. Submetidas aos padrões de cultura que tornam possível compartilhar a vida social, diferentes categorias de atores da comunidade distribuem e perpetuam formas de trabalho, esferas de ação, posições e compromissos (1984, p.100).

Nessa direção, a Escola Viva Olho do Tempo constrói vivências com os saberes locais, através da arte e da cultura, em um cotidiano de batuques, cirandas, cocos, contação de histórias, poesias, danças, rios, árvores, natureza, abraços, sonhos, construindo processos através da arte, da cultura e do saber local. Esses trabalhos são facilitados pelas bases teórico-metodológicas da Pedagogia Griô, assim conceituada por sua idealizadora Pacheco (2006):

É uma pedagogia da vivência afetiva e cultural que facilita o diálogo entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre os grupos étnico-raciais

interagindo saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais para a elaboração do conhecimento e de um projeto de vida que tem como foco o fortalecimento da identidade e a celebração da vida. A vivência afetiva e cultural é facilitada pelos rituais de vínculos e aprendizagem. Os conceitos que estão sendo construídos na pedagogia griô se inspiram na tradição oral e se complementam pela educação biocêntrica, a educação para as relações étnico raciais positivas, a arte educação e a educação dialógica (PACHECO, 2006, p. 86).

Compreendemos, portanto, a necessidade de se construir caminhos para pedagogias nas quais estejam inseridos os saberes presentes na comunidade, com os múltiplos significados que cercam o mundo de educadores/as e educandos/as e com o exercício da diversidade, fortalecendo o sentido do humano nas práticas pedagógicas.

5.1 EMBASAMENTOS E INSPIRAÇÕES DA PEDAGOGIA GRIÔ NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA EVOT

Potes servem para guardar água, mas flores no pote servem para guardar símbolos. Servem para guardar a memória de quem fez, de quem bebe a água e de quem, vendo as flores, lembra de onde veio. E quem é. Por isso há potes com flores, Folias de Santos Reis e flores bordadas em saias camponesas (BRANDÃO, 1982, p. 107)

Assim como as práticas em defesa do meio ambiente e do rio Gramame, as ações de valorização e fortalecimento da memória e dos saberes de tradição oral da comunidade também são marcas identitárias do trabalho da EVOT, e a Pedagogia Griô tem embasado todo o processo, contribuindo para a construção de espaços para os potes e flores, para as subjetividades e as identidades, reavivando a reflexão crítica sobre essa lógica dominante eurocêntrica, que continua sendo o modelo de cultura nos diversos processos de educação. E que invisibiliza os saberes e expressões culturais que movem os sujeitos nos seus cotidianos. Refletir sobre os caminhos da EVOT com a Pedagogia Griô é, portanto, pensar em aprendizados que estão acontecendo no aqui e agora, entrelaçando saberes de ontem e de hoje, de tradição escrita e tradição oral.

Agora, quero apresentar Lillian Pacheco, criadora da Pedagogia Griô, mulher, escritora, poeta, educadora, com quem temos convivido e aprendido nos diversos trabalhos de formação e estudos através de teorias e vivências. Um grupo de educadores e educadoras da EVOT já teve oportunidade, inclusive, de beber na fonte do cotidiano de Lillian na cidade onde ela mora, em Lençóis, nascedouro da Pedagogia Griô, na Bahia, partilhando trabalhos, estudos, passeios, encantamentos, conversas, vivenciando a Chapada Diamantina, a Comunidade Quilombola do Remanso, a ONG Grãos de Luz e Griô, construindo buscas e inspirações com Lillian e seu pensar filosófico integrado às vivências do seu cotidiano.

Nos seus diversos espaços de atuação e nos textos que escreve, a autora sempre se apresenta reafirmando o seu lugar nesses entrelaçamentos de vida, história, identidade e trabalho, que deságuam no seu caminhar como educadora e pesquisadora. A Pedagogia Griô nasce dessa conexão de Lillian com a vida, integrando tudo que pulsa em história, ancestralidade, identidade, memória, cotidiano. Apresento, agora, Lillian Pacheco através da sua própria fala:

Em nome dos meus ancestrais, peço a bênção à minha vó Teté, neta de índia caçada no mato da Chapada Diamantina, guerreira que pariu vinte filhos em sua casa com parteiras tradicionais da sua comunidade rural a 90 Km de Lençóis, Bahia. Sou Lillian Pacheco, moro em Lençóis, Chapada Diamantina, Bahia, busco ser uma pensadora, escritora e educadora aprendiz, interiorana de ancestralidade indígena e negra. Busco ser uma mulher cheia de esperança na família e na comunidade, livre do mal estar do fundamentalismo religioso, do consumo e dos preconceitos de gênero e raça. Busco participar da construção do conceito e da vivência da democracia. Busco o caminho da expressão da identidade e vinculação com a ancestralidade, por uma cultura e uma educação a favor das forças originárias da vida. Busco uma luta revolucionária e comunitária, que se organiza como movimento afetivo, cultural e político de protagonismo, libertação e reinvenção do corpo e do povo, com sua tradição oral e contemporaneidade para enfrentar as tensões, os rompimentos, e os diálogos possíveis entre a cultura hegemônica e a cultura contra hegemônica que vivemos hoje no mundo e está nos fundamentos da história, da reflexão e criação da Pedagogia Griô (p.25, 2015).

Lillian Pacheco cria a Pedagogia Griô, portanto, com embasamento filosófico, teórico e metodológico gerados nos estudos, vivências, reflexões e inquietações, inspirada na sua história de vida, nos seus trabalhos na ONG Grãos de Luz e Griô (espaço que criou o no qual atua como educadora biocêntrica e coordenadora); na educação biocêntrica de Ruth Cavalcante e Rolando Toro; na educação dialógica de

Paulo Freire; na educação para as relações étnico-raciais positivas de Vanda Machado; na arte-educação comunitária de Carlos Petrovich; incorporando recentemente também a metodologia relacionada ao corpo, de Fátima Freire; e a pedagogia do teatro de rua, do Instituto Tá na Rua, de autoria de Amir Haddar.

Com a Pedagogia Griô, a educadora tem realizado um trabalho coletivo, junto a outros educadores e profissionais da educação, na construção de mudanças no currículo da rede municipal de Lençóis/BA, buscando inserir no cotidiano das escolas públicas as histórias, saberes e fazeres da comunidade, pensando a escola enquanto um lugar de convergência dos saberes locais, e da relação entre as gerações de tradição oral e as novas gerações de tradição escrita. Dessa forma, essa construção com a PG coloca no centro do debate os questionamentos quanto à hegemonia dos paradigmas da cultura eurocêntrica, que tem silenciado os símbolos, rituais, histórias e identidades dos sujeitos locais e suas diversidades culturais. Discute, também, a primazia da escrita, assim questionada por Líllian (2015, p. 38): “Historicamente, no mundo ocidental, a tradição escrita se tornou racionalista e hegemônica, porém o saber emerge do mundo da oralidade, da corporeidade e da vivência. A escrita não pode ser confundida com o saber, ela é uma linguagem de expressão, registro e elaboração”. A fala do mestre Tierno Bokar Salif, de tradição, reafirma essa ideia: “A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que os nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente” (in, Pacheco, 2006, p 42).

Assim, ao invés das cadeiras enfileiradas, a Pedagogia Griô forma a roda na sala de aula, onde os movimentos do corpo e da fala circulam ritualizados, ocupando um lugar de destaque e colocando a identidade, a tradição oral, a ancestralidade, o diálogo e a vivência no centro do processo pedagógico, transformando a sala de aula em um espaço brincante, onde os saberes e fazeres são construídos e partilhados com encantamento. Em um de seus estudos, Pacheco (2006, p.86) traduz a dimensão do poder da fala na educação, através de uma citação de Hampaté Bá, da tradição oral Bambara do Komo, uma das importantes escolas de iniciação do Mande (Mali), que diz: “Quando Maa Ngala fala, pode-se ver, ouvir,

cheirar, saborear e tocar a sua fala”. Nessa perspectiva, Brandão também afirma esse poder de comando nas tribos primitivas:

“Aquele a quem a tribo designa ser o chefe tem a obrigação de ser digno de pronunciar palavras através das quais todos pensam; através das quais todos compreendem a verdade do mundo – e isto são mitos, crenças e cantos – e a norma da vida – e isto são valores, regras e códigos” (BRANDÃO, 1984, p. 4).

Em sua obra, Paulo Freire também chama a atenção para a leitura do mundo que precede a leitura da palavra, essa palavra que expressa a leitura dos mundos muitas vezes invisibilizados, que necessitam ser descortinados e ocupar a roda na sala de aula.

Segundo Líllian Pacheco (2015), a palavra ‘griô’ foi inspirada nas suas vivências com a tradição oral dos griots africanos, que são músicos, poetas, comunicadores sociais, memória viva das histórias do povo na África. Assim, a palavra griot foi abasileirada para griô, que constrói essa pedagogia que tem como referência “o povo que caminha e reinventa a roda todos os dias no Brasil e na África: educadores, psicólogos comunitários, educadores e principalmente mestres griôs brasileiros e africanos” (2015, p. 66). Portanto, para a prática da Pedagogia Griô é imprescindível pensar a escola pública a partir desses elementos, colocando os saberes locais com os seus mestres/mestras de tradição oral como fios imprescindíveis dessa teia. Nessa direção, a PG questiona, também, essa prática de utilização do termo ‘domínio público’, refletindo sobre a importância e ensinando a referenciar os mestres e/ou grupos de tradição oral com os quais se aprende determinada música, dança ou qualquer outra manifestação. Ou seja, do mesmo modo como se referencia a cultura letrada, que se faça a devida referência à autoria dos mestres, mestras, lugares e grupos de tradição oral, e que seus saberes ocupem os diversos espaços da educação.

O encontro da EVOT com a Pedagogia Griô se deu em 2010, ocasião em que a Mestre Doci conheceu Líllian Pacheco nas atividades da Rede Pontos de Cultura, programa do Ministério da Cultura, que então promovia a mobilização e articulação para o intercâmbio entre as várias ações de cultura espalhadas pelo país. A partir daí, a Mestre Doci passou a integrar a Rede Ação Griô, que articulava e mobilizava os Pontos de Cultura a fim de se instituir uma política nacional de transmissão dos

saberes e fazeres de tradição oral, em diálogo com a educação formal, para o fortalecimento da ancestralidade e identidade do povo brasileiro, visibilizando e reconhecendo o lugar político, econômico e sociocultural de griôs, mestre e mestras de tradição oral do Brasil. Nesse período, também começaram as idas e vindas de integrantes da EVOT para beber na fonte do Grãos de Luz e Griô, em Lençóis, como também os trabalhos de formação ministrados por Lillian Pacheco e Márcio Caires na EVOT, mobilizando a participação de educadores e educadoras das escolas públicas da comunidade. Esses diálogos, intercâmbios, aprendizados e encontros acontecem até hoje, embasando e inspirando as práticas pedagógicas da EVOT. (Foto 35)



FOTOGRAFIA 35 - FORMAÇÃO NA PEDAGOGIA GRIÔ COM LILLIAN PACHECO
 Fonte: Thiago Nozi (2018)

Assim, os referenciais teórico-metodológicos da Pedagogia Griô alicerçam as práticas de todo o “Programa Ecoeducação, Cultura, Memória e Tecnologia”, na forma de planejar, construir, realizar e avaliar as atividades que ocupam o Museu Olho do Tempo, o Cantinho da Memória, as salas, o Teatro Acácia, as trilhas, os quintais dos mestres e mestras, as escolas e espaços comunitários, valorizando a roda, praticando a vivência dos saberes e fazeres de tradição oral, ritualizando a prática pedagógica com o poder da palavra na roda, com as vivências brincantes, com a reverência à ancestralidade, o fortalecimento de vínculo e da relação geracional. (Foto 36).



FOTOGRAFIA 36 - RODA DIALÓGICA COM EDUCADORES E A MENINADA
Fonte: Thiago Nozi (2018)

A EVOT tem se constituído importante referência no trabalho com a Pedagogia Griô na Paraíba, sendo frequentes os convites para educadores e educadoras participarem de mesas e rodas de conversas na UFPB, em ONG's, em eventos organizados pelo poder público, em escolas públicas e privadas.

Os estudos da PG sempre estão sendo aprofundados nos encontros mensais de formação continuada dos educadores e educadoras da EVOT, e é comum as rodas serem iniciadas com a fala de cada participante ritualizando o pedido de bênção a uma pessoa que marcou na sua história e reverenciando o ancestral, importante componente da PG, que compreende ancestralidade enquanto conexão do ser humano com os seus ancestrais e com a vida do universo.

Em um relatório de um encontro realizado em março de 2014, as educadoras Sandra e Penhinha expressaram sobre esses aprendizados e escreveram conjuntamente a seguinte reflexão:

Dentro de nós está despertando a força da ancestralidade, o respeito, o sentido do prazer de vivenciar uns aos outros, no cantar, no fazer dos nossos mestres griôs, que trazem dentro de si a história do nosso povo, a energia da nossa cultura, nos fazendo sentir quem somos na vivência do encontro (Sandra e Penhinha, 2014).

Nos encontros de formação continuada, que acontecem mensalmente na entidade, é exercitado o poder da fala e também o exercício da escuta, onde quem não está falando procura contemplar o outro que fala, sem interromper. A identidade também é um importante componente da PG, compreendida como aquilo que diferencia e afirma o ser humano por meio da consciência e corporeidade vivida. Ainda trazendo a memória do encontro realizado em março de 2014, Ivanildo reflete:

Quando pedimos a bênção, nós trazemos o que a aprendemos com os mestres do passado da nossa vida, nos fortalecendo com os saberes e fazeres que nos transmitiram e transmitem. A ciranda, por exemplo, é uma vivência que encanta e fascina. Ter referenciais vivos, como os mestres e mestras griôs do Vale do Gramame, nos faz ir e voltar na fonte propriamente dita (Ivanildo, 2014, informação oral).

Já no recente curso de formação ministrado por Líllian Pacheco, realizado na EVOT, no mês de agosto de 2018, pude registrar as seguintes reflexões de Marcílio e Thiago, respectivamente, feitas oralmente na roda, onde eles refletem sobre vivência e encantamento, componentes da Pedagogia Griô:

Quero pedir a bênção à minha mãe Mestra Doci e saudar a minha irmã Penhinha. Aqui na EVOT, quando eu chego, eu esqueço o relógio, igual à meninada que sempre perde a noção do tempo quando tá aqui. Aqui você chega e encontra uma mestra que lhe abraça, dá um cheiro na cabeça, conversa e dá a bênção. No Recife, eu vivi em um bairro de muita cultura popular, e aprendi com essa vivência de morador da periferia, então eu ensino como eu aprendi, colocando a meninada na vivência dos ritmos e dos instrumentos (Marcílio Alcântara, 2018, informação oral).

Recebi uma homenagem de uma escola pública aqui do Vale, como artista da fotografia. Toda a escola estava à minha espera para me receber nesse dia. Antes eu não tinha esse encantamento com o meu fazer, depois fui descobrindo a poesia da fotografia através do processo de encantamento que eu aprendi com a Pedagogia Griô aqui na EVOT, e a partir daí eu fui me descobrindo como educador. (Thiago Nozi, 2018, informação oral)

No ano de 2010, em um dos encontros mensais da EVOT, para vivências e estudos da PG, com educandos e educadores/as, tivemos a presença da Mestra Judite Palhano, que leu um poema de sua autoria, intitulado 'Ação Griô', partilhando a sua compreensão acerca dessa temática. Esse poema até hoje é lido em diversas rodas e encontros de formação que a EVOT realiza nos diversos espaços:

Griô palavra estranha ao ser ouvida ou falada
 Mas depois ela vai ficando muito bem assimilada
 É uma ação nacional sendo bem valorizada

Tem o mestre griô e o griô aprendiz
 Este é o divulgador, acredite no que ele diz
 E o mestre diz e faz a cultura do país

Griô na universidade, na escola, na TV
 Griô nas ong's parceiras divulgando nosso saber
 E dando oportunidade de um griô você ser

Griô é a integração de escola e comunidade
 Do país com sua história do povo com sua identidade
 Da vida com a arte gerando uma integridade

Griô é a vivência de um povo, causos e mitos
 É o saber preservado para um futuro bonito
 É a junção de culturas que não acaba em conflito

(Mestra Judite Palhano, 2010).

Em 2013 foi aprovado o projeto Ponto de Cultura, através do edital da Fundação Cultural de João Pessoa – FUNJOPE, com um conjunto de oficinas na Pedagogia Griô envolvendo os professores da rede pública do Vale. O Ponto de Cultura “Memórias de Tradição Oral no Vale do Gramame”, fez parte do Programa Mais cultura e Cultura Viva do Ministério da Cultura, conveniado através da FUNJOPE, com o objetivo de fortalecer a cultura local através de oficinas com crianças e adolescentes, partilhando vivências nos quintais dos mestres e mestras.

O livro “A Cebola de Xém-Xém” é resultado de uma dessas vivências, quando, a partir de uma roda de contação de histórias no quintal do mestre Zé Pequeno, em Mituaçu, as crianças realizaram diversas atividades, entre elas, ilustrar as histórias contadas, que resultou em um livro.

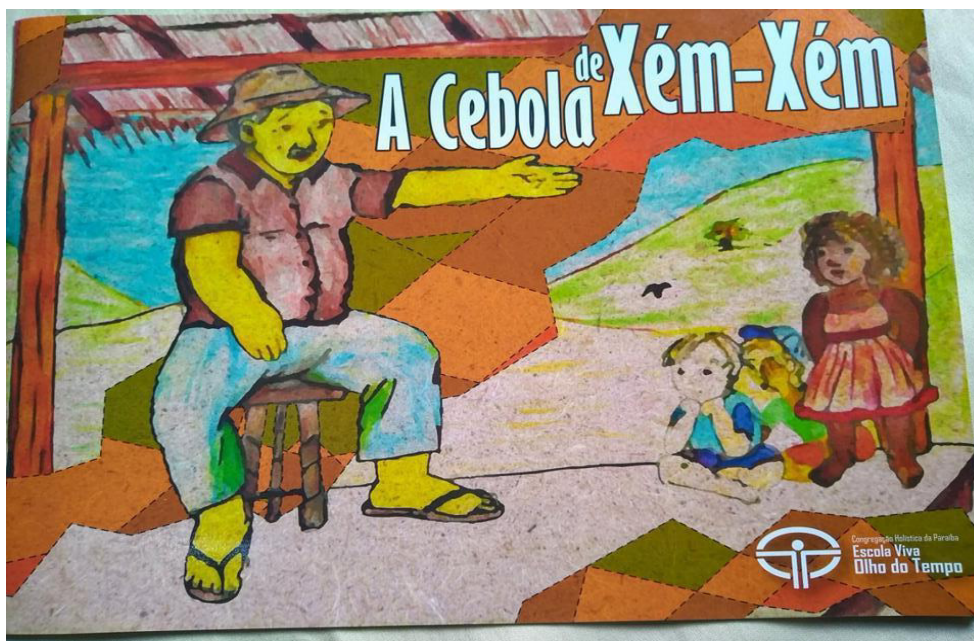
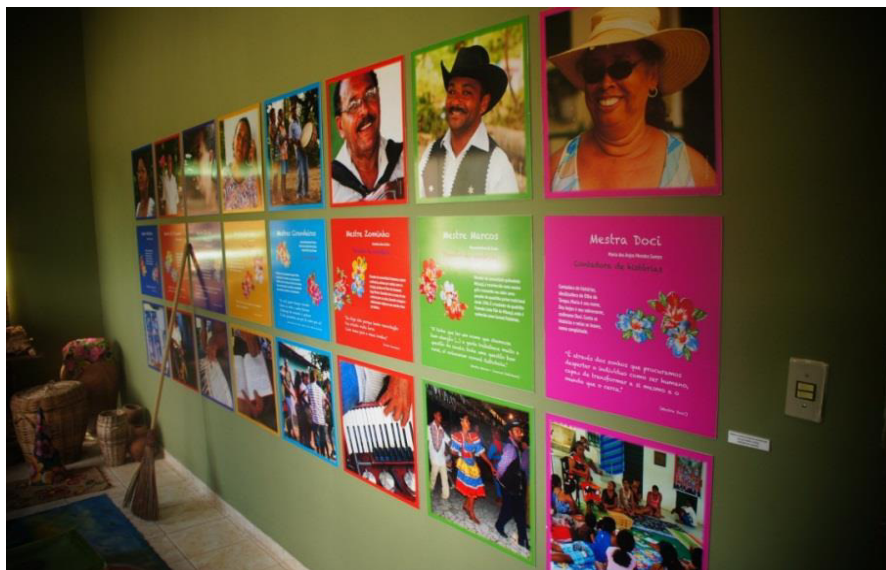


IMAGEM 1 - CAPA DO LIVRO A CEBOLA DE XÉM XÉM

O livro retrata uma parte desse processo de partilha, onde as crianças e adolescentes vivenciam o timbre suave da voz do Mestre Zé Pequeno, com toda a sua sabedoria e generosidade, nessa roda mediada pelos educadores, educadoras e griô aprendiz. O Mestre sofreu um AVC e faleceu recentemente, em fevereiro de 2019, aos 84 anos de idade. Seus saberes e histórias seguirão alimentando as práticas da EVOT.

As práticas da EVOT têm mobilizado diversos momentos no quintal dos mestres, que acolhem a comunidade e visitantes para vivenciar suas brincadeiras, histórias, saberes e fazeres. Nesse contexto, as rodas acontecem tanto na entidade, quanto em outros espaços, animadas pelo mestre João da Penha, mestras Ciça e mestra Geralda (Cirandeiros do Vale do Gramame), a poeta Mestra Judite Palhano, a contadora de histórias Mestra Doci, o Mestre sanfoneiro seu Zominho, o artesão seu Zé do Balaio, o Mestre de quadrilha junina Marcos Mituaçu.

Em maio de 2013, a Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por meio da Casa do Patrimônio de João Pessoa, e a EVOT promoveram a exposição “Vale do Gramame: Memórias e Vivências”, que aconteceu na Casa do Erário, na Praça Barão do Rio Branco, no Centro de João Pessoa. No mês de setembro desse mesmo ano, essa exposição seguiu para o Museu Comunitário da Escola Viva Olho do Tempo, onde até hoje se encontra disponível para a visitação permanentemente. (Foto 37).



FOTOGRAFIA 37 - PAINEL INSTALADO NO MUSEU OLHO DO TEMPO
Fonte: Thiago Nozi (2013)

O Museu foi uma construção coletiva da própria comunidade, buscando reunir imagens, objetos e narrativas com as histórias e as memórias locais. A foto acima destaca alguns Mestres e Mestras de tradição oral local, tendo na parte superior de cada painel a foto do Mestre/a, no centro uma breve apresentação, e abaixo do painel uma imagem do saber de cada um. Assim, do Quilombo de Mituaçu estão Mestra Betinha, cantadora de Lapinha, de Mituaçu; Mestre Zé Pequeno, mateiro e pescador, de Mituaçu; Mestre Zé do Balaio, artesão de cipó e titara, Mestre Marcos Mituaçu, puxador de quadrilha junina tradicional. De Engenho Velho estão Os Cirandeiros do Vale do Gramame (Mestre João da Penha, Mestra Ciça e Mestra Geralda) e Mestra Judite Palhano, poeta popular. E de Gramame estão Mestra Doci, contadora de histórias e Mestre Zominho, sanfoneiro.

O rio Gramame também é uma presença em destaque, representado por um barco, no centro da sala principal do museu, contendo objetos e equipamento de pescas, como tarrafa, samburá, cova, ratoeira, remos, candeeiro, balaio. No barco está escrita a frase: “O Velho Gramame quer viver em águas limpas”, que denuncia a poluição e os maus tratos ao rio. Em volta desse barco acontecem rodas de contação de histórias e conversas sobre a poluição do rio. Uma das histórias, contada pela Mestra Doci e educadores/as, e já aprendida pela meninada, é a história do Peixe Mero, que teria engolido um pote de uma moradora e ficou impossibilitado de se alimentar de boca aberta, deixando o rio com mau cheiro. Então, um pescador retira o pote e Mero nada em volta do barco em sinal de

agradecimento. Outra história muito contada nessas rodas tem a Cobra Grande como protagonista, que vivia no rio Gramame, assustando as moradoras que lavavam roupa no rio. Mas, agora, a Cobra Grande está pelas matas do Vale, e espera o rio ficar limpo para ela voltar.



Escola Viva Olho do Tempo / Thiago Nozi

FOTOGRAFIA 38 - VISITANTES NA EXPOSIÇÃO PERMANENTE
Foto: Thiago Nozi

A Pedagogia Griô tem facilitado, também, o diálogo da EVOT com as escolas públicas do Vale. Contudo, não é difícil perceber as fortes marcas do colonialismo, que se revela quando se discute a possibilidade de propostas que apontam para um repensar desses espaços, que ainda se mostram marcados por metodologias, conteúdos e símbolos através dos quais a comunidade não se reconhece.

Com a Pedagogia Griô, a EVOT tem buscado construir possibilidades para que os saberes e fazeres, os Mestres e Mestras de tradição oral, a preservação do meio ambiente e do rio Gramame possam desaguar no chão da escola pública, procurando abrir caminhos para descortinar leituras de uma realidade que tem muito a ensinar e aprender com esse entrelaçamento de cultura e educação. Assim, mesmo ainda que timidamente, esse diálogo com as escolas públicas locais tem se dado através de ações planejadas com as respectivas escolas do entorno, construindo vivências nos quintais dos mestres e mestras, nos espaços da EVOT, nos encontros de formação dos professores, nas apresentações dos Tambores do Tempo e nas trilhas ecológicas e griôs. Ainda é um diálogo em construção, que acontece muito mais pela adesão pessoal de algum grupo de professores, e não por

uma proposta da escola como um todo, contudo, se configuram como possíveis caminhos que pouco a pouco podem ser conquistados e ocupados. Nessa perspectiva, os professores da rede pública da comunidade são envolvidos em oficinas na Pedagogia Griô, conhecendo e aprofundando os conceitos teórico-metodológicos para o trabalho com os saberes de tradição oral na sala de aula.

A educadora Penhinha é a griô aprendiz que, na metodologia da Pedagogia Griô, trata-se de uma pessoa que vivencia o cotidiano com mestra e/ou mestre de tradição oral e que, portanto, tem propriedade para, com encantamento, fazer a mediação e preparar os espaços para a chegada dos Mestres e Mestras. A griô aprendiz anima a roda com cantorias, danças, brincadeiras, histórias e causos relacionados ao mestre que vai chegar, buscando construir o encantamento da roda que acolherá o Mestre com cuidado, animação, emoção. Penhinha fala da importância dessa experiência para a construção dos saberes que ela vem elaborando nas suas vivências como educadora e griô aprendiz:

Me percebo como resultado desta metodologia que inclui e que possibilita a liberdade de sonhar, de se expressar, de participar, de construir junto. Comecei na instituição com 13 anos, onde fui aluna, uma adolescente que não tinha sonhos, nem conhecia o prazer de gostar de ler. Mas sempre brinquei quadrilha que aprendi com meu pai. Em 2007, a Mestra Doci me ofereceu o desafio de, junto com outra adolescente da comunidade, organizar e coordenar um acervo de mais de 3.000 livros. Buscou parceria com a biblioteca do Sesc PB, que nos capacitou durante dois meses, e ao lidar com aquele universo de livros, comecei a gostar de ler e a ver a leitura como enorme fonte de prazer. Hoje coordeno a biblioteca, também coordeno o museu, sou educadora, contadora de histórias, mediadora de leitura e Griô Aprendiz da Mestra Doci. Hoje, como griô aprendiz, tenho a alegria de vivenciar os quintais dos mestres e mestras da minha comunidade, inserindo a meninada em rodas de transmissão de saberes que precisam ser repassados de geração para geração para que continuem vivos, compreendendo esses espaços como templos para celebrar a memória e a tradição oral do Vale do Gramame. Coordeno também o Museu Vivo Olho do Tempo, construído a partir da necessidade de valorização e preservação da memória dos saberes e fazeres da cultura popular desta região, que precisa ser organizada e disponibilizada a toda a população, promovendo a interação entre o passado e o presente (Penhinha Teixeira, informação oral).

Assim, em um país marcado por históricas desigualdades sociais como o Brasil, a Pedagogia Griô contribui para desvelar os muitos mundos de cultura, buscando construir uma compreensão da dimensão simbólica da vida, contribuindo para que os saberes locais possam ganhar força e poder. Corroborando com essa reflexão de Marisa Silva (2008):

Desconfio que é quando a história termina, na fala do contador, que algo dentro de cada um de nós se inicia e ganha força e poder. É assim que – desconfio mais uma vez – que as palavras docemente ou fortemente ouvidas, dependendo do manejo oral do narrador, ganham vida, misturando-se com nossas próprias vidas, modificando-as, sem que muitas vezes tenhamos consciência disso. E então – desconfio eu pela terceira e última vez – que é de lá, em nosso ‘forno interior’, que as palavras se aquecem, ardem... (SILVA, 2008, p. 39)

Com a Pedagogia Griô, a EVOT tem aprendido a construir possibilidades para que os saberes e fazeres, os mestres e mestras de tradição oral, a preservação do meio ambiente e do rio Gramame possam desaguar no chão da escola pública. A Pedagogia Griô tem contribuído para descortinar leituras de uma realidade que tem muito a ensinar e aprender com esse entrelaçamento de culturas e educação, para que possam ser construídos os protagonismos dos sujeitos locais com seus saberes e fazeres, contribuindo para reacender o ‘forno interior’ da escola e da comunidade.

5.2 SABERES E FAZERES NO TEMPO DE SONHAR, CUIDAR E COMPARTILHAR

Quero agora refletir sobre o sonho, o cuidado e o trabalho coletivo, que emergem quando os educadores e educadoras se expressam sobre suas vivências e práticas, que vão reacendendo o ‘forno interior’ e dando os contornos ao modo desses sujeitos fazerem educação, buscando a “coexistência na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência” (MATURANA, 2002, p. 34).

No cotidiano do trabalho, é comum observar essa questão relacionada ao cuidado com o processo e o existencial de cada pessoa, sobretudo quando se trata dos processos de cada educador/a, onde se costuma refletir coletivamente, na roda, sobre alguns educadores/as que expandiram os seus fazeres, enquanto outros reconhecem que precisam de uma maior ajuda do grupo para alavancar algumas questões pessoais e profissionais. Observo que compreender e cuidar desse aspecto do trabalho coletivo implica em aprendizados que ocorrem, muitas vezes, em meio a discordâncias, tensionamentos e até cobranças, uma vez que as demandas do dia a dia exigem muito de todos os gestores e gestoras, e muitas

vezes os tempos se descompassam no sentido de alguns se colocarem mais atentos e disponíveis frente às necessidades, enquanto outros apresentam limitações. Contudo, a equipe gestora se mostra atenta com relação aos descompassos que vão surgindo no caminho, e a alternativa proposta é sempre a roda de conversa onde, a partir das discussões e reflexões, se busca construir possibilidades diante dos diferentes tempos de cada pessoa. Assim, esse processo implica em cada um aprender a lançar sua voz na roda e também se disponibilizar a ouvir, isso implica em estar atento, argumentar, se colocar no exercício de aprender a lidar com as discordâncias. Nessa direção, na busca de ler e compreender o todo desse emaranhado. Brandão faz a seguinte reflexão:

O momento de construção coletiva de um novo saber popular já é um trabalho político e, portanto, libertador. Mas é também um meio através do qual o sujeito que 'se educa' torna-se consciente do que é, do que faz e do que pode fazer, das condições em que vive e do que deve realizar para transformá-la (BRANDÃO, 1984, p. 29).

Nesse sentido, a Mestra Doci, em uma das conversas para esta pesquisa, refletiu sobre o tempo, os plantios e colheitas que fazem parte desse exercício de aprender a cuidar respeitando o tempo do outro:

Desde a construção da escola, eu deixei o portão aberto, eu não trouxe nenhuma proposta. As pessoas aqui chegaram com a sua diversidade, uma era bem urtiga, outra bem jasmim e outra que não era nem urtiga nem jasmim. E na verdade elas que foram plantando e foram brotando como cada uma é, sem querer nivelar. É tanto que quando a gente começou a plantar aqui no terreno, me disseram que a gente ia ter uma superlotação de plantas, e eu falei que o Olho do Tempo é como a mata. Na mata nenhuma planta morre, ela pode não crescer grandona. Mas morrer não morre. Então, quem é de sol vai passar na frente e vai simhora atrás do sol, quem é de sombra, vai ficar embaixo da sombra. E assim, se você olhar as pessoas aqui, você percebe que a gente procura respeitar esse movimento. Então aqui na escola a gente tem esse movimento de seguir o fluxo dos ventos, de observar cada pessoa. É que nós humanos temos essa mania de querer botar produtos artificiais, mas as pessoas, assim como as plantas, desabrocham no seu tempo, e a gente espera o tempo do outro, e esperar que o outro se disponibilize a desabrochar, esperar o movimento que é do outro, isso é um exercício. Precisamos compreender o que o tempo está nos dizendo. Dá trabalho, mas quando o fruto nasce, nasce muito gostoso. Por isso atualmente nós estamos vivendo esse momento de grande floração (Mestra Doci, informação oral).

Nessa direção, Maturana refletindo acerca do para quê educar, afirma:

Para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo, mas que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para que o bem estar humano se dê no bem estar da natureza em que vive. (MATURANA, 2002, p. 34),

A Mestra Doci esclarece que esses são princípios pedagógicos e filosóficos que estão presentes desde o nome da entidade e embasam todas as ações realizadas, potencializando esse respeito e cuidado com o tempo, a diversidade e a natureza, onde gente, fauna e flora se entrelaçam, buscando se harmonizar com tempos de diferentes pulsações nesse templo de vida e trabalho, por isso Escola Viva Olho do Tempo.

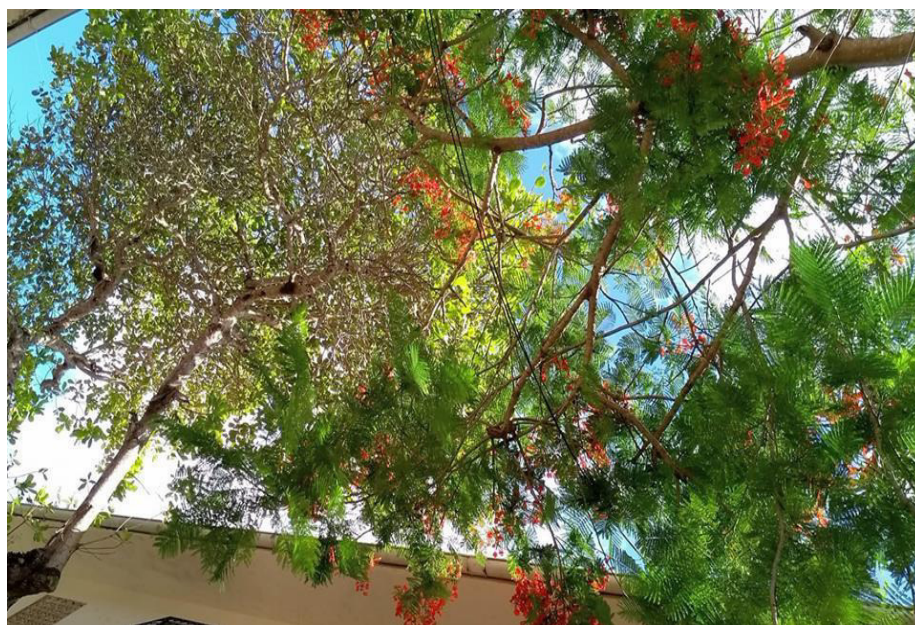
E se vida e trabalho se entrelaçam no cotidiano dos educadores e educadoras que moram na comunidade, mais ainda no cotidiano da Mestra Doci e Bel, que residem no primeiro andar do prédio da EVOT. Na minha percepção, vejo como se elas morassem em um grande ninho construído em um dos galhos do cajueiro, cuidadosamente preservado, e os demais espaços como se fossem outros ninhos que acolhem muitos pousos e preparam bonitos voos. Se é necessário que a Mestra participe de uma conversa que se apresenta com certa urgência em ser tratada coletivamente, mas ela está ocupada em fazer o seu almoço, então, a reunião acontece na cozinha da sua casa, entre panelas, fogão e cheiro de comida gostosa. E, no meio desses afazeres, a Mestra se coloca atenta, cuidadosa em ouvir e contribuir.

É nesse contexto de vidas, partilhadas com gentes, bichos e matas, que a EVOT está plantada, compondo esse cenário juntamente com o grande cajueiro ao lado, o imenso flamboyant ao fundo, esse verde no portal que acolhe as cheganças, a grande mata e oito olhos d'água no seu imenso quintal. Posso afirmar, sem titubear, que o cenário é bonito visto de qualquer ângulo. (Foto 39)



FOTOGRAFIA 39 - FACHADA DA EVOT. FONTE: THIAGO NOZI

E esse é um dos fortes ensinamentos da Mestra Doci que, movida pelo sonho, idealizou a EVOT, e sonhou com esse espaço onde, assim como o cajueiro e o flamboyant, muitos encontros pudessem acontecer, e natureza e seres humanos pudessem se integrar para os aprendizados que emergem no tempo de respeitar e de cuidar de si, do outro, do meio ambiente, da diversidade e da biodiversidade. (Foto 40).



FOTOGRAFIA 40 - ENCONTRO DO CAJUEIRO COM O FLAMBOYANT
Fonte: A autora, (2018)

A Mestra Doci sempre conta que ouvia da sua mãe que “pobre não tem sonho, tem necessidade; pobre não precisa ler, precisa de feijão e arroz”. Dessa forma, ao longo da sua história, a Mestra foi construindo o que Paulo Freire em

Pedagogia do Oprimido chama de inédito-viável, ou seja, se colocando como sujeito da sua história, não alimentando uma visão fatalista da sua realidade, mas percebendo-a como uma realidade “que não é”, mas “que está sendo”, portanto, que podia ser transformada.

Assim, ultrapassando a ‘situação-limite’ que, segundo Freire (2005) é a relação de enfrentamento da realidade, feito historicamente, para a superação dos obstáculos, a Mestra deixa a Bahia para essa caminhada em busca do ineditamente viável, e nesse caminhar chega ao Vale do Gramame, por ser esse lugar de contato direto com a natureza. Assim, a Mestra conta que suas primeiras caminhadas pelo Vale se deram na busca de se juntar com as pessoas, e ressalta que sempre fez questão de deixar claro que não era a ‘salvadora da pátria’, mas que carregava sonhos e o desejo de sonhar coletivamente.

Inspirada pelas matas e pelos olhos d’água existentes no seu quintal, a Escola Viva Olho do Tempo se movimenta em nascentes de sonhos e cuidados da Mestra Doci, que se espalharam e encharcaram adultos e crianças que hoje vivenciam desafios pessoais e coletivos ao inédito-viável, construindo processos emancipatórios, no qual a amorosidade e o sonho embalam o passado, presente e futuro e, nesses diferentes tempos, educadoras e educadores buscam um fazer coletivo como possibilidades transformadoras e ineditamente viáveis. Em uma das rodas pedagógicas, a Mestra Doci trouxe essa relação entre o afeto, o tempo e o sonho, afirmando: “Precisamos observar o futuro e namorar com ele de forma leve, amorosa e sem agonias, porque assim é o sonhar” (Mestra Doci, Diário de Campo, agosto, 2018). Esse sonho enquanto namoro com o futuro de forma leve é exatamente a percepção dialética argumentada por Freire (1992), ou seja, leve por não ser inexorável, mas construído e produzido com o concreto juntamente com os sonhos e utopias.

Sonhar é um verbo muito conjugado na EVOT, e muitas histórias, que estão permeadas pelos sonhos de educadores e educadoras, foram registradas no recente livro publicado pela entidade através do edital do Fundo de Incentivo à Cultura, intitulado “Olho do Tempo: Ecoeducação, Cultura e Memórias do Vale do Gramame”. A abertura do livro já inicia com o seguinte título em destaque: “Lugar de sonhar, de criar, cantar, tocar e caminhar” (p. 05). Em seguida apresenta, também

em destaque, uma frase da Mestra Doci: “É através dos sonhos que o ser humano é capaz de transformar a si mesmo e o mundo que o cerca” (p. 13). O livro traz, ainda, um capítulo com o título: “Olho do Tempo: Uma história, muitos sonhos” (p. 18), e também uma afirmação, em destaque, do educador Ivanildo (p.68): “Esse é o nosso desejo, o nosso sonho, transformar a nossa prática educativa numa política de continuidade regida pelo amor e pela força de vontade”, e Ivanildo complementa: “Sou Olho do Tempo, realizo sonhos em outros sonhos que são comuns aos meus, e juntos se fortalecem e se refazem, gerando novos quereres para seguir em frente” (p. 70). Ainda sobre essa dimensão do sonho que impulsiona esse trabalho, o educador Thiago Nozi narra, nesse livro, como aconteceu o convite para ele trabalhar na EVOT, e destaca: “Recebi o convite para colaborar com o sonho do Olho do Tempo, que é promover e dar asas aos sonhos da meninada” (p. 154).

Nessas relações com a dimensão do sonhar é evidente o papel da Mestra Doci enquanto inspiradora. Inspirações relacionadas aos seus inéditos viáveis, com suas histórias de vida sempre contadas nas rodas, e também nas posturas do dia a dia, com suas habilidades e esforços para mobilizar pessoas, recursos, propostas, parcerias, apoios.

No cotidiano da EVOT encontramos muitas narrativas de histórias movidas por sonhos de pessoas que, também vivenciando as situações-limite de um contexto marcado pela precariedade financeira, buscam superar os obstáculos, transformando a realidade e construindo os seus inéditos-viáveis. Nessa perspectiva, Freire (1992) argumenta:

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica, etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na histórica que fazemos e que nos faz e re-faz (FREIRE, 1992, p. 99).

Em uma das entrevistas para esta pesquisa, Daniele destaca a Mestra Doci como deflagradora de sonhos: “Ela é uma pessoa muito importante, é a pessoa chave dessa construção, porque a partir do sonho dela, ela ensina a gente e às crianças a sonhar”. (Daniele, 2018, informação oral).

Essa marcante dimensão do sonho, presente no cotidiano do trabalho, também é abordada em todos os recentes estudos acadêmicos que pesquisaram a

EVOT, estudos já citados na metodologia desta pesquisa, e sobre os quais agora apenas faço breves citações a fim de destacar essa dimensão nessas pesquisas. A Pesquisa de Tolentino (2016), apresentada ao Mestrado em Sociologia, da UFPB, no próprio título da dissertação, se reporta aos sonhos: “Espaços que suscitam sonhos: Narrativas de memórias e identidades no Museu Comunitário Viva Olho do Tempo”. A dissertação de Karla Mendonça (2018), também apresentada ao Mestrado em Sociologia, UFPB, traz como subtítulo de um dos capítulos: “A Escola Viva Olho do Tempo: uma casa de sonhos”. Adeildo Vieira (2012), na sua monografia apresentada ao curso de Especialização em Arte, Educação e Cidadania, refere-se ao trabalho da EVOT como um espaço de construção da liberdade e deflagração de sonhos e arte no Vale do Gramame, e argumenta:

A EVOT leva a termo os conceitos de educação desenvolvidos por Paulo Freire, que põe o cidadão oprimido como ator do seu destino a partir das ferramentas colhidas de sua própria realidade. O Vale do Gramame vive hoje um acordar dos seus próprios sonhos, onde os moradores se veem como artistas, exercitando a liberdade de se expressar, tendo como matéria-prima de sua expressão os traços do cotidiano de um lugar antes completamente desconhecido da cidade. (SANTOS, 2012, p.52).

O sonho e o trabalho coletivo também estão presentes na recente tese de Doutorado, intitulada “Brincando na Roda dos Saberes: a capoeira angola e seu potencial educativo ecológico”, apresentada ao PPGE/UPFB, na qual o autor Antério (2018), educador de capoeira da EVOT, a partir das suas vivências na entidade, reflete sobre alguns aspectos relacionados ao trabalho desse espaço.

Em conversa para esta pesquisa, Thaís evidencia a importância da Mestre Doci nesse contexto de sonhos e cuidados, inclusive ressalta essa busca de um olhar menos fragmentado do ser humano:

A mestra Doci é a pessoa fundamental para esse trabalho. Foi ela que idealizou, foi ela que sonhou. Isso aqui é o sonho dela, e ela nos incluiu nesse sonho, e hoje passamos a sonhar juntas. A mestra Doci vê além, ela tem uma visão abrangente de cada pessoa. E ela sempre tá disponível para acolher e cuidar de cada pessoa como ela é, reforçando a nossa capacidade de sorrir e de abraçar, e isso ela faz tanto com nós educadores, como com a meninada. (Thaís, 2018, informação oral).

Essa atenção dedicada e amorosa que considera as especificidades das pessoas é refletida por Freire (1996, p. 163), que chama a atenção para a necessidade de se compreender o permanente processo de busca no qual cada pessoa, por ser gente, empreende no seu dia a dia.

Thiago Nozi chama a atenção para essa dimensão da ousadia e da liberdade presentes no cotidiano dos trabalhos, e fala desses desejos que movimentam esse sonhar coletivo:

O conhecimento liberta, e ele é meio infrator, fora da caixa. E aqui nós temos histórias de superação e de liberdade. E o nosso maior exemplo é a mestra Doci, que mesmo diante das adversidades, ela alimentou um sonho de liberdade. Eu também vivi um tempo preso a algo que meus pais queriam que eu fosse, mas eu queria mesmo era pintar, desenhar, escrever, ser artista, criar. E isso alimentava meus sonhos. E esse movimento que se dá na escola é esse sonho de liberdade que as pessoas trazem. E a vivência aqui na escola alimenta esse desejo de liberdade (Thiago, março, 2018).

Dessa forma, a fala de Thiago expressa esse cotidiano no qual o exercício de liberdade é fonte de aprendizados, contudo é perceptível também, um exercício de se buscar “viver em plenitude a relação tensa, contraditória e não mecânica, entre autoridade e liberdade no sentido de assegurar o respeito entre ambas, cuja ruptura provoca a hipertrofia de uma ou de outra” (FREIRE, 1996, p. 122).

Observa-se que nesse processo de gestão compartilhada e trabalho coletivo da EVOT, ambas, autoridade e liberdade, são exercitadas sem relações pessoais ou profissionais hierárquicas, e sim elaboradas nas práticas e refletidas na roda. Nessa direção, Marcílio expressa: “A EVOT pra mim é a gente descobrir que a gente tem a liberdade para se descobrir. E nessa liberdade eu volto a ser criança e a EVOT se transforma no melhor doce que existe”.

Outra dimensão evidenciada no cotidiano do trabalho é a relação com o cuidar, que se manifesta nas falas dos educadores/as, que é perceptível a quem chega ao espaço e que se revela no acolhimento, no abraço, cuidado com as gentes, o meio ambiente, com a cultura, com o rio Gramame. Os espaços físicos da entidade também são permanentes fontes de cuidados, e são significativos pontos de pauta nas reuniões, sobre os quais a gestão se debruça com um olhar crítico, porque são esses espaços que acolhem os encontros de todo dia e necessitam de uma atenção para que possam ter uma ambiência acolhedora, traduzida no cuidado com as pessoas, na organização e limpeza, no mobiliário, equipamentos. Assim, as pessoas que frequentam são mobilizadas ao cuidado e preservação, construindo e compreendendo a importância de um ambiente limpo e organizado com a colaboração de todos. Trata-se de um espaço onde permanentemente se faz presente um considerável quantitativo de pessoas, e o cuidado com a limpeza e com

a organização do ambiente, coordenado por Daniele, assume um caráter pedagógico. Em uma das entrevistas para esta pesquisa, comparando a percepção do trabalho da EVOT no exercício desses fazeres, com a de outras escolas, Daniele expressa que na escola pública onde seus filhos estudam, o profissional responsável por esses fazeres é denominado de auxiliar de serviços gerais. Daniele se afirma como educadora, e expressa na sua fala exatamente essa dimensão educativa e compartilhada no cuidado com os espaços:

Assumo as funções de educadora de serviços gerais e gestora de manutenção de serviços. Sou responsável por manter os espaços da EVOT limpos, inclusive construindo com as crianças e adolescentes o sentimento de cuidado com a preservação da limpeza dos nossos espaços, principalmente o cuidado de botar o lixo no lugar certo. Portanto, a manutenção da limpeza do espaço é uma tarefa compartilhada com todos, o que facilita para termos um ambiente limpo (Daniele, junho, 2018, informação oral).

Esse comparativo com a escola pública está sempre presente, pois a meninada da EVOT, inclusive os filhos e filhas dos educadores/as, estudam nessas escolas. Portanto, os diálogos e as intervenções nas escolas públicas são processos em constante construção, com discussões e reflexões sempre presentes nas rodas pedagógicas da entidade.

Outro espaço que é permanente fonte para as práticas de cuidado é o imenso quintal da entidade com sua vasta mata. O educador Ivanildo, nativo de Gramame, que no seu desabrochar foi se construindo educador ambiental e gestor de meio ambiente, também expressa sobre essa íntima relação entre a EVOT, a natureza, o tempo de cuidar e de transformar:

É uma relação de muita força. Primeiro, porque estamos bem no meio da mata atlântica, nesse lugar de muita beleza. Aqui no quintal da EVOT tem oito olhos d'água, que têm todo um simbolismo para o nosso trabalho, que tem a ver com essa coisa do olho d'água estar aqui, nascido com o tempo. Por isso o Olho do Tempo. Nós temos uma relação muito forte com o cuidar, cuidar do lugar, da natureza, cuidar das crianças. As crianças como sementes que a gente vai regando, e elas vão desabrochando e transformando as coisas. (Ivanildo Santana, 2018, informação oral)

No dia a dia é notória essa íntima relação de Ivanildo com a natureza, que é retroalimentada e partilhada com os trabalhos realizados na EVOT, onde se busca construir cotidianamente uma prática cuidadosa das pessoas para com todas as formas de vida do planeta. Ivanildo ressalta que a preservação e o cuidado com a

fauna também é uma vivência permanente com as crianças e adolescentes nas oficinas e trilhas, buscando construir a compreensão de que as cobras ou os sapos estão no espaço deles, assim como os minúsculos besouros e outras espécies que habitam o lugar e que, portanto, o movimento é de conhecer, tomar as precauções orientadas pelo educador e preservar. Ivanildo se expressa sempre com bastante clareza e entusiasmos sobre se perceber integrado à natureza e sobre a construção de ações coletivas,

A gente se sente parte da natureza, a gente não se sente separado dela. Desde pequeno, eu tive sempre essa ligação muito forte com essa paisagem de Gramame, eu sou nascido e criado aqui. E eu sempre me preocupei com essas transformações ocasionadas pela especulação imobiliária. E, quando eu entrei na EVOT, essa preocupação se transformou em ação. Então eu passei a ir juntando a minha preocupação com outras pessoas, e fui aprendendo a organizar um trabalho coletivo. A relação da EVOT com a natureza também é isso, das pessoas sentirem necessidades, ir se juntando, criando seus movimentos e fazendo as coisas acontecer (Ivanildo Santana, 2018, informação oral).

Essa dimensão do cuidar é muito evidente também no preparo dos alimentos, na limpeza do espaço, dos equipamentos e utensílios da cozinha, que tem como responsável a educadora alimentar Célia, que também enxerga algumas diferenças, nessa dimensão do cuidado, entre as práticas da escola pública em que seus filhos estudam, e a EVOT:

Aqui a gente tem muito mais cuidado com as crianças, a gente se preocupa com o que elas passam em casa. Na escola os professores tão só ali na sala e querem apenas dar o conteúdo e pronto, não procuram saber por que alguma criança não chega bem. Quando a gente vê uma criança triste, a gente se preocupa, às vezes vai na casa, e como a gente mora aqui na comunidade, a gente sabe algumas situações que eles passam, e aí a gente vai tentar ajudar (Célia, 2018, informação oral)

A educadora reconhece a importância do seu trabalho e expressa o cuidado com que lida no preparo dos alimentos:

O meu fazer aqui é um setor muito importante, porque é onde eu preparo a alimentação para as crianças e para os educadores, porque como diz a mestra Doci, o alimento é pra alimentar o corpo e também a alma. Eu tento fazer sempre o melhor, com cuidado pra sempre oferecer a melhor alimentação possível (Célia, 2018, informação oral).

Esse cuidado com a alimentação também é partilhado com a nutricionista Thais, que, identificando algumas crianças chegam com fome na entidade, afirma:

Hoje, temos muitas crianças que estão passando fome em casa, e atualmente essa situação se agravou muito. E é tanto a fome de quantidade, como também de qualidade da alimentação. Então, o cardápio sempre precisa levar em conta os aspectos qualitativos e quantitativos. A gente também ensina o cuidado coletivo com os frutos das árvores aqui da escola, ensinando a colher, congelar, quando em grande quantidade, para não estragar. Inclusive, incentivando também o plantio em casa. Eu sempre observo os educadores trabalhando isso nas suas oficinas. (Thaís, 2018, informação oral)

No cotidiano, os educadores e educadoras têm se colocado atentos quanto a essa questão de algumas crianças e adolescentes chegarem com fome, e aí é fornecida uma alimentação antes do horário estabelecido. Outros assuntos refletidos nas rodas estão relacionados à busca de estratégias para lidar com as dificuldades das famílias no cotidiano, inclusive sobre algumas dificuldades que as crianças apresentam relacionadas à violência doméstica, piolho, fome, cárie, anemia, insegurança no trajeto até a EVOT, dificuldades na escola, questão das roupas adequadas. Os problemas são discutidos na roda e as propostas são construídas coletivamente a partir da vivência e do olhar de cada educador/a e de estudos e leituras, assim como reflete Penhinha:

É muito bom a gente estar em um espaço onde a gente pode ousar e construir juntos. Nós chegamos aqui e construímos nossas práticas baseadas nas nossas vivências, a gente não tinha embasamento teórico. Hoje é importante eu estar na universidade, porque tá me dando oportunidade de sistematizar tudo que a gente vem fazendo. A universidade me traz referências que me fazem perceber melhor a importância da nossa entidade. Aqui, quando estamos diante de um problema importante, a gente fica vinte e quatro horas pensando sobre ele, e se coloca na busca de soluções. Enquanto coordenadora pedagógica, eu vejo as pessoas que trabalham aqui e que pensam diferente de mim, como uma oportunidade de crescimento para ambos, justamente por pensarmos diferentes. Aqui a gente chega na segunda-feira achando que a semana vai ser como prevista no planejamento, mas o movimento sempre muda, e a gente precisa estar atento a essas mudanças. (Penhinha, 2018, informação oral)

Como já falado anteriormente, essas leituras das realidades das escolas públicas comparadas à realidade da EVOT sempre fazem parte das rodas de conversa, e são importantes parâmetros para as discussões, provocando reflexões sobre as próprias práticas da EVOT e também evidenciando a importância de buscar estratégias para estreitar cada vez mais o diálogo e parceria com essas escolas. Sandra expressando essa dimensão do cuidado, também fazendo alusão à escola pública, declara:

Eu faço o papel da segunda mãe. Na escola pública tem a inspetora, aqui a gente tem eu como acolhedora, e eu me sinto como uma segunda mãe, porque acolho as crianças, converso individualmente quando eu percebo que alguém tá precisando desabafar, escuto, oriento. Eu sou responsável pelo cuidado com a meninada e também acompanho a meninada nas atividades que acontecem fora da EVOT, como passeios, viagens e apresentações (Sandra, 2018, informação oral)

Então, observa-se que algumas funções que comumente, na escola pública, são exercidas sem vínculo com uma dimensão pedagógica, nas práticas da EVOT não só recebem outras denominações, como também apresentam outras concepções que evidenciam o fazer pedagógico. A educadora Sandra expressa ainda uma compreensão acerca da sua práxis educativa fortemente vinculada à sua história de vida, e como essa relação dá sentido ao seu trabalho:

Antes de vir morar aqui no Vale do Gramame, eu participei da invasão de um terreno, por não ter condições de pagar aluguel. E lá passei três anos e quatro meses, com 4 filhos. Lá eu era uma das líderes do acampamento, eu era responsável por todas as doações que chegavam no acampamento. Faz 13 anos que eu moro aqui no Gervásio e 10 anos que estou aqui na EVOT. Hoje eu me considero uma educadora importante na comunidade, trabalhando com muitas crianças. Antes eu me achava uma boa parideira, com 8 filhos, uma boa mãe, avó de 12 netos. Mas hoje, com 50 anos de idade, depois da Escola Viva Olho do Tempo, eu me vejo como uma boa educadora, passando meus saberes e entendendo melhor a cultura aqui da nossa comunidade. E o que mais me encanta aqui na EVOT é esta força de descobrir o melhor de cada um de nós, sempre em busca de algo novo (Sandra, 2018, informação oral).

Conversando sobre trabalhar e morar na mesma comunidade, Daniele expressou que conhecer o cotidiano facilita o trabalho, porque se conhece a realidade de cada família. Mas também apontou alguns incômodos: “Eu às vezes acho complicado, porque às vezes as pessoas das igrejas evangélicas ficam me questionando com perguntas cheias preconceitos com o nosso trabalho” (Diário de Campo, agosto 2018). Os educadores afirmam que algumas crianças e adolescentes foram obrigados a deixar de frequentar a EVOT depois que seus familiares passaram a fazer parte da igreja evangélica, e que alguns familiares expressam preconceitos relacionados aos Tambores do Tempo, cocos, cirandas, maracatu.

Em uma roda pedagógica (Diário de Campo, 23/03/2018), onde se refletia sobre os desafios e perspectivas para o trabalho, Raquel expressa outros desafios:

Tenho aprendido que a sustentabilidade é um dos maiores desafios para o terceiro setor, e que para lidar com essa problemática devemos investir recursos (materiais e humanos) para uma gestão contábil, administrativa e financeira eficiente, compreendendo que todo esse processo formal e jurídico precisa estar alicerçado na sustentabilidade emocional de cada membro da equipe, quando do seu exercício do seu protagonismo e do seu crescimento pessoal. Também precisamos sempre buscar nos manter atualizados quanto à legislação, nos capacitando, realizando intercâmbios de saberes e fazeres e participando dos movimentos e ações para a melhoria das políticas públicas (Raquel, 2018, informação oral).

Ivanildo, que mora com seus dois filhos adolescentes, que desde criança frequentam a EVOT, reflete sobre essa dimensão do cuidado coletivo para com os seus filhos:

Aqui as educadoras até fazem o papel de mãe dos meus filhos, e é essa contribuição que tem me dado condições para eu poder ter uma vida com uma certa tranquilidade. Muitas vezes eu preciso participar de atividade fora da entidade, os meus filhos ficam aqui no Olho do Tempo e eu vou tranquilo, sabendo que eles estarão bem cuidados. Além do mais, colaboram na formação deles como cidadãos, contribuindo para as questões emocionais e afetivas. Tudo isso colabora pra eu poder ter uma vida sossegada. Algumas vezes, aqui, eu assumo os dois papéis, de educador e de pai no mesmo contexto. Eu fico muito feliz por contar com a EVOT na criação dos meus filhos. Isso me ampara de várias formas. (Ivanildo, 2018, informação oral)

Nesse cotidiano que entrelaça sonho e cuidado, o fazer coletivo também ocupa um importante lugar. Penhinha Teixeira, que já foi educanda da entidade e hoje é educadora gestora e assumiu a coordenação pedagógica desde o mês de novembro de 2017, afirma que vê essa coordenação como um espaço coletivo e desafiador. Sobre a importância dessa vivência coletiva e levando em conta as dimensões simbólicas e históricas presentes nesse fazer junto, Penhinha reafirma a sua história na entidade para compreender esse sentido do fazer coletivo, e expressa:

Como educanda, comecei aqui na EVOT no curso de corte e costura, depois fui pra informática, depois fui para o curso de doces de pimenta. Em seguida, com as produções do São João Rural, eu fiquei no grupo das tapiocas, vendendo na comunidade. Então, a gente tá nesse lugar, a gente se organizou aqui para compartilhar com as crianças e os adolescentes o sentido desse lugar para a gente. Mas também o sentido da gente está fazendo junto, cada um com suas simbologias, cada educador e educadora com suas histórias. Um dos diferenciais que eu vejo aqui é exatamente a relação com esse grupo de educadores e educadoras que estão aqui cotidianamente há quinze anos, com jeitos semelhantes no fazer da cada um e também as peculiaridades de cada um. (Penhinha Teixeira, 2018, informação oral).

Penhinha ainda ressalta que essa participação coletiva nos processos decisórios, nas avaliações e planejamentos, contribui para os seus aprendizados e empoderamento no exercício da coordenação pedagógica. A educadora também chama a atenção para a ausência de um processo efetivo de gestão compartilhada nas escolas públicas.

Raquel destaca essa dimensão do trabalho coletivo na construção do conceito de sustentabilidade vivenciado pela entidade: “Construímos coletivamente o conceito da nossa sustentabilidade, que é desenvolver ações que sejam ecologicamente corretas, economicamente viáveis, socialmente justas e culturalmente aceitas pelas comunidades envolvidas”. (SANTOS; TEIXEIRA; NOZI, 2018, p.94)

Essa dimensão do fazer coletivo também é evidenciada pelos educadores/as enquanto facilitadora para os seus aprendizados. No livro recentemente publicado pela EVOT, já citado anteriormente, a educadora Flávia destaca: “sou muito grata ao Olho do Tempo pelo meu crescimento pessoal, pelas minhas conquistas e pelos aprendizados no trabalho coletivo” (SANTOS; TEIXEIRA; NOZI, 2018, p.78).

Nessa mesma direção, Ivanildo, em entrevista para esta pesquisa, afirma: “Os meus aprendizados foram se dando nas vivências e nas trocas. A mestra Doci me ensinou muito, cada vez que eu conversava com ela, eu saía com novos aprendizados, porque ela é uma pessoa que não concentra os saberes em si, ela sempre agrega pessoas para nos ajudar a ampliar nossos aprendizados” (Ivanildo, 2018, informação oral).

Bel, refletindo sobre as demandas do fazer coletivo nessa gestão compartilhada que é aprendida no cotidiano, destaca essa característica da EVOT enquanto uma “grande família”, característica também muito presente na fala dos educadores e da meninada. Assim, a educadora formula a seguinte percepção sobre o trabalho:

A filosofia de trabalho da EVOT, eu vejo dentro de princípios poucos comuns. Nós temos os educadores que se tornaram gestores, pessoas da comunidade, quase todos sem formação acadêmica superior. E fazemos uma gestão compartilhada, que é um processo desafiador, onde todos decidem os encaminhamentos sobre a escola, sobre a formação, encontros, reuniões, receber pessoas, falar do trabalho, todos estão prontos para isso, em níveis diferentes, mas todos prontos, cada um com o seu fazer específico, mas tem o envolvimento, a compreensão e a cumplicidade com o todo. E todo esse trabalho foi construído na prática, com um trabalho que se caracteriza como uma grande família (Bel, 2018, informação oral)

Bel considera que a gestão compartilhada tem sido um exercício através do qual ela tem aprendido outra forma de se colocar. Seguindo com suas reflexões acerca desses aprendizados ressalta os desafios para a sustentabilidade da entidade, e também compara com a sua história de vida e de trabalho antes da EVOT:

O meu fazer na EVOT é administrativo. Eu respondo pela instituição formalmente. E o meu fazer tem sido suavizado por conta da gestão compartilhada. Como isso é uma coisa muito nova pra mim, eu ainda me vejo com resquício dos trabalhos de empresas tradicionais. Eu trabalhei 30 anos em uma empresa de grande porte, e é bem diferente, eu ainda tenho alguns traços, e eu vejo que para o trabalho de gestão compartilhada, você precisa primeiro confiar em você, depois essa confiança se estende. Uma pessoa insegura tem dificuldade em delegar, e eu vou dizer que eu não sou cem por cento segura, mas o meu fazer tá mais suavizado, eu já divido algumas tarefas externas e internas. É intenso porque a sustentabilidade de um trabalho social exige cotidianamente que você esteja atenta a tudo, a editais, parceiros, convênios, familiares da meninada. É mesmo uma demanda enorme. (Bel, 2018, informação oral).

Essa dimensão do coletivo também está presente em outros aspectos das vivências cotidianas de solidariedade, também muito presente nas relações, como explica Penhinha:

A gente pratica economia solidária entre a gente. Por exemplo, se alguém não está contemplado em projetos para receber o décimo terceiro salário, a gente junta todos que recebem para dividir com quem não recebe. Outro exemplo foi com relação ao roubo do celular de Ivanildo, recentemente. Logo nos juntamos e fizemos uma cota para que ele pudesse comprar outro celular, pois sabemos da importância desse equipamento para o nosso dia a dia” (Penhinha, 2018, informação oral).

Ainda dentro dessa perspectiva, pude observar recentemente, e me chamou a atenção, (Diário de Campo, 30/11/2018) essa teia de cuidado que se traduz em solidariedade e de sentido de coletividade presentes no cotidiano, quando a educadora Raquel adoeceu de catapora e teve que se ausentar do trabalho para ficar em casa de repouso. Todo o grupo se mobilizou para contribuir, e logo foi combinado que seus filhos Ian e Flora ficariam sob os cuidados de Flávia, Penhinha, Thiago, Bel e Doci, que se revezariam para todas as demandas necessárias, inclusive levando-os para a escola e para dormir nas suas casas. A alimentação de Raquel também era feita na EVOT, e cada pessoa se revezava para levar na sua casa todos os dias.

Recentemente, aconteceu o casamento de Penhinha com Thiago e, nos preparativos, todos os educadores e educadoras estiveram mobilizados em diversas tarefas, vendendo rifas, produzindo a ornamentação, ajudando os noivos nos encaminhamentos necessários. No dia do casamento, em uma tarde de domingo desse janeiro de 2019, todos estavam empenhados para as demandas da cerimônia e da organização da festa, ambas realizadas no mesmo espaço, em uma granja no quilombo de Mituaçu, que se transformou numa grande festa da comunidade, inclusive com direito a tapioca, beiju, munguzá e arroz doce. Fazendo parte dos simbolismos preparados para o ritual, os noivos saíram da EVOT em um cortejo que reuniu cerca de quarenta carros, que percorreram os cinco quilômetros de estrada de barro que liga a EVOT até Mituaçu, com todo o percurso ornamentado com flores. A Mestra Doci entrou solenemente com o noivo. Participamos do ritual enquanto padrinhos e madrinhas, Flávia, Thaís, Raquel, Marcílio, Ivanildo e eu. Na hora da festa partilhamos tarefas, alegrias, emoções, lágrimas e sorrisos. Eu senti como o mais intenso momento em que vivi, com essas pessoas, esse sentimento de família, em nenhum instante senti que estávamos no casamento de um casal de amigos de trabalho.

Ainda sobre o cuidar, certa vez observei a Mestra Doci dando colo a uma criança que havia chegado com febre. Ela tinha dado um chá para ele tomar, mas disse que ele também estava precisando de aconchego. (Foto 41).



FOTOGRAFIA 41 - CRIANÇA COM FEBRE NO COLO DA MESTRA DOCI
Fonte: Thiago Nozi (2018).

Dessa forma, é possível perceber essa dimensão do cuidado, mas muitas vezes ele acontece sutil, nos detalhes de um cotidiano onde se busca o exercício do cuidado e da construção coletiva, que se dão nesse entrelaçamento de histórias.

Dessa forma, é possível perceber que os saberes e fazeres desses educadores e educadoras acontecem em uma relação dialética na qual a prática educativa fortalece a identidade com o lugar, ao mesmo tempo em que se retroalimenta desses aprendizados nesse exercício de se apropriar da história, interferindo na realidade presente e buscando projetar e construir o futuro. Esse movimento é assim refletido por Freire:

Na percepção dialética, o futuro com que sonhamos não é inexorável. Temos de fazê-lo, de produzi-lo, ou não virá da forma como mais ou menos queríamos. É bem verdade que temos de fazê-lo não arbitrariamente, mas com os materiais, com o concreto de que dispomos e mais com o projeto, com o sonho por que lutamos (FREIRE, 1992, p. 102).

O recente livro publicado pela EVOT (2018) traz um texto coletivo que traduz com poesia e beleza essa dimensão do sonho, cuidado e trabalho coletivo:

Quem faz só?
 João de Barro?
 Faz nada! Ele precisa da água que
 Pisa a laminha da ribeira!
 Aqui na Escola Viva Olho do Tempo
 Ninguém faz nada sozinho.
 Vem uma sonharada de gente e diz:
 O que eu posso fazer?
 Tudo! A gente precisa de tudo!
 Varrer, comer, dançar e quem faz
 Tudo isso e ainda tem mais.
 A parceria, traz comedoria e dançaria.
 Então, caminhamos juntos...
 Os pés são nossos
 Sempre ao lado do outro
 (Texto coletivo, EVOT, 2018, p. 246).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, procurei identificar as fontes das práticas educativas e reafirmar a autoria dos educadores e educadoras da Escola Viva Olho do Tempo moradores/as do Vale do Gramame, que protagonizam essas práticas na entidade, buscando compreender como eles e elas se constroem e constroem esse espaço, como pronunciam e transformam essa realidade onde os encontros acontecem nas marcações pulsantes da existência humana (FREIRE, 2005). Para isso, fui seguindo as águas das nascentes dos saberes, fazeres, histórias e memórias da Mestra Doci, Bel, Sandra, Penhinha, Flávia, Marcílio, Ivanildo, Raquel, Thiago, Célia, Daniele e Thaís.

No percurso metodológico deste estudo etnográfico ponderei quanto aos meus nove anos de envolvimento com esse espaço. Fui ao encontro de referenciais que me ajudaram a olhar cientificamente, na medida do possível, esse cotidiano para mim tão familiar, tão casa de escola (BRANDÃO, 1984).

Assim, buscando ler as fontes culturais desses educadores e educadoras, pude perceber e vivenciar o forte aspecto relacional, matriz de inteligência e de uma afetividade do nosso legado indígena, que retroalimenta de sentidos e significados o fazer junto. Os sujeitos apresentam um forte enraizamento no território e expressam prazer em falar do seu lugar, se percebem protagonistas desses processos, e valorizam as relações e as formas coletivas para ocupar e fortalecer o território, características que se revelam como importantes elementos para redizer o mundo e reescrever a palavra com saberes e fazeres gestados por eles mesmos a partir desse existir da vida cotidiana.

Nesse contexto, o legado da Educação Popular e de Paulo Freire se articula com as práticas que se movem alimentadas por sonhos, cuidados e trabalhos compartilhados, importantes elementos que mobilizam essas pessoas para a busca dos fazeres de todo dia, concretizando uma educação abastecida de vida coletiva, relacional. São práticas através das quais se exercita o não silenciamento, com vozes que ecoam para articular os saberes, onde “os códigos emocionais são acionados, e afloram as emoções contidas na subjetividade de cada um” (GOHN, 2001, p. 106).

As problemáticas que acontecem no aqui e agora do Vale do Gramame são marcantes no trabalho da EVOT, não só nas atividades que acontecem na entidade, mas nos movimento e mobilizações que ocupam a comunidade e a cidade. São os inéditos viáveis (FREIRE, 1992) que se constroem com muitas vozes que optaram em não calar, fazendo coro para se expressar com a fala, o canto, o batuque, a poesia, fotografia, ciranda, capoeira, coco de roda, contação de histórias. Assim, vão acessando memórias, apropriando-se do lugar, procurando criar suas próprias narrativas e formas de produzir e partilhar aprendizados, construindo um ambiente cultural plural a partir da realidade concreta em que vivem, buscando integrar saberes de tradição oral e de tradição escrita em rodas que entrelaçam diferentes gerações, concretizando práticas que ocupam o cotidiano com movimentos brincantes da alegria, festa, liberdade, sonhos, utopias e de forte relações de cuidados com o ser humano e o meio ambiente.

A EVOT se revela um lugar onde a alegria e o abraço são tão importantes quanto um prato de comida e um tambor. Um lugar que busca a transformação da realidade a partir da vida que acontece no chão da comunidade, e onde o próprio espaço físico também reflete essas transformações quando toma novas formas porque cuida das necessidades frente às mudanças que ocorrem no cotidiano dos trabalhos.

Atualmente, por exemplo, está em construção um galpão, batizado de “Casa dos Tambores”, apropriado para os ensaios do grupo de percussão, que tem agregado um número cada vez maior de participantes (atualmente com 130 componentes), necessitando de um espaço mais amplo para as atividades de ensaios e construção de instrumentos.

Na EVOT são marcantes, também, as práticas que transcendem os muros da instituição e mobilizam experiências com intervenções em diversas áreas das políticas públicas, reivindicando e apontando caminhos para que estas sejam mais eficientes. Dessa forma, tem construído processos educativos inovadores no Vale do Gramame, se constituindo uma importante referência na comunidade e na cidade como um todo, destacando-se nas ações em defesa do meio ambiente e do rio Gramame, nos trabalhos com a Pedagogia Griô, cultura, educação e memória.

As práticas da entidade apontam para a desconstrução desse modelo neoliberal hegemônico excludente, no qual o individualismo é a regra. Exercita-se, com base na Pedagogia Griô, uma educação assentada na solidariedade, cooperação, na relação dialógica, na partilha de saberes entre as gerações, na valorização dos Mestres e Mestras de tradição oral, nos saberes e fazeres compartilhados.

Com a Pedagogia Griô, a EVOT tem construído uma prática com importantes referenciais de cultura, educação e saber local, entre os quais se destacam: 01) formação de professores e professoras das escolas públicas do Vale; 02) encontro de formação com os idealizadores da PG, Líllian Pacheco e Márcio Caires; 03) criação do grupo Tambores do Tempo, formado por 130 participantes, envolvendo crianças e adolescentes.; 04) criação do Museu Vivo Olho do Tempo; 05) criação da trilhas ecológicas e griôs; 06) realização de cortejos pelas ruas da comunidade, com cantos e batuques; 07) participação no Movimento Nacional da Ação Griô; 08) protagonismo dos educadores e educadoras da entidade; 09) protagonismo de crianças, adolescentes e jovens da comunidade; 10) protagonismo da entidade enquanto importante referência na Pedagogia Griô na cidade, para as pesquisas acadêmicas; 10) mapeamento dos quintais dos Mestres e Mestras de tradição oral da comunidade.

Portanto, num território que se apresenta marcado por negligências relacionadas às políticas públicas, a EVOT constrói um cotidiano com referenciais que vão procurando descolonizar as ideias, descortinar saberes e construir práticas com paradigmas que levem em conta o lugar de vivências dos sujeitos, esse território complexo, tecido com os fios da educação, da cultura e dos saberes locais, entrelaçando as singularidades e o diverso. Nesse sentido, é importante salientar que não encontrei, nem nos documentos nem nas falas, a expressão 'sujeito carente' de recursos e de saberes. No cotidiano, fica evidente um trabalho construído a partir da ideia de sujeitos abastecidos de saberes e de possibilidades alternativas.

É evidente, também, o desafio e a permanente busca para manter uma rede de articulação e apoio para a sustentabilidade da entidade. Nessa perspectiva, se destaca uma rede de apoiadores, além de uma forte relação entre a EVOT e os

artistas da cena cultural da cidade, que a apoiam com parcerias em diversos projetos da entidade. Dessa forma, a EVOT leva a termo “a importância do cultivo de redes de sustentação recíproca, de ajuda mútua, numa forma de pensar a sociabilidade que, parecendo derivar da própria forma de conhecer a realidade que todos compartilham, aponta para uma ética coletiva de solidariedade” (BEZERRA JUNIOR, 2006, p. 139/130).

Como educadora, insiro-me nas lutas por uma educação pública de qualidade, alimentando inquietações, esperanças e utopias na construção de novos paradigmas que apontem para “um pequeno mundo humano onde, em meio a outros símbolos de uma nova ordem, a palavra, o saber e a educação existam entre ofícios e trocas que tornem livres todos os homens” (BRANDÃO, 1984, p.5). Assim como se identifica nos processos e buscas da EVOT, que a educação pública possa construir caminhos para práticas pedagógicas gestadas na vida compartilhada dos sujeitos locais, compreendendo que é necessário desconstruir esse modelo de saber compartimentado em espaços e tempos estanques, que não levam em conta a vida que vibra no cotidiano da comunidade. Nessa perspectiva, considero que a escola pública e as organizações não governamentais são importantes referências de educação nos contextos locais, e um dos grandes desafios é fazer com que esses espaços diminuam cada vez mais a distância entre si.

Considero, assim, que a EVOT não é um espaço com atividades que completam a escola. É um lugar que tem vida própria, com uma dinâmica que acontece a partir dos movimentos das pessoas. Portanto, essa viva escola, ora estudada, pode contribuir com a discussão de processos através dos quais os sujeitos possam se descobrir e redescobrir a partir dos seus próprios contextos, apropriando-se de conhecimentos que estejam conectados com a realidade no qual estão inseridos (FREIRE, 1979). Também aponta caminhos para se pensar em estratégias em que os sujeitos locais também possam ocupar a escola pública para intercambiar saberes e fazeres, construindo processos movidos por seus referenciais identitários de cultura.

Dessa forma, considero que a Escola Viva Olho do Tempo é um espaço que precisa ser investigado com outras perspectivas do olhar, para que outras dimensões do seu trabalho possam ser reveladas. Assim, ampliar, também, os

estudos sobre o Vale do Gramame e sobre outras comunidades, vai revelando o local enquanto espaço identitário de vivência e sobrevivência, compreendendo que é nesse território que as pessoas dão sentido à sua existência, pensam e agem coletivamente nas suas diversidades e inteirezas, com o conhecimento por elas produzido para as suas possibilidades em lidar com a vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

- ANTÉRIO, Djavan. **Brincando na Roda dos Saberes: a Capoeira Angola e seu potencial educativo ecológico**. 2018 Tese (Doutorado em Educação) - .UFPB, João Pessoa, 2018.
- BEZERRA, Eutrópio Pereira. **Patrimônio cultural, Memória e Preservação: identificação e mapeamento dos bens culturais do Vale do Gramame, João Pessoa – PB**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – UFPB, João Pessoa, 2014.
- BEZERRA JÚNIOR, Benilton. Os porta-vozes da natureza e a prosa do mundo. In. MARTINS, Karla Patrícia Holanda (Org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Casa de Escola**. Campinas: Papyrus, 1984.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Viver de criar cultura, cultura popular, arte e educação. In, Silva, René Mari da Costa (Org.). **Cultura Popular e Educação: salto para o futuro**. TV Escola/SEED/MEC, 2008.
- CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança, Setembro, 2018.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: CosacNaify, 2002.
- CHAUÍ. Marilena. **Cultura e Democracia**. Salvador: Secretaria de Cultura e Fundação Pedro Calmon, 2009.
- COUTO, Jorge. **A Construção do Brasil: ameríndios, portugueses e africanos, do início do povoamento a finais de quinhentos**. Lisboa: Editora Cosmos, 1988.
- FERNANDES, Florestan. A educação em uma sociedade tribal. In. PEREIRA, Luiz e FORACCHI, Marialice. **Educação e sociedade: leituras de sociologia e história**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio do Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio do Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FURTADO, J. Ferreira. **Cultura e Sociedade no Brasil Colônia**. São Paulo: Atual, 2000.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de janeiro: LTC. 2008.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não-Formal e Cultura Política**. São Paulo: Cortez, 2001.

GONÇALVES, Luiz G. **Conhecimento do Mundo como Sabedoria de Vida na Cultura Popular: horizontes a partir da contribuição de Paulo Freire**. In LUCENA, Ricardo F. Et. Al. *Temas contemporâneos em educação*. João Pessoa: Editora UFPB, 2009, 13-32.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2006. (Série Monitoramento e Avaliação, 2).

LIMEIRA, Dôra. **O afetuoso livro das cartas**. João Pessoa: Ideia, 2015.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos: **Cultura Popular Urbana e Educação: o que a escola tem a ver com isso?** In, Silva, René Marc da Costa (Org.). *Cultura Popular e Educação: salto para o futuro*. TV Escola/SEED/MEC, 2008.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MUÑHOZ, César. **Pedagogia da Vida Cotidiana e Participação Cidadã**. São Paulo: Cortez, 2004.

MENDONÇA, Karla Jeniffer Rodrigues de. **No Tempo dos Tambores: os saberes ritmados pela infância na Escola Viva Olho do Tempo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UFPB, João Pessoa, 2018.

NEVES, V. F. A. **Pesquisa-ação e Etnografia: Caminhos Cruzados** – Pesquisas e Práticas Psicossociais, V.1, n.1, São João Del Rei, UFMG, 2006.

PACHECO, Líllian. **Pedagogia Griô: A reinvenção da roda da vida**. 2 ed. Lençóis/BA: Grãos de Luz e Griô, 2006.

PACHECO, Líllian e CAIRES, Márcio (Orgs.). **Nação Griô: o parto mítico da identidade do povo brasileiro**. Lençóis/BA: Grãos de Luz e Griô, 2006.

PACHECO, Líllian. **Escritas Griô**. São Paulo: USP, Diversitas, 2015.

RESTREPO, Eduardo. **Etnografía. Alcances**, técnicas y éticas/1.a ed. Lima: Fondo Editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2018.

ROCHA, Everaldo. P. Guimarães. **O que é Etnocentrismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988

SAMPIERI, Roberto Hernadez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. Porto alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Adeildo Vieira dos. **O Encontro Cultural do Vale do Gramame e sua importância para a transformação da realidade local**. Especialização em Arte, Educação e Cidadania – CINTEP, João Pessoa, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre ciências sociais**. Porto: Edições Afrontamento, 1987.

SANTOS, Maria Déa Limeira Ferreira dos. **Musiclube da Paraíba: Uma Prática Não Formal de Democratização da Arte e da Cultura**. Especialização em Fundamentos Metodológicos da Apreciação e Crítica no Ensino das Artes. Departamento de Artes da UFPB, 1997.

SANTOS, Maria Déa Limeira Ferreira dos ; OSMAR, Pedro. **Memórias do Futuro**. Vídeo documentário, João Pessoa: Funjope, 2010.

SANTOS, Maria Déa Limeira, TEIXEIRA, Penhinha e NOZI, Thiago. **Olho do Tempo: ecoeducação, cultura e memórias do Vale do Gramame**. João Pessoa: EVOT, 2018.

SILVA, Marisa. **O que vamos aprender hoje?** In, Silva, René Marc da Costa (Org.). Cultura Popular e Educação: salto para o futuro. TV Escola/SEED/MEC, 2008.

SILVA, René Mari da Costa: **Educação e escola nas festas da cultura popular**. In, Silva, René Mari da Costa (Org.). Cultura Popular e Educação: salto para o futuro. TV Escola/SEED/MEC, 2008.

SOUZA, Igor Alexandre Nascimento de. **Na confluência da roda: Educação Patrimonial, Diversidade Cultural e Pedagogia Griô**. Dissertação (Mestrado Profissional) – IPHAN, Rio de Janeiro, 2014.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

TOLENTINO, Átila Bezerra. **Espaços que Suscitam Sonhos: Narrativas de memórias e identidades no Museu Vivo Olho do Tempo** Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UFPB, João Pessoa, 2016.

Músicas citadas:

APENAS uma Flor. Compositora: W. Rodrigues. Colaboradores: B. Miranda e G. Lima. *In*: Mostra Musical Olho do Tempo, 2017.

COCO do Beija-Flor. Compositores: D. Amorim e R. Carlos. Colaborador: B. Miranda. *In*: Mostra Musical Olho do Tempo, 2017.

GUARAMAMO. Compositor: M. Dornellas, 2013.

TEM Dendê. Produção Coletiva. *In*: Encontro Cultural do Vale do Gramame. Colaborador: A. Vieira, 2008.

VALE Doci. Compositora: P. Teixeira. Compositores: I. Santana e A. Vieira, 2012.

VAMOS salvar o rio Gramame. Compositores: M. dos Santos; R. Abelardo; N. Kiarely; I. Carvalho; G. de França e M. Monique. Colaborador: A. Vieira. *In*: Mostra Musical Olho do Tempo, 2017.

Poesias citadas

SANTANA, Ivanildo. João Pessoa, 2010.

SANTANA, Ivanildo. João Pessoa, 2015.

PALHANO, Judite. **Ação Griô** (Poesia), João Pessoa, 2010.

EVOT. **Poesia Coletiva**. João Pessoa, 2018.

NOZI, Thiago. João Pessoa, 2018.

Documentos do acervo da EVOT que foram citados

Folder da Mostra Musical Olho do Tempo, 2017

Folders da Mostra Musical Olho do Tempo, 2018

PROGRAMA ECOEDUCAÇÃO, CULTURA, MEMÓRIA E TECNOLOGIA. EVOT, João Pessoa, 2017

ESCOLA VIVA OLHO DO TEMPO. **Relatório Técnico de Visita Familiar**. Gramame. João Pessoa, 2017/2018.

Vale do Gramame: memórias e vivências nos quintais dos mestres e griôs, Ponto de Cultura Olho do Tempo, João Pessoa, 2015.

Fotos de autoria de Thiago Nozi

<https://www.flickr.com/photos/olhodotempoescolaviva>

ANEXO A - ESCOLA VIVA OLHO DO TEMPO-COMBINADOS DE CONVIVÊNCIA

- 1-NÃO JOGAR LIXO NO CHÃO.
- 2-UMA VEZ POR MÊS, FAZER A MANUTENÇÃO DAS TRILHAS (TODOS PARTICIPAM).
- 3- RESPEITAR COLEGAS E EDUCADORES /TODOS SE RESPEITAREM.
- 4-AO ENTRAR NA ESCOLA, DEIXAR O CELULAR NA CAIXINHA e PEGAR NA SAÍDA.
- 5-DESCER NAS TRILHAS SÓ COM A PRESENÇA DOS EDUCADORES.
- 6-NÃO BAGUNÇAR NAS AULAS, NA FILA DO LANCHE E NEM NOS PASSEIOS.
- 7-NÃO AGREDIR VERBALMENTE, NÃO FALAR MAL, NÃO APELIDAR, NÃO CHAMAR PALAVRÕES.
- 8-CUIDAR DAS PLANTAS E DOS ANIMAIS
- 9-QUANDO USAR O BAINHEIRO, FECHAR A TAMPA DA PRIVADA, E DAR DESCARGA.
- 10-TODOS DEVEM COLABORAR PARA MANTER A SALA E TODOS OS ESPAÇOS DA ESCOLA LIMPOS E ORGANIZADOS.
- 11-NÃO JOGA LIXO NO RIO GRAMAME.
- 12-NÃO SENTAR NAS MESAS.
- 13- NO TEATRO NÃO PODE BRINCAR DE PIÃO, BOLA DE GUDE E FUTEBOL.
- 14-APÓS O LANCHE, SEMPRE ORGANIZAR AS CADEIRAS.
- 15-NÃO BAGUNÇAR QUANDO ESTIVER NO BEBEDOURO.
- 16-NÃO SUBIR NAS CADEIRAS NEM NOS CORRIMÕES.
- 17-NO CAMINHO QUANDO SAIR DA ESCOLA, NÃO JOGAR PEDRAS NAS FRUTEIRAS SEM PERMISSÃO.
- 18-CUIDAR DAS COISAS MATERIAIS E IMATERIAIS DA ESCOLA.
- 19-NÃO LAVAR AS MÃOS NEM A CABEÇA NO BEBEDOURO.
- 20-NÃO SOLTAR PUM DURANTE AS AULAS E NEM EM PÚBLICO.
- 21-RESPEITAR O QUE A PESSOA ESTA FALANDO. SABER OUVIR
- 22-CHEGAR NOS HORÁRIOS COMBINADOS.
- 23-PARTICIPAR DAS OFICINAS E ATIVIDADES
- 24-NAS FESTAS TODOS DEVEM COLABORAR PARA MANTER O ESPAÇO LIMPO, JOGAR O LIXO NO LOCAL ADEQUADO.
- 25-NÃO ENTRAR NO FACEBOOK DURANTE A AULA DE INFORMÁTICA SEM A PERMISSÃO DO EDUCADOR.
- 26-NÃO RISCAR AS PAREDES E MESAS
- 27- NÃO COMER DURANTE AS AULAS.
- 28- CONVOCAR A RODA QUANDO FOR NECESSÁRIO.
- 29- EVITAR DESPERDÍCIO DE ALIMENTOS.

O QUE ACONTECE QUANDO QUEBRAMOS OS COMBINADOS?

A RODA DECIDE:

- FICAR FORA DE UM PASSEIO
- FICAR SEM AULA DE INFORMÁTICA
- FICAR SEM PULAR CORDA E SEM CONTROLE
- FICAR SEM FUTEBOL

ANEXO B - ROTEIRO DAS TRILHAS ECOLÓGICAS E GRIÔS

-Trilha Olho d'água no Olho do Tempo - 01) Acolhida na Escola Viva Olho do Tempo, realizada pelos educadores/as, com roda brincante e dança embalada pelas cantigas da cultura local e pelos batuques dos tambores; 02) Contação de história das lendas e mitos do Vale do Gramame, com educadores/as e mestres de tradição oral; 03) Conhecendo o Museu Olho do Tempo, com visita e roda de conversa no museu da EVOT; 04) Trilha ecológica, com vivências ambientais e informações sobre a flora e a fauna local. 05) Lanche: Fornecido pelos moradores, fortalecendo o comércio local e a culinária local, com vendas de bolos de mandioca e macaxeira, mungunzá, tapioca, acompanhado de um suco da fruta e um cafezinho. Se os participantes forem estudantes de escolas públicas, o lanche é previsto no projeto e, portanto, fornecido gratuitamente. 06) Despedida e encerramento, com roda de ciranda, maracatu e coco de roda.

-Trilhas do Quilombo Mituaçu - 01) Acolhida na Escola Viva Olho do Tempo (como já descrita acima). 02) Locomoção de ônibus até o Quilombo do Mituaçu, chegando no quintal de seu Félix, para um passeio no rio Jacoca, com contação de causos e histórias do rio. 03) Recreação no campinho de Mituaçu, com brincadeiras populares de barra bandeira, travinha, pula corda, entre outras. 04) Lanche, com suco de fruta da época, acompanhado de sanduiche caseiro, bolo de macaxeira, mandioca, milho ou cenoura feito na comunidade. 05) Roda de conversa com mestre mateiro Zé Pequeno, sobre ervas e plantas. 06) Contação de história e almoço no Quintal Cultural Raízes Negras, espaço de celebração das culturas populares, com danças e roda de contação sobre as histórias do quilombo. 07) Despedida e encerramento (como já descrita no item anterior).

-Trilha Griô no Vale do Gramame - Seguindo o mesmo modelo dos roteiros anteriores, essa trilha é realizada através de um percurso feito de ônibus, iniciando em Engenho Velho, com uma acolhida no quintal de seu João da Penha e Dona Ciça, Cirandeiros do Vale do Gramame. Depois, segue para Gramame, para visita à trilha e ao museu da EVOT, e depois para uma visita ao rio Gramame. Em seguida, vai para o quilombo de Mituaçu, onde são realizadas vivências com o mestre mateiro Zé Pequeno.

ANEXO C - METODOLOGIA DA MOSTRA MUSICAL OLHO DO TEMPO E MÚSICOS PARTICIPANTES NOS ANOS DE 2017 E 2018

Mostra Musical Olho do Tempo

Esses conteúdos são vivenciados ao longo do ano letivo e, para a Mostra Musical, são expressados em poemas e em seguida transformadas em músicas. Os padrinhos e madrinhas são músicos parceiros da EVOT que estão sempre colocando voluntariamente a sua arte à disposição das ações desenvolvidas pela entidade. Então, a partir dessa relação de parceria já construída, a EVOT faz o convite e, quando o artista confirma a disponibilidade, é construído um cronograma de trabalho dentro das suas possibilidades de horários para os diversos encontros na EVOT com seus respectivos afilhados e afilhadas. Todo o resultado desse trabalho é apresentado no Teatro Santa Roza, com entrada franca, com ampla divulgação na imprensa local e nas redes sociais, e grande mobilização, inclusive com ônibus alugado, para facilitar a presença dos familiares. Nessa apresentação, cada grupo de crianças e adolescentes canta com seu respectivo padrinho, acompanhado de uma banda base, composta por baixo, bateria, teclado e guitarra, também com músicos voluntários. Para esse projeto, também houve articulação com a UFPB para filmagem, e com o Estúdio de Peixe-Boi, importante estúdio de gravação da cidade, para a captação do áudio, assim, a entidade planeja mobilizar recursos para produzir CD's ou DVD's com as músicas apresentadas. Todos os gestores da entidade se envolvem, assumindo as tarefas necessárias ao longo do processo. A Mostra Musical Olho do Tempo, nos dois anos consecutivos, contou com a contribuição e parceira, enquanto padrinhos e madrinhas, de importantes nomes da cena musical da cidade que, mesmo com suas demandas de trabalho, se disponibilizam para, ao longo de dois meses, estarem na EVOT semanalmente produzindo as composições com a meninada, participando de ensaios gerais nos finais de semana, e também participando da apresentação.

No ano de 2017, participaram da Mostra: Sandra Belê, Glaucia Lima, Adeildo Viera, Luis Carlos Otávio, Pedro Índio, Chico Limeira, Regina Limeira, Clara Bione, Henrique Ornellas, Anderson França, Yuri Carvalho, Ângela Gaêta e Eliza (Grupo Maracastelo), Priscilla Santana, Grupo Boi da Loca, Déa Limeira, Bruno Miranda, Titá Moura e Débora Malacar.

No ano de 2018, a Mostra contou com as seguintes participações: Clara Bione, Nathalia Bellar, Regina Limeira, Polyana Resende, Grupo Tanto Canto (Danielly Dantas, Mari Duarte, Jinarla Pereira), Evla Bertoldo, Tony Leon, Toni Silva, Dj Guirraíz, Helton Souza, Renato Nogueira, Adeildo Vieira, André Moraes, Bruno Miranda, Chico Limeira, Yuri Carvalho, Henrique Ornellas, Rudá Barreto, Uaná Barreto, Lue Maia.

ANEXO D - ARTICULAÇÕES, MOBILIZAÇÃO E PARCERIAS REALIZADAS EM 2018

- Parceria com a Prefeitura Municipal de João Pessoa - PMJP, através do edital do Serviço de Convivência – SEDES.
- Parceria com o Conselho Municipal da Criança e do Adolescente – CMDCA para a realização do Projeto Mostra Musical do Vale do Gramame.
- Parceria com a empresa Paladino/Pista de Kart.
- Parceria com a CEJUB/Governo do Estado, na Colônia de Férias, no mês de junho, com atividades de recreação e esporte.
- Parceria com a Secretaria Estadual de Educação, através do PRIMA/Programa de Inclusão Através da Música e das Artes, com aquisição de instrumentos e com educadores para as oficinas de trombone, trompete, bombardino e tuba.
- Parceria com a Clínica-Escola, da Faculdade de Medicina FACENE e FAMENE, para exames de hemograma e tipos sanguíneos das crianças e adolescentes, com vista à emissão de RG e CPF.
- Parceria com uma professora da UFPB do curso de turismo para formação capacitação do gestor Ivanildo, para aprofundamento do trabalho com as trilhas ecológicas e griôs.
- Parceria com a Fundação SOS Mata Atlântica, no apoio do acompanhamento das condições da água do Rio Gramame, realizada pelas crianças e o educador Ivanildo.
- Lançamento do Livro “Olho do Tempo: ecoeducação, cultura e memórias do Vale do Gramame” através do fundo de Incentivo à Cultura/FIC/Governo do Estado da Paraíba.
- Entre os meses de maio e agosto recebemos mais 5 voluntários: um professor de Teatro, um aluno do curso de Biologia e mais três arquitetos que estão organizando o novo pastilhamento da escola e ampliação da exposição de nosso museu.
- Foi realizada uma matéria exclusiva do projeto Gramame: O Vale da Esperança, veiculada pela TV Globo local, que ampliou a visibilidade da instituição, o que possibilitou a chegada de novos parceiros, doadores e voluntários.
- Fortalecimento da parceria com as Escolas Municipais do Vale do Gramame, em João Pessoa: nas comunidades Gervásio Maia, Gramame, Irmã Dulce, Colinas do Sul II, sendo elas Escola Municipal Lucia Geovana, Escola Municipal Fernando Milanez, Escola Municipal Raimundo Nonato. Parceria também com a Escola Municipal Ovídio Tavares de Moraes, localizada na comunidade quilombola de Mituaçú, no município do Conde, destacando a parceria para o último trimestre nas atividades de leitura itinerante e contação de história.
- Articulação com o mandato da deputada Estela Bezerra, na Assembleia Estadual e com o mandato do vereador Tibério Limeira, na Câmara Municipal de João Pessoa, para a realização da audiência pública sobre o rio Gramame.

- Realização de 06 reuniões com o Ministério Público estadual e federal, para articulações e mobilizações sobre o rio Gramame, e apresentação de projetos para o Fundo de Direitos Difusos.

17- Entre os meses de maio e agosto foram totalizadas 14 apresentações externas em eventos de entidades diversas, envolvendo todas as 130 crianças que se apresentaram no grupo de percussão Tambores do Tempo e no grupo de Capoeira da instituição. As apresentações aconteceram em escolas, teatros, praças, ruas e festivais.